

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

EZEQUIEL HANKE

O ESPÍRITO SANTO NA TEOLOGIA DE LUTERO E CALVINO

São Leopoldo

2015

EZEQUIEL HANKE

O ESPÍRITO SANTO NA TEOLOGIA DE LUTERO E CALVINO

Dissertação de Mestrado
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Área de concentração: Teologia e História

Orientador: Dr. Rudolf von Sinner

São Leopoldo

2015

EZEQUIEL HANKE

O ESPÍRITO SANTO NA TEOLOGIA DE LUTERO E CALVINO

Dissertação de Mestrado
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Área de concentração: Teologia e História

Data: 18/08/2015

Rudolf von Sinner – Doutor em Teologia – EST

Wilhelm Wachholz – Doutor em Teologia – EST

Ronaldo Cavalcante - Doutor em Teologia – Faculdade UNIDA

Quem Sou Eu?

Quem sou eu? Seguidamente me dizem
que saio da minha cela
tão sereno, alegre e firme
qual dono de um castelo.

Quem sou eu? Seguidamente me dizem
que da maneira como falo
aos guardas, tão livremente,
como amigo e com clareza
parece que esteja mandando.

Quem sou eu? Também me dizem
que suporto os dias do infortúnio
impassível, sorridente e com orgulho
como alguém que se acostumou a vencer.

Sou mesmo o que os outros dizem de mim?
Ou apenas sou o que sei de mim mesmo?
Inquieto, saudoso, doente,
como um passarinho na gaiola,
sempre lutando por ar, como se me sufocassem,
faminto de cores, de flores, às vezes de pássaros.
Sedento de palavras boas, de proximidade humana,
tremendo de ira a respeito da arbitrariedade
e ofensa mesquinha,
nervoso na espera de grandes coisas,
em angústia impotente pela sorte de amigos distantes,
cansado e vazio até para orar, para pensar, para produzir,
desanimado e pronto para me despedir de tudo?

Quem sou eu? Este ou aquele?
Sou hoje este e amanhã um outro?
Sou porventura tudo ao mesmo tempo?
Perante as pessoas um hipócrita?
E um covarde, miserável diante de mim mesmo?
Ou será que aquilo que ainda em mim perdura,
seja como um exército em derradeira fuga,
à vista da vitória já ganha?

Quem sou eu?
A própria pergunta nesta solidão
de mim parece pretender zombar.
Quem quer que sempre eu seja,
tu me conheces, ó meu Deus,
SOU TEU.

(Poema de Dietrich Bonhoeffer, escrito na prisão em julho de 1944)

AGRADECIMENTOS

- Agradeço de coração às pessoas que me acompanharam e inspiraram durante esta caminhada de pesquisa. De forma especial:

Aos meus pais, Danilo e Iria A. Hanke, e à minha irmã, Daiana A. Hanke, por todo incentivo e apoio concedido para que pudesse estudar.

À Comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Linhas 15 de Novembro (Ubiretama/RS), na qual fui batizado e que me enviou para o estudo da teologia em 2008. Agradeço por todo apoio, motivação carinho e sustento!

Ao meu orientador de estágio, P. Ms. Marcos Jair Ebeling – por me ensinar a ver sempre a relação entre reflexão teológica e práxis comunitária.

Ao P. Ms. Celso Gabatz – por toda inspiração para ao estudo da teologia e pela amizade.

De forma muito especial, ao meu orientador, Prof. Dr. Rudolf von Sinner, pela paciência, cuidado e motivação para a pesquisa, que vem desde a graduação em teologia. Em nome dele, agradeço ao corpo docente, discente e funcionários da Faculdades EST – instituição que me ensinou a pensar teologia contextualizada e sensível à vida! Instituição que ensina a perspectiva e prática do cuidado, da alteridade e do amor. A tudo isso sou muito grato!

Igualmente à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) dirijo meus sinceros agradecimentos, pela bolsa de estudos que possibilitou a realização da pesquisa.

Enfim, aos amigos e amigas, parceiros e parceiras de caminhada e labor: muito obrigado!

RESUMO

Abordamos neste trabalho o Espírito Santo na teologia de Lutero e Calvino. Passamos pelo embate de Lutero com os entusiastas até o contexto de Calvino em Genebra para destacar as influências do contexto no pensamento teológico dos respectivos reformadores. Por meio da pesquisa bibliográfica, apontamos especificamente para o relacionamento entre Espírito Santo e espírito humano. Destacam-se nesse sentido, escritos dos reformadores acerca do tema, bem como, a recepção posterior, por teólogos. Também a contribuição para a interpretação da realidade religiosa brasileira é trazida à luz em alguns aspectos do trabalho. O primeiro capítulo aborda o Espírito Santo enquanto um desafio, apontando para as implicações e problemas no relacionamento entre Espírito Santo e espírito humano. No segundo capítulo, está abordado o contexto de Lutero, ou seja, o embate com os entusiastas, especialmente com Andreas Bodenstein von Karlstadt e Thomas Müntzer, e o entendimento de Lutero acerca da ação do Espírito Santo no crente. O terceiro capítulo evidenciará a concepção de Calvino acerca do tema, onde apontaremos em alguns aspectos para semelhanças e divergências de Calvino com Lutero. Na parte final do trabalho faremos o movimento de retomar as teses centrais dos reformadores, bem como, nos perguntaremos pelo resultado desta pesquisa.

Palavras-chave: Lutero. Calvino. Espírito Santo. Antropologia

ABSTRACT

In this work we approach the Holy Spirit in Luther's and Calvin's theology. We go through Luther's shock with the enthusiasts until Calvin's Geneva context to highlight the influences of the context in the theological thinking of the respectful reformers. Through a bibliographical research, we specifically point to the relation between the Holy Spirit and the human spirit. Therefore, writings of the reformers on the theme are highlighted, as well as the posterior reception by theologians. Contribution for the interpretation of the Brazilian religious reality is also brought to light in some aspects of the work. The first chapter addresses the Holy Spirit as a challenge, pointing to the implications and problems of the relationship between the Holy Spirit and the human spirit. On the second chapter, Luther's context is addressed, that is, the shock with the enthusiasts, specially Andreas Bodenstein von Karlstadt and Thomas Müntzer, as well as Luther's understanding of the action of the Holy Spirit in the believer. The third chapter will evidence Calvin's conception on the theme, where we will point to some aspects of similarity and divergence of Calvin to Luther. In the final part of the work, we will make the movement of retaking the central thesis of the reformers, as well as asking ourselves for the result of the research.

Keywords: Luther. Calvin. Holy Spirit. Anthropology.

LISTA DE ABREVIATURAS DE REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- OSel** – LUTERO, Martinho. Obras selecionadas [em português]. São Leopoldo-Porto Alegre: Sinodal-Concórdia, 1987-. 12 v. [até o momento]
- WA** – D. Martin LUTHERs Werke; kritische Gesamtausgabe [edição crítica nos idiomas originais: latim e alemão; edição de Weimar = "Weimariana"]. Weimar : Hermann Böhlau, 1983-. 109 v. [até o momento]
- Inst.** – CALVINO, João. *A instituição da religião cristã*. São Paulo: UNESP, 2009. Tomo I e II; CALVIN, Johannes. *Unterricht in der christlichen Religion*. Nach der letzten Ausg. von 1559 übers. und bearb. von Otto Weber. Im Auftr. des Reformierten Bundes bearb. und neu hrsg. von Matthias Freudenberg. 2. ed. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 2009.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. O ESPÍRITO SANTO PODE SER CONSIDERADO UMA AMEAÇA?.....	17
1.1 O Espírito Santo - uma ameaça às Escrituras?.....	17
1.2 O Espírito Santo - uma ameaça a doutrina?.....	19
1.3 O Espírito Santo - uma ameaça à Palavra e Sacramentos?.....	21
1.4 O espírito humano - uma ameaça à ação do Espírito Santo?.....	23
2. O ESPÍRITO SANTO NO ENTENDIMENTO DE LUTERO.....	29
2.1 A polêmica com o entusiasmo	30
2.1.1 A discussão com André Bodenstein Karlstadt (1480-1541)	31
2.1.2 A discussão com Tomas Müntzer (1489-1525).....	34
2.2 A Palavra a fé e o Espírito Santo	37
2.3 O Espírito e a Palavra.....	39
2.3.1 Letra e Espírito.....	40
2.3.2 Lei e Evangelho.....	41
2.4 A fé.....	44
2.4.1 A fé e a palavra de Deus.....	44
2.4.2 A fé e a experiência.....	46
2.5 O Espírito e os Sacramentos.....	48
2.5.1 A fé e a palavra de Deus.....	48
2.5.2 A fé e a experiência.....	49
2.6 Considerações finais.....	51
3. O ESPÍRITO SANTO NO ENTENDIMENTO DE CALVINO.....	52
3.1 Considerações preliminares.....	52
3.2 A mais nobre obra do Espírito Santo: a fé.....	55
3.2.1 A fé é conhecimento e confiança – inclui mente e coração.....	56
3.2.2 A fé – um caminho para o céu.....	61
3.3 O caminho para a justificação/santificação: a regeneração.....	64
3.3.1 A obra do Espírito Santo na regeneração: penitência.....	65
3.4 Justificação e Santificação.....	66
3.4.1 Justificação	67

3.4.2 Santificação.....	70
3.4.3 Aspectos da santificação a considerar.....	73
3.4.4 A relação entre justificação e santificação.....	74
3.4.5 As boas obras enquanto “fruto” do Espírito Santo.....	75
3.5 A vida santificada.....	76
3.6 Considerações finais.....	77
CONCLUSÃO.....	79
REFERÊNCIAS.....	81

INTRODUÇÃO

Se o homem [ser humano] não estiver disposto a tomar uma resolução decisiva, se ele quiser enganar a Deus e evadir-se da aventura em que o homem ousa sair para fora, perdendo de vista toda sabedoria e qualquer probabilidade, sim, desfazendo-se da razão ou dos hábitos ideativos do mundo; se ele quiser, por assim dizer, tentar sorrateiramente chegar ao conhecimento de algo experimentável, sem pelo menos ter dado o primeiro passo, e, assim, transformar uma certeza infinita em uma finita, então o discurso de nada lhe adiantará. Existe uma perversão que quer colher antes de ter semeado, existe uma covardia que gostaria de ter certeza antes mesmo de se por a caminho, existe uma sensibilidade que sempre de novo, com palavras elaboradas, se fecha à ação; mas, de que valeria ao homem se quisesse lograr a Deus com sua ambigüidade [sic], se o quisesse tornar provável, sem que quisesse entender o inverossímil [sic]: que é preciso perder tudo para ganhar tudo (cf. Mc. 8,35; Lc. 9,24)...

Mas o risco é a verdade que confere peso e sentido à existência humana. O risco é a fonte do entusiasmo, enquanto que a probabilidade é o inimigo número um do entusiasmo, ela é a ilusão com que o homem sensual mata o tempo e expele o eterno, a ilusão com que ele engana a Deus, a si próprio da aniquilação salvadora e o gênero humano da igualdade de condição.¹

Com este fragmento da autoria do filósofo e teólogo dinamarquês, *Søren Kierkegaard*, damos início à nossa reflexão sobre o relacionamento entre o Espírito Santo e a vida do crente no entendimento de Lutero e Calvino. Observar o relacionamento entre o Espírito de Deus e ser humano não é apenas uma pergunta teológica abstrata, mas é também o falar acerca da experiência com Deus que se manifesta de forma concreta na vida humana.

O presente trabalho aponta para um tema amplo e complexo, no entanto, o fato de ocupar-se com esta relação entre Espírito Santo e espírito humano significa também ocupar-se com a própria existência e com a verdade do Evangelho. Nesse sentido, esta pesquisa apresenta ao mesmo tempo um traço bem pessoal, pois falar sobre o Espírito Santo envolve de alguma forma a nossa própria relação com o sagrado, o divino.

É preciso mencionar desde já que a relação humana com o Espírito Santo foi alvo de divergências em todos os tempos. Não somente no período da Reforma na Europa, mas também na atualidade o Espírito Santo vem sendo fator de controvérsias. Ao verificarmos, por exemplo, o cenário religioso atual em que igrejas afirmam-se pautadas pelo contato e ação direta do Espírito Santo, nossa tese já se confirma, de que o tema é desafiador e inquietante.

Ao mesmo tempo, analisar a relação entre o Espírito Santo e espírito humano requer olhares sóbrios. Desse modo, também nós nesta abordagem não podemos nos afirmar livres

¹ KIERKEGAARD, 1844 *apud* BRANDT, Hermann. *O Espírito Santo*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1985. p. 6.

de certo entusiasmo² do qual fala Kierkegaard e contra o qual lutavam Lutero e Calvino, afinal, também nós somos filhos e filhas de Adão. Lutero foi quem afirmou que o entusiasmo está dentro de Adão e seus filhos.³

É nos reformadores, Lutero e Calvino, que buscamos base para criteriosa avaliação, já que vivemos uma espécie de fenômeno da efervescência religiosa, e, nesse sentido, os espíritos são muitos.⁴ É necessário discernir!

Numa rápida análise é possível verificar o tema dos muitos espíritos em dezenas de passagens bíblicas: as Escrituras nos confirmam, por exemplo, que Jesus lutava com os espíritos imundos (Mc. 1.23; Mc 9.25); demoníacos ou humanos (1 Co 2.11); Jesus expelle os espíritos e cura doentes (Mt. 8.16), entre outras passagens. Por isso é preciso estar atento e vigilante para que nenhum espírito venha a guiar a vida humana que não seja o Espírito do Cristo.

Conste também, que não é nosso objetivo fazer a “verificação luterana ou calvinista” do relacionamento entre o Espírito do Cristo e o espírito humano, antes, queremos destacar como chega o Espírito na vida do crente e qual a função do crente neste relacionamento.

Entendemos que o Espírito Santo de Cristo torna-se presente na vida do crente na mensagem que o segura na vida e na morte, dá esperança, orientação para a vida, ânimo novo, e é aquele que “[...] me chamou pelo Evangelho, iluminou com seus dons, santificou e conservou na verdadeira fé.”⁵ Nesse sentido o Espírito Santo precisa, portanto, ter testada a sua “identidade”, o que também queremos evidenciar neste trabalho.⁶ Como alcançar o discernimento?

Não nos resta dúvida de que na atualidade pessoas fazem diversas experiências com o Espírito Santo. A experiência é um aspecto bastante importante na vida de qualquer pessoa cristã.⁷ A Palavra de Deus atinge o ser humano pelo viés empírico e intelectual de forma simultânea. Por isso, não há nenhum equívoco em se ter uma “experiência cristã”. Ela

² Risco também apontado por FISCHER, Joachim. O homem – um entusiasta? A atualidade do tema em Lutero e os entusiastas. In: DREHER, Martin N. (Org.). *Reflexões em torno de Lutero*. São Leopoldo: Faculdade de Teologia, 1981. v. 1, p. 49-69.

³ Lutero afirmara que “[...] o entusiasmo está dentro de Adão e de seus filhos desde o início até a consumação do mundo”, Cf. LUTERO, Martinho. Os artigos de Esmalcalde (1537). In: *Livro de Concórdia: as Confissões da Igreja Evangélica Luterana*. Editado por Darci Drehmer, tradução e notas de Arnaldo Schüller. 6. ed. Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: Sinodal, Canoas: Editora da Ulbra, 2006. p. 305-341 à p. 336.

⁴ Cf. p. ex. GUTIÉRREZ, Benjamin F.; CAMPOS, Leonildo Silveira. *Na força do espírito: um desafio às igrejas históricas*. São Paulo: Associação Evangélica Literária Pendão Real, São Bernardo do Campo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1996. 290 p.

⁵ LUTERO, Martinho. Catecismo menor (1529) In: *Livro de Concórdia*, 2006. p. 363- 384, à p. 371.

⁶ Observe-se nesse sentido o artigo de BRAKEMEIER, Gottfried. O Espírito Santo e a Igreja luterana. In: *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 40, n. 2, p. 5-10, ago. 2000.

⁷ WELKER, Michael. *O Espírito de Deus: Teologia do Espírito Santo*. Trad. Uwe Wegner. São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 15.

constitui um aspecto essencial da vida, justamente por ser uma experiência e, portanto, é legítima. No entanto, a experiência não é teologia, mas ela torna-se teologia a partir do momento em que se busca avaliá-la, interpretá-la, ou então, “teologizá-la”.

Toda experiência, conforme Otto, contém algo de “totalmente outro”⁸, de forma que o ser humano experimenta a presença do espírito, ainda que dele mesmo, como algo que transcende para dentro da sua realidade de vida. É nesse sentido que o movimento carismático representa uma ameaça⁹ para a existência das Igrejas históricas, sendo que, Igrejas de cunho pentecostal e neopentecostal são as que mais se difundiram mundo afora nas últimas décadas.¹⁰

Conforme o Censo de 2010, no Brasil aproximadamente 22% da população considera-se pertencente a uma Igreja evangélica, em grande parte, de cunho pentecostal.¹¹ Concomitantemente ao avanço dessas Igrejas de cunho pentecostal e neopentecostal, pode-se também verificar uma espécie de “pentecostalização” de Igrejas históricas (protestantes), no entanto, mais comum está sendo o surgimento ou então o fortalecimento de movimentos carismáticos no meio delas.¹² O contexto religioso atual é, portanto, um verdadeiro desafio

⁸ O teólogo Rudolf Otto no seu livro [OTTO, Rudolf. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. Trad. Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, EST; Petrópolis: Vozes, 2007. 224p.] analisa a realidade do Sagrado em elementos racionais e irracionais, onde os aspectos são descritos como “*mysterium*”. O numinoso é, portanto, algo fascinante e assombroso, algo que não é possível localizar no sentido racional. O autor busca elementos do numinoso e do Sagrado presentes na Bíblia (em especial: AT nos profetas e NT em Jesus) bem como, também na teologia de Martim Lutero, especialmente na sua mística e pneumatologia. O teólogo Karl Barth falava do *totaliter aliter* (totalmente outro) e defendia por meio do método dialético, pelo qual quis se distanciar da experiência subjetiva e focar à revelação de Deus. Defendeu, assim, o conhecimento de Deus por meio da fé. Cf. ZILLES, Urbano. *O problema do conhecimento de Deus*. 2. ed. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 1997. p. 40-43.

⁹ Welker aponta que os motivos do crescimento de movimentos carismáticos mundo afora geralmente não são facilmente assimilados por pessoas de fora do movimento. Por isso expressões carismáticas são facilmente repudiadas por pessoas de fora. Cf. WELKER, 2010. p. 20-21.

¹⁰ O sociólogo Paul Freston aponta para o pluralismo, a secularização e a democracia como grandes desafios para a religião: “É difícil manter a hegemonia na sociedade civil porque ela é cada vez mais independente, autônoma e plural. Assim, as ditaduras, mesmo aquelas que perseguiram a Igreja, eram situações mais favoráveis para a manutenção da posição social da Igreja.” VARGAS, Greyce; FRESTON, Paul. *Protestantismo e catolicismo na América Latina: desafios da democracia e do pluralismo religioso*. Entrevista. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3791&secao=358> (Acesso em fevereiro de 2015)

¹¹ Conforme dados do INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Censo demográfico 2010*. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: 2010, p. 93. Observe-se também o trabalho conjunto de: BARTZ, Alessandro, BOBSIN, Oneide e SINNER, Rudolf von. *Mobilidade religiosa no Brasil: conversão ou trânsito religioso?*. In: REBLIN, Iuri Andréas; SINNER, Rudolf Eduard von (Orgs.). *Religião e sociedade: desafios contemporâneos*. São Leopoldo, RS: Faculdades EST, Sinodal, 2012. p. 231-268

¹² Observe-se essa tensão com movimentos carismáticos, a exemplo da IECLB conforme ALTMANN, Walter; BOCK, Carlos Gilberto; HASENACK, Johannes Friedrich. *Batismo: diálogo com o Movimento Carismático na IECLB*. Porto Alegre: IECLB, 2006. 155 p. (Documentos da Presidência II). Observe-se também os textos de PEDDE, Valdir. Apontamentos sobre o surgimento do Movimento Carismático (Movimentos de Renovação Espiritual) na IECLB. *Estudos Teológicos*, v.42, n.3, p. 29-51, 2002; JENSEN, Richard A. *O*

para as Igrejas históricas. Também não é por acaso que o tema do Espírito Santo é complexo e traga embaraço para Igrejas e teólogos.

Ao mesmo tempo, causa estranhamento o fato de que na atualidade há pouco interesse em pesquisas no âmbito da pneumatologia, ao menos, no contexto brasileiro, justo onde em grande medida, pessoas compreendem sua vida pautada e guiada pelo “Espírito” pentecostal, retomando o último Censo.¹³ Queremos, por isso, verificar em que sentido o Espírito Santo ameaça, e o que é de fato ameaçado com a sua “ação”.¹⁴

Nosso objetivo será analisar de que forma se dá a ação do Espírito Santo no crente a partir de escritos de Lutero e Calvino. Para tanto, faz-se necessário analisar os respectivos contextos e influências sobre a teologia pneumatológica dos reformadores. Müntzer e Karlstadt, por exemplo, alegavam ser inspirados diretamente pelo Espírito Santo, dando a entender que Lutero não conferia espaço à experiência e à liberdade do Espírito. Esse tipo de divergência influenciou em grande medida a teologia de Lutero e Calvino.

Calvino, por sua vez, expressava grande apreço pela teologia de Lutero e Melanchthon, no entanto, constatava deficiências em alguns aspectos da sua teologia. No que tange à relação entre justificação e santificação veremos estas semelhanças e divergências. Calvino procurou nesse sentido, “corrigir” o que avaliava ser deficitário na teologia de Lutero conforme suas convicções pessoais em consonância com o seu contexto em Genebra.

Trataremos, entretanto, na primeira parte deste trabalho, dos principais desafios acerca do que envolve a experiência do ser humano no relacionamento com o Espírito Santo, bem como, apontaremos para as implicações desse relacionamento. O ponto de partida da problematização se dará a partir do pressuposto básico da Reforma – a Escritura. Além da Escritura, verificaremos em que medida o Espírito Santo pode ser uma ameaça para a doutrina, para a pregação da Palavra e administração dos sacramentos, e, por fim, numa inversão discutiremos o espírito humano enquanto ameaça para a livre ação do Espírito Santo.

No segundo capítulo nos ocuparemos inicialmente com o embate entre Lutero e os entusiastas, discussão esta que influenciou radicalmente na pneumatologia de Lutero. Na

toque do espírito: a luta de um homem para compreender a sua experiência com o Espírito Santo. São Leopoldo: Sinodal, 1985.

¹³ Observe-se pesquisas sobre o tema pelo viés sociológico, como por exemplo: PASSOS, João Décio. *Como a religião se organiza: tipos e processos.* São Paulo: Paulinas, 2006. 142 p.; PASSOS, João Décio. (Org.). *Movimentos do Espírito: matrizes afinidades e territórios pentecostais.* São Paulo: Paulinas, 2006. 272 p.

¹⁴ A abordagem de Hermann Brandt nos auxiliará em grande medida na primeira parte deste trabalho pelo fato de ter discutido de forma pertinente o tema do Espírito Santo. Observe-se também o trabalho de: PLÁCIDO, Reginaldo Leandro. *Na dimensão do Espírito: uma leitura do Espírito Santo na teologia pentecostal em interface com a teologia sistemática de Paul Tillich.* Dissertação (Mestrado em Teologia). São Leopoldo: Faculdades EST, 2008; ALBANO, Fernando. *O Espírito da vida: por uma pneumatologia pentecostal em diálogo com Paul Tillich.* Tese (Doutorado em Teologia). São Leopoldo: Faculdades EST. (em andamento).

sequência, veremos como Lutero concebe o Espírito na sua teologia e, de antemão, podemos afirmar que o único ponto de partida para o acesso da pneumatologia de Lutero é a partir da sua cristologia. Somente por meio de Cristo que Deus chega ao ser humano e pelo Espírito nos transmite a salvação que só há em Cristo. Em Lutero, a procura humana por Deus está excluída de forma radical; há apenas um inclinar de Deus para o ser humano. Veremos, contudo, que a salvação humana é unicamente mediada pelo Espírito do Cristo e não há cooperação humana nesse sentido.

No terceiro capítulo, o foco será especialmente a partir do terceiro volume das Institutas de Calvino para apontar quão importante função desempenha o Espírito Santo na teologia de Calvino. A pergunta pelo relacionamento entre ser humano e Cristo que se dá na relação com o Espírito Santo irá nos evidenciar a dimensão trinitária da pneumatologia de Calvino. Exporemos de que forma a justificação e santificação são obra do Espírito Santo no crente, mesmo após a regeneração/penitência.

O movimento final do nosso trabalho será apontar para contribuições e impulsos desta reflexão para o nosso contexto. Faremos isto considerando esse diálogo entre Lutero e Calvino. Em suma, nossa exposição não pretende ser exaustiva, apenas quer salientar aspectos importantes da teologia de Lutero e Calvino e oferecer algum estímulo para a análise do contexto atual, bem como, para a continuidade da reflexão. Faremos, nesse sentido, uma retomada dos aspectos centrais deste trabalho, para evidenciar os resultados deste trabalho de pesquisa.

1. O ESPÍRITO SANTO PODE SER CONSIDERADO UMA AMEAÇA?

Na primeira parte deste trabalho situaremos o Espírito Santo enquanto um desafio sob algumas ênfases, focando no relacionamento para com o ser humano. Consideramos os enfoques na sequência como centrais para adentrarmos na temática. Teremos enquanto pano de fundo, já neste primeiro capítulo, o pensamento dos reformadores, Martim Lutero e João Calvino, no entanto, um olhar específico será abordado nos capítulos seguintes.

1.1 O Espírito Santo – uma ameaça às Escrituras?

É pressuposto básico e comum da Reforma, que o Evangelho fundamenta a autoridade da Escritura.¹⁵ Ou seja, Palavra de Deus e Escrituras não possuem o mesmo significado. No entanto, a autoridade da Escritura parte da primazia da Palavra de Deus.¹⁶ Dessa forma, a Palavra encarnada na Escritura¹⁷ somente torna-se Palavra da salvação enquanto viva voz (*viva vox Evangelii*)¹⁸ à pessoa que ouve e nela crê, de modo que, Cristo torna-se critério para análise do conteúdo da Escritura.¹⁹

Com isso, revela-se a motivação dos reformadores no século XVI de preservar a primazia da Palavra – seja contra o entusiasmo²⁰ ou contra qualquer tipo de fundamentalismo/literalismo que amarra Deus ao “pé da letra”,²¹ Trata-se, nesses casos, de uma espécie de “intervenção” humana no sentido de limitar a autoridade da Escritura, a qual Deus expressou em Cristo à cristandade.²² Esta situação nos leva e aponta para a

¹⁵ FISCHER, Joachim. *Reforma: renovação da Igreja pelo evangelho*. São Leopoldo: EST, Sinodal, 2006. p. 19.

¹⁶ Cf. ALTMANN, Walter. *Evangelização: Reflexão a partir de Lutero e no contexto ecumênico protestante mundial*. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 16, n. 1, p. 18-29, 1976, à p. 20ss.

¹⁷ Observe-se que Lutero afirma “O Espírito Santo é o escritor mais simples que está no céu e na terra, razão pela qual também as suas palavras não podem ter, a não ser sentido simples, que chamamos de sentido escrito ou literal” [Der Heilig Geist ist der aller ehnstigtigst Schreiber und rether, der ynn hymell und erden ist, drumb auch seyne wortt nit mehr denn eynen einseltigsten sinn haben funden, wilchen wir den schriftlichen oder buschtabichen zungen yhn nennen”.] Cf. WA (Weimarer Ausgabe) 7, 650. 24ss. Lutero mais tarde será seguido por Calvino que ensina a inspiração verbal das Escrituras. O reformador rejeita completamente a tese de que a autoridade das Escrituras foi estabelecida pela Igreja, sendo que esta a tenha reconhecido como seu fundamento. Cf. Inst. I, VII, 4 “A principal prova da Escritura é que nela Deus fala pessoalmente.”

¹⁸ GUNNEWEG, Antonius H. J. *Hermenêutica do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, Escola Superior de Teologia, 2003. p. 50.

¹⁹ BRANDT, 1985. p. 11.

²⁰ Lutero mesmo chegou a reclamar dos “espíritos facciosos” que reivindicavam “a Palavra de Deus, a Palavra de Deus”, mas que dividiam o seu conteúdo. Cf. GEORGE, Timothy. *Teologia dos Reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1993, p. 81.

²¹ STROHL, Henri. *O pensamento da Reforma*. São Paulo: ASTE, 2004. p. 69.

²² O contato com a Bíblia é sempre o encontro entre dois espíritos, conforme Lutero.

dinamicidade da Palavra – que se revela na pregação, onde age o Espírito que (re)cria a fé, ao mesmo tempo, não se submetendo à disposição humana,²³ conforme aponta Welker:

O Espírito não se deixa apreender por modelos e formas de pensamento teológico que pretendem captar e representar rica e independentemente atuação das criaturas tomadas e unidas pelo Espírito com “*esquemas elementos-totalidade*”, bem como com concepções de unidade uniformes e unilateralmente hierárquicas.²⁴

Mesmo que as formulações teológicas fossem altamente ortodoxas, ainda assim é possível continuar afirmando a autoridade das Escrituras. Por outro lado, também estariam abrigadas formulações teológicas que apontam para o “contato direito” com o Espírito.²⁵ Nesse sentido, a questão é: como correlacionar a presença revelatória do Espírito com as chaves de interpretação que estão contidas na própria Bíblia? Como não suprimir sua autoridade?²⁶

Quanto à doutrina da inspiração verbal das Escrituras, conforme defendia, por exemplo, na “ortodoxia luterana”, incorreu-se no erro de “acorrentar” o Espírito à letra. Desapareceu a soberania do Espírito sobre a letra! Justamente por isso que a autoridade das Escrituras tornou-se fundamental, caso contrário, o Espírito não precisaria mais agir no presente e teria concluído a sua tarefa! Ou seja, na “ortodoxia” defendia-se que temos a Escritura, e o Espírito Santo estaria inserido no seu sistema dogmático.²⁷

Percebe-se, no entanto, dois movimentos que são ameaça para a Escritura: seja encarar o Espírito como sendo livre, a exemplo das Igrejas Pentecostais e Neopentecostais – o que poderia gerar uma atuação incontrollável e confusa do Espírito; bem como, o movimento de “amarrar” o Espírito à doutrina como forma de controle sobre sua atuação. Nesse sentido, Brandt afirma:

O espírito vivo de Deus representa uma ameaça para qualquer lei da fé, ele ameaça até mesmo a Bíblia na medida em que sua autoridade não consistir em seu conteúdo – o Evangelho de Jesus Cristo – mas for imposta por leis eclesiásticas e doutrinárias.²⁸

²³ Cria e recria a fé “onde e quando lhe apraz”. Cf. Artigo V da Confissão de Augsburg (1530) In: *Livro de Concórdia*, 2006, p. 23-93, à p. 30. Observe-se que mais tarde, no desenvolvimento posterior da teologia ortodoxa, Melanchthon omite estas palavras, na versão variata da Confessio Augustana (1540).

²⁴ WELKER, 2010, p. 43. (ênfase do autor)

²⁵ AULÉN, Gustav. *A fé cristã*. São Paulo: ASTE, 2002. p. 298-300.

²⁶ MUELLER, Enio R. *Teologia Cristã em poucas palavras*. São Paulo: Teológica; São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2005. p. 60s.

²⁷ BRANDT, 1985. p. 13.

²⁸ BRANDT, 1985. p. 14.

De certa forma, podemos afirmar que, a partir da Reforma, a interpretação da Bíblia dá-se em perspectiva cristológica. Cristo torna-se chave para interpretação das Escrituras. Tanto Lutero quanto Calvino defendiam a Bíblia com veemência e apreço, com o desejo de que esta fosse autoridade e “reinasse” sobre os crentes.²⁹

Vale lembrar também que a Bíblia possui também um caráter de autocrítica, pois, “[...] *nem tudo é palavra de Deus na Bíblia e nem tudo tem a mesma validade.*”³⁰ Com isso, apontamos para algo de suma importância: em Lutero e Calvino não encontramos amparo para fundamentalismo bíblico. Lutero percebia uma perfeita correlação entre a Palavra e a fé do crente.³¹ Mesmo assim, não existe linha demarcatória claramente definida entre o Espírito Santo e o espírito humano.³² É preciso sempre de novo atentar para o fato de que não estamos livres de cair em interpretações errôneas, e aí reside o desafio de quem se propõe à análise.

Na sequência, queremos analisar a relação entre Espírito e doutrina. Olharemos para o campo da dogmática no sentido de apontar para o problema na conexão com o Espírito Santo.

1.2 O Espírito Santo – uma ameaça à doutrina?

Percebe-se, conforme aponta Meyer, que, de forma constante a teologia protestante atual não possui força e compreensão suficiente para o testemunho bíblico acerca do Espírito Santo, e dessa forma, apresenta-se de certa forma, embaraçada.³³ Nesse sentido, podemos retomar a discussão já abordada anteriormente, em relação à doutrina da inspiração verbal das Escrituras pelo Espírito Santo.

É interessante observar que ao longo da história a temática nunca teve grande importância no que tange às abordagens dogmáticas, frente à quantidade de problemas que foram surgindo.³⁴ Os principais debates giravam em torno da questão cristológica e da doutrina da Ário (n. 256- f. 336) que afirmava a não revelação de Deus em Cristo.³⁵ A ação do Espírito Santo foi tema discutido apenas no contexto das relações trinitárias.³⁶ Mesmo no

²⁹ WELKER, 2010, p. 226-231.

³⁰ BRAKEMEIER, Gottfried. *A autoridade da Bíblia: controvérsias – significado – fundamento*. 2. ed. – São Leopoldo: Sinodal, Centro de Estudos Bíblicos, 2003. p. 42s. (grifo do autor)

³¹ STROHL, 2004, p. 68.

³² AULÉN, 2002, p. 300.

³³ Cf. MEYER, Harding. O Espírito Santo e a renovação da Igreja. *Estudos Teológicos*, vol. 5, n. 4, p. 169-179, 1965, à p. 169.

³⁴ BRANDT, 1985, p. 14.

³⁵ BRANDT, 1985, p. 15.

³⁶ O que podemos verificar, por exemplo, no locus 2, cf. JENSON, Robert W. O Deus triúno. In: BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. (Eds.). *Dogmática Cristã*. São Leopoldo: Sinodal. v.1, 1995. p. 103-165.

âmbito trinitário esse assunto é amplo e marcado por diversas tendências teológicas. Não é nosso objetivo nos delongarmos a respeito do assunto, mas apenas apontar para a discussão no sentido de que ainda assim, ela não está superada.³⁷

Como afirmamos, é possível verificar, até mesmo no contexto trinitário, a abordagem acerca do Espírito Santo sob diversos aspectos e diferentes influências teológicas. Observemos o Credo Niceno (325) que de forma extremamente objetiva aponta “[...] E no Espírito Santo” (cremos).³⁸ Essa formulação explica-se pelo fato de Ário ter negado Deus enquanto revelação em Jesus Cristo – conseqüentemente a afirmação pneumatológica foi breve e ateve-se apenas na problemática causada por Ário, ou seja, Jesus Cristo enquanto revelação divina.

Além disso, existem ainda dificuldades na compreensão do relacionamento intertrinitário, por exemplo, alertando para a complexidade na terminologia eclesiástico-doutrinária. Sendo que, ali onde a doutrina não adulterada se tornar o pilar da existência da Igreja, justamente então é preciso tomar cuidado. Diante disso, o fato de o Espírito Santo ser renovador da doutrina é possibilidade descartada tornando inviável a ortodoxia. Perante do receio, aprisiona-se o Espírito à doutrina. Ou seja, o que se tinha inicialmente enquanto propósito era apenas uma “defesa” para que o Espírito não fosse desprezado pelas discussões e afirmações teológicas, no entanto, o desenvolvimento posterior revelou que o debate em torno das relações intertrinitárias, (não claramente expostas na Bíblia) serviram em grande parte para que a Igreja exercesse determinado controle, tanto sobre a dogmática, quanto sobre a doutrina acerca do Espírito.

Entretanto, conforme Brandt, “o espírito é amigo da prática”³⁹, pois contra a rigidez da ortodoxia voltou-se a alternativa ortoprática, ou seja, contra a ortodoxia surge o pietismo que foi uma alternativa prática do Espírito que rompe com o doutrina e se manifesta de forma mais concreta na vida humana. Contrários, os dogmáticos voltam a formular o Espírito para dentro de um “método” sendo este obrigado a se orientar. Por meio deste método conduziria o Espírito Santo os crentes à salvação.

Philip J. Spener (1635-1705), considerado o pai do pietismo, fez esta tentativa de apontar para um novo testemunho sobre o Espírito, o mestre. Diante do pietismo de Spener houve quem reagisse no sentido de que a real expressão do Espírito é aquilo que se adapta a

³⁷ Observe-se nesse sentido a abordagem de LOHSE, Bernhard. *A fé cristã através dos tempos*. São Leopoldo: Sinodal, 1981. p. 43-76.

³⁸ LOHSE, 1981, p. 67s.

³⁹ BRANDT, 1985, p. 18.

um rígido sistema doutrinário. Ou seja, o Espírito reivindicado pelo pietismo foi posteriormente considerado uma ameaça para a doutrina.⁴⁰

Em suma: temos por um lado uma fala que tende para a experiência e afirma: “o Espírito Santo vivifica, restaura, dinamiza e provoca vigor”; do outro lado temos quem afirme: “o Espírito expressa-se em um método de graça e orienta-se pelo mesmo”. Portanto, o desafio se dá no seguinte sentido: tanto a letra da doutrina, do papa, de um reformador, de um ministro da Igreja, ou de qualquer pessoa, quanto a experiência do pietismo, do pentecostalismo ou do carismatismo, podem matar e asfixiar a ação o Espírito no crente. Como, então, discernir, sem pautar-se em extremos? Estes questionamentos levaremos adiante na presente abordagem.

1.3 O Espírito Santo – uma ameaça à Palavra e Sacramentos?

A pergunta central que nos ocupa neste ponto e com a qual já vínhamos nos ocupando é a pergunta pela fé.⁴¹ Como faz, afinal, o ser humano para “alcançar” a fé? É o Espírito que faz nascer a fé? Frequentemente incorre-se no erro de afirmar que os meios de graça, ou seja, a Palavra e Sacramentos⁴² são autores da fé.⁴³

Nenhum dos dois cria a fé por si só, mas é o Espírito em seu agir criativo que vivifica e torna presente a Palavra na vida humana. O autor da fé no Cristo é o Espírito Santo, e Deus apenas faz o uso dos meios como forma de autodoação. Por esse motivo, deu-se, por exemplo, a polêmica de Lutero com os entusiastas, sendo que, para Lutero Deus é soberano, no entanto, age tendo Palavra e Sacramentos como seus instrumentos.

Lutero faz uma afirmação sobre o Espírito Santo que contém seu testemunho profundamente pessoal, conforme Brandt,

Nas tentações Lutero experimentou aquilo que o Espírito Santo faz e é. [...] Lutero experimentou que no desespero de sua tentação, quando se encontrava à mercê do poder da morte, do inferno, da ira de Deus, apenas uma coisa lhe sobrava: o inefável suspiro, que não provinha dele, mas era o testemunho do espírito nele e por ele.⁴⁴

⁴⁰ BRANDT, 1985, p. 19.

⁴¹ Com a palavra “fé” os reformadores procuravam designar a consciência da presença dominadora de Deus. “Fé” para os Reformadores possuía o sentido correspondente a “pistis” no grego.

⁴² Observe-se nesse sentido o artigo de KILPP, Nelson. O Batismo e a Ceia do Senhor na tradição luterana e no diálogo presente. *Estudos Teológicos*, vol. 38, n.1, p. 15-33, 1998.

⁴³ Aliás, os reformadores admitiam apenas um só meio da graça: a Palavra. É a Palavra que dá para os sacramentos virtude essencial, e à Igreja é confiada o “Ministério da Palavra”. Cf. STROHL, 2004, p. 211.

⁴⁴ BRANDT, 1985, p. 22.

Foi por meio das tentações que Lutero experimentou o que faz o Espírito Santo na vida humana, e toma o apóstolo Paulo como palavra de orientação: “o espírito nos assiste em nossa fraqueza; porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo espírito intercede por nós sobremaneira como gemidos inexprimíveis” (Rm 8.26). Ou seja, com sua própria marca pessoal Lutero supera a compreensão escolástica do Espírito enquanto graça infusa⁴⁵ e aponta para o Espírito de Deus que é presença real e torna Deus presente na vida humana.⁴⁶

Vale também lembrar que a polêmica com os entusiastas se deu por causa da divergência na compreensão acerca da forma com que Deus age no crente, referente à ação externa e interna. Dependendo da ordem, pode haver consequências negativas no sentido de uma falsa interpretação das Escrituras, alertavam os reformadores.

Na Confissão de Augsburgo, Melancthon o colaborador de Lutero, posiciona-se claramente contra entusiastas e anabatistas, ao condenar no artigo V: “os anabatistas e dos demais que ensinam que podemos alcançar o Espírito Santo sem a palavra externa do evangelho, por nossos próprios pensamentos, palavras e obras.”⁴⁷ Por outro lado, esta afirmação soa como se a palavra externa fosse condição para receber o Espírito Santo, ou seja, se não há palavra, não há Espírito Santo. Como, então, não ater a soberania do Espírito em relação à Palavra?

É o próprio Espírito que transmite Jesus Cristo para dentro da vida humana de forma bem concreta. O Cristo é a Palavra encarnada e o Espírito torna Cristo presente apenas pelas Escrituras (meio externo). Caso contrário, não seria este o Espírito de Jesus Cristo! Assim sendo, a conexão entre Palavra e Espírito é eminentemente cristocêntrica.

Tanto Lutero quanto Calvino sempre tiveram em mente a soberania do Espírito e também a insuficiência da palavra externa. O teólogo dinamarquês, Regin Prenter, retoma a questão e afirma “O Espírito não está acorrentado à Palavra, mas têm soberania sobre a palavra”.⁴⁸ Cabe, pois, salientar, conforme Brandt, que “[...] a ação externa de Deus na Palavra e no sacramento, [...] e sua ação interna em espírito e fé não são a mesma coisa e, conseqüentemente, não devem ser teologicamente identificadas”⁴⁹. Para Lutero, “a fé provém

⁴⁵ Com o termo *gratia infusa*, Lutero retoma também a concepção agostiniana de uma substância da graça a ser comunicada. Cf. BAYER, Oswald. *A teologia de Martin Lutero: uma atualização*. Traduzido por Nélcio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 205ss.

⁴⁶ BRANDT, 1985, p. 22.

⁴⁷ Cf. Artigo V da Confissão de Augsburgo (1530) In: *Livro de Concórdia*, 2006, p. 23-93, à p. 30.

⁴⁸ PRENTER, Regin. *Spiritus creator: Studien zu Luthers Theologie*. Muenchen: Chr. Kaiser Verlag, 1954, p. 249ss.

⁴⁹ BRANDT, 1985, p. 28

da mensagem ouvida, mas ela não vem a todos que a escutam, mas apenas àqueles para os quais Deus o quer. Pois o espírito sopra onde ele quer, não onde nós o queremos.”⁵⁰

O medo foi constante fator de “acorrentar” o Espírito, e ao mesmo tempo uma tentativa de reduzir a sua soberania.⁵¹ Será que o apelo ao Espírito Santo não torna-se suspeita quando as perguntas orientam-se por um reformador? Parece-nos que até hoje a teologia não conseguiu se libertar dessa desconfiança e medo em relação ao Espírito, sendo que ainda a pregação mais desafiadora continua sendo a do domingo de pentecostes. Será insegurança em relação ao Espírito? Qualquer prédica e qualquer sacramento permanecem, de fato, mortos sem a presença do Espírito Santo que anima, vivifica, renova e (re)cria.⁵² Assegurar também teologicamente a ação do Espírito no sentido “creatio ex nihilo” é nosso objetivo. Eis um desafio!

1.4 O espírito humano – uma ameaça à ação do Espírito Santo?

A Reforma protestante surge como uma reação da cristandade frente à hierarquia da Igreja Católica. Contudo, como podemos distinguir e afirmar que o Espírito para o qual os reformadores apelavam não seja o próprio espírito deles?⁵³ Seria esta apenas uma parte do ser humano que está mais perto de Deus? Talvez estes sejam motivos que explicam a ausência do falar sobre o Espírito Santo, pois quer se evitar a vinculação/confusão do espírito humano com o Espírito Santo.

Para Brandt, o desafio encontra-se em três pontos: primeiro, na antropologia teológica; segundo, na teologia influenciada pela filosofia idealista; e, terceiro, no espiritismo. Talvez seja importante explorarmos um pouco mais a discussão acerca destes pontos relacionados por Brandt.⁵⁴

A partir do apóstolo Paulo⁵⁵, podemos verificar uma dimensão tricotômica do ser humano, que desde cedo recebeu importância na tradição teológica cristã. Ou seja, o ser

⁵⁰ LUTERO, *apud* BRANDT, 1985, p. 28. “Auditio autem verbo datur spiritus sanctus, qui fide purificat cor, Ro, 10, ‘fides ex auditu’, non quidem omnibus, qui audiunt, sed quibus Deus voluerit. Spiritus enim spirat, ubi vult, non ubi volumus.” Cf. WA 14, 681.

⁵¹ ALVES, Rubem. *Dogmatismo e tolerância*. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 146-151.

⁵² BRANDT, 1985, p. 30.

⁵³ Observe-se que José Comblin também aborda o questionamento em: COMBLIN, José. *A força da palavra*. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 175ss.

⁵⁴ Cf. BRANDT, 1985, p. 43ss.; BERKHOF, Hendrikus. *Theologie des Heiligen Geistes*. Neukirchener Verlag, Neukirchen-Vluyn, 1988. p.111s.

⁵⁵ Como, por exemplo, na carta aos Tessalonicenses, onde afirma: “O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.” (Ts. 5.23)

humano é compreendido na forma de três camadas, sendo estas o corpo, a alma e o espírito⁵⁶, sendo que, nesse esquema o espírito representa a parte superior. No entanto, por detrás da concepção tricotômica do ser humano apresenta-se uma visão dualista⁵⁷ do ser humano. Em termos dogmáticos, a concepção dicotômica⁵⁸ foi mais bem aceita, (alma e corpo) ao mesmo tempo, em clara crítica à concepção tricotômica. A concepção dicotômica tem prevalecido na teologia cristã por dois motivos: primeiro, o “espírito” é uma realidade que aprendeu o ser humano como um todo e não enquanto uma “terceira entidade” que se forma ao lado do aspecto físico o psíquico do ser humano. O segundo motivo é que a tendência dicotômica procura não interpretar de forma dualista e “platonizante”⁵⁹ o “espírito” - como um aspecto superior.

Lutero, por exemplo, sustentava que a criatura humana é um ser unitário perante Deus, uma pessoa que é simultaneamente justa e pecadora, conforme veremos mais adiante. Em todo caso, na tradição da Reforma entende-se que o ser humano é uma criatura só, em termos de origem e destino, de pecado e de salvação.⁶⁰ No tocante a essa discussão, voltemos à pergunta inicial: o espírito humano é identificado com o Espírito de Cristo? O que podemos constatar é essa oscilação entre Deus e ser humano,⁶¹ contudo, a ameaça da sobreposição do espírito humano de fato existe.

Parece-nos, todavia, que esta ameaça surge também onde o Espírito Santo aparece enquanto um tema integrado na eclesiologia ou na Trindade, não sendo mais visto enquanto um tema teológico “independente”. O teólogo Paul Tillich propôs um esquema teológico dando independência e centralidade à pneumatologia, não obstante, nem sempre sua abordagem foi bem recebida no universo teológico, especialmente alemão.⁶²

⁵⁶ Note-se que “espírito” refere-se em geral à vida, à distinção de “corpo”, enquanto que “alma” se refere a vida como ela acontece de forma concreta. Na concepção, o “espírito” manifesta-se dentro da “alma”.

⁵⁷ Concepção proveniente do pensamento grego, particularmente de Platão e da revisão por Aristóteles, chamada de “hilemorfismo”, pela qual ele afirmara que o ser humano é indivisível.

⁵⁸ Observe-se na perspectiva luterana o texto de: BRAKEMEIER, Gottfried. *O ser humano em busca de identidade: contribuições para uma antropologia teológica*. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo: Paulus, 2002. p. 109ss. Calvino afirma que o ser humano é composto de alma e espírito, e que não há controvérsias acerca da questão. Esta afirmação está explícita em: CALVINO, João. *A instituição da religião cristã*. São Paulo: UNESP, 2007. Tomo 1 (Inst. I, 15,2)

⁵⁹ Em Orígenes é possível observar o pensamento de que a alma poderia abandonar o corpo para juntar-se à Deus, de forma separada do corpo.

⁶⁰ HEFNER, Philip J. A criação. In.: BRAATEN, 2005, p. 334ss.

⁶¹ BRANDT, 1985, p. 45-46.

⁶² “[...] Também é sintomático que o único teólogo luterano que transformou a Pneumatologia em coroa de seu sistema teológico, ou seja, Paul Tillich, tenha sido recebido, pelo menos na teologia evangélica alemã, com extrema relutância. Ele sempre lhes pareceu um tanto ‘misterioso’...” Cf. BRANDT, 1985, p. 49; No terceiro volume intitulado “A vida e o Espírito – A história e o Reino de Deus” podemos verificar a centralidade da pneumatologia para a teologia de Paul Tillich. Cf. TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. 6. ed. revista São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 477-628. Cf. Tese de doutorado de Fernando Albano, ainda em fase de escrita. .

Seria de fato inevitável que essa relação entre espírito humano e Espírito Santo conduza a uma espécie de idealização do espírito de forma que faça com que o Espírito venha e entre no espírito humano?⁶³ Esta é uma questão importante no que tange ao espiritismo, e, portanto, também extremamente atual.⁶⁴

Na realidade ocorre que no espiritismo a compreensão do ser humano se dá em três partes essenciais, sendo estas o corpo (material); a alma (espírito encarnado); e uma substância intermediária que faz a conexão entre alma e corpo. Também no espiritismo o espírito é parte mais nobre do ser humano. O que temos, em síntese, é a concepção que já determinou a antropologia cristã da Igreja Antiga.⁶⁵

Em suma, abordamos até então, alguns aspectos nessa relação entre o espírito humano e Espírito Santo, e apontamos para o espírito humano como uma ameaça para o Espírito Santo. O desafio de articular uma abordagem que venha a preservar a soberania do Espírito Santo e que confronte o ser humano na sua integralidade é, portanto, constante. Voltemos a um problema inicial: o espírito humano que se impõe e se coloca como senhor sobre toda revelação do Espírito Santo. Como podemos identificar tal relação?

Buscaremos por interpretações que nos ajudem e tornem possível esta identificação, e ao mesmo tempo, que nos ofereçam critérios para um sóbrio “discernimento dos espíritos”⁶⁶.

Reunimos nesta primeira parte, questões que de forma constante apontam para o Espírito Santo enquanto um desafio. Nos próximos dois capítulos, procuraremos avaliar e focar a experiência humana com o Espírito a partir de Lutero e Calvino.

Conforme consideramos, existem tendências as quais procuram fixar o Espírito Santo, seja no aspecto bíblico, doutrinal, eclesial, e assim por diante. Também procuramos mostrar que existem diversas concepções pneumatológicas, tanto teológicas quanto de ordem,

⁶³ BERKHOF, 1988, p.113. „Die Suche nach einer Beziehung zwischen Gottes Geist und unserem Geist kann uns leicht verführen, den Heiligen Geist mit Begriffen des menschlichen Geistes zu interpretieren, und das bedeutet: mit Begriffen der jeweils jüngsten anthropologischen und psychologischen Anschauungen.“

“A procura por uma relação entre o Espírito de Deus e o nosso espírito pode nos enganar facilmente, pois interpretar o Espírito de Deus na condição humana significa apenas visualizações antropológicas e psicológicas.” [tradução nossa]

⁶⁴ BRANDT, 1985, p. 49; Quanto à atualidade da questão, podemos verificar o crescimento do espiritismo ano após ano, conforme os dados do Censo de 2010 em INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo de 2010. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2170&view=noticia>> (Acesso em 13 de março de 2015)

⁶⁵ Para este tema vale conferir as seguintes abordagens: WULFHORST, Ingo. *Espiritismo e fé cristã: onde está a diferença?* São Leopoldo: Sinodal, 1995. 95 p. (em perspectiva luterana). Também vale conferir o documento: WULFHORST, Ingo; BOBSIN, Oneide; RIETH, Ricardo Willy; WEGNER, Uwe. *Espiritualismo/espiritismo: desafios para a Igreja na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, Genebra: Federação Luterana Mundial, 2004. (em perspectiva ecumênica).

⁶⁶ WULFHORST, Ingo. *Discernindo os espíritos: o desafio do espiritismo e da religiosidade Afro-Brasileira*. São Leopoldo: Sinodal, 1989. 250 p.

sob vários aspectos. Igualmente procuramos evidenciar que o Espírito Santo está presente e perpassa todo o esquema teológico, no entanto, nem sempre se faz referências explícitas em esquemas dogmáticos e sistemáticos.

Na parte final procuramos apontar para as limitações antropológicas do espírito. Como hipótese a ser esclarecida, procuraremos investigar mais a fundo as manifestações do Espírito Santo, considerando que existem limites e que é extremamente difícil estabelecer seus limites. Fixações teológicas podem apontar para as fragilidades, das quais, talvez nós também não nos livremos, já que, “O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito.” (João 3.8).

É importante considerarmos o fato de que a palavra de um livro muito velho como a Bíblia ainda hoje atinge pessoas, e isso caracteriza a fala acerca do Espírito Santo. Também Calvino chegara a afirmar isto ao falar do testemunho interno do Espírito Santo, conforme escreve:

Todos que desejam beneficiar-se das Escrituras devem primeiro aceitar isso como princípio determinado, ou seja, que a lei e os profetas não são ensinamentos transmitidos pelo prazer dos homens ou produzidos pelas mentes humanas como sua fonte, mas são ditados pelo Espírito Santo. [...] Devemos às Escrituras a mesma reverência que devemos a Deus, já que sua fonte está nele e não há nada de origem humana misturado a elas.⁶⁷

Com base nisso, podemos afirmar que o Espírito Santo torna a verdade bíblica presente “*pro me*”⁶⁸ ainda na atualidade, em pleno século XXI.

Constataremos e examinaremos na sequência esse resultado causado pelo Espírito inapreensível, que se dá por meios externos e causa a convicção da posse interna do Espírito. Mesmo termos falado do Espírito Santo até aqui, nossas questões continuam em aberto, e a relação do Espírito externo e interno deverá ainda nos ocupar com maior ênfase.

Em suma: com os questionamentos iniciais procuramos apontar para a amplitude do tema, mas ao mesmo tempo nos direcionar para o foco específico da pesquisa. O objetivo que queremos atingir é investigar de que forma o Espírito com dimensão externa, se dá internamente (posse interna no ser humano). Há algum tipo de sinergia nesse processo? Estamos falando da experiência humana com o Espírito, bem como, de sua presença concreta.

⁶⁷ CALVINO *apud* GEORGE, 1994, p. 193.

⁶⁸ Lutero afirma que apenas no momento em que reconhecemos que Cristo foi dado para mim “*pro me*” somente então saberemos a importância da realização de Cristo. Cf. GEORGE, 1994, p.61-62.

Nos capítulos seguintes nos propomos a apresentar a investigação sobre a temática na compreensão de Lutero e Calvino, a partir das respectivas descobertas reformatórias. A pesquisa é significativa, pois, refere-se a um ponto de vista que envolve o falar da experiência e da ação do Espírito Santo no ser humano.

Em Lutero veremos antes uma interpretação mais pautada pela razão, de certa forma, mais ortodoxo nas articulações teológicas, enquanto em Calvino destaca-se uma interpretação da fé mais “ortoprática” – pautado por uma religião da prática e da experiência individual – aspectos levados seriamente em conta por Calvino, ao invés de confissões de fé objetivamente afirmadas, ou seja, ao invés da aridez da tradição - “ortodoxia”. Haveria nesse sentido, alguma relação entre Calvino e o entusiasmo?

No capítulo que segue, abordaremos o embate de Lutero com os entusiastas, tema que carece de profundidade, e que, de certa forma condicionou, ou melhor, influenciou em grande medida a concepção e abordagem dos reformadores acerca do relacionamento para com o Espírito, e das concepções antropológicas.

2. O ESPÍRITO SANTO NO ENTENDIMENTO DE LUTERO

*O Espírito Santo não é nenhum cético, nem escreveu em nossos corações coisas dúbias ou meras opiniões, e sim asserções mais certas e firmes do que a própria vida e toda a experiência.*⁶⁹

2.1 Considerações preliminares

Lutero foi o primeiro da família a receber educação formal e também o primeiro acadêmico da família. Também Calvino e outros reformadores tiveram *backgrounds* semelhantes ao de Lutero.⁷⁰ Transferiu-se do estudo de direito ao estudo da teologia, muito influenciado pelo contexto de piedade da época.

A vida cotidiana às vésperas da Reforma incluía um tipo de piedade que buscava por realizações. Lindberg afirma:

Porque as pessoas se entregavam a essa piedade caracterizada pela busca de realizações? Porque se acreditava que a rotina monótona do desempenho religioso era o caminho para a segurança e a certeza da salvação? Talvez porque, em épocas de crise, as pessoas tenham a tendência de ansiar pelos “velhos, bons tempos”. Oculta por trás da onda medieval-tardia de piedade havia uma incerteza opressiva com respeito à salvação unida a um profundo anelo por ela. Ao agarrar os mediadores situados entre elas e Deus, as pessoas tentavam obter à força uma garantia de salvação. Parece que a morte jamais foi considerada de forma mais realista do que nesta era, e parece que dificilmente foi temida com tanta ansiedade.⁷¹

Dessa forma, podemos afirmar que o movimento de Lutero estava muito arraigado na sua ansiedade pessoal de se ocupar com o tema da salvação. O contexto que antecede a Reforma incluía sua indignação para com a religiosidade popular baseada na superstição, crença na existência de bruxas na magia, e na astrologia. O pensamento de Lutero construiu-se como resposta à incerteza da salvação, mensagem não somente presente na cultura religiosa popular, bem como na teologia da própria Igreja da época.

Faz-se necessário considerarmos estes aspectos contextuais, bem como, biográficos de Lutero para uma compreensão autêntica da sua pneumatologia. Sua radical posição no sentido de que o ser humano não contribui de forma alguma para a salvação é reflexo desse amplo contexto e da história de vida e de fé de Lutero, conforme veremos a seguir.

⁶⁹ LUTERO, Martinho. Da Vontade Cativa [1525]. *OSel.* vol. 4, p. 11-216, à p. 23.

⁷⁰ LINDBERG, 2001, p. 75.

⁷¹ LINDBERG, 2001, p. 80.

No presente capítulo, analisaremos a compreensão de Lutero acerca da ação do Espírito Santo no crente. É importante também, salientar de antemão, que na Reforma, Lutero precisou enfrentar duas frentes, sendo, por um lado, a continuidade da discussão com Roma, e, por outro, surge uma nova e polêmica concepção entusiasta, onde o tema envolvia a compreensão da ação do Espírito no crente.

Lutero procurava sempre apontar para o Espírito que não age sem as “ferramentas externas”, ou seja, palavra e sacramentos. Com a ameaça entusiasta, dá-se a forte ênfase nos meios externos pelos quais a graça atinge o crente.

Cabe-nos, então, esclarecer como o reformador articula seu pensamento acerca do tema. Num primeiro momento, procuraremos desenvolver o contexto de Lutero, na polêmica com o entusiasmo, expondo a discussão com Karlstadt e Müntzer, voltando-nos para o cerne da questão, de que, estariam “tirando Deus da terra e transferindo para o céu”, conforme veremos, a seguir.

Na segunda etapa deste capítulo, a pesquisa aponta conceitos como a palavra de Deus, a fé do crente e a ação do Espírito Santo, bem como, para a pergunta pela “comunicação” entre o Espírito de Deus e o espírito do crente.

2.2 A polêmica com o entusiasmo

Na percepção do teólogo Joachim Fischer, entusiasta é a pessoa “[...] que perde o contato com Deus, é por natureza um entusiasta, isto é, uma pessoa que passa por cima da realidade e por cima dos seus próximos.”⁷² Entrementes, pode facilmente ocorrer que façamos a ponte entre o entusiasmo da época de Lutero com o pentecostalismo brasileiro atual, no entanto, essa vinculação é, no mínimo, arriscada, por se tratar de contextos, épocas e realidades diferentes.

Talvez o conceito de “espiritualismo” possa atender em parte essa ideia de vincular a realidade religiosa da época de Lutero à realidade brasileira atual, no entanto, o pentecostalismo atual não significa um movimento entusiasta semelhante ao combatido por Lutero na Reforma. Na interpretação de Lutero, Fischer aponta:

Lutero vê o cristão como chamado, iluminado, santificado e conservado pelo Espírito Santo na verdadeira fé, juntamente com toda a cristandade na terra, como reza sua explicação do 39 artigo do Credo Apostólico. Neste sentido, podemos falar

⁷² FISCHER, 1981, p. 49-69, à p. 52.

do espiritualismo ou da espiritualidade de Lutero. Portanto, suas palavras contra o entusiasmo não se dirigem contra os espiritualistas ou pentecostais nem de sua, nem de nossa época.⁷³

Na continuidade, Fischer aponta para uma definição do entusiasmo como algo que tem a ver conosco, que pode também nos acometer, ou seja, alerta para o desafio de que também nós não estamos livres do entusiasmo, ou seja,

[...] o entusiasmo é uma possibilidade de viver, de pensar, de se comportar e de agir, que existe em todos os tempos e para todas as pessoas. É uma tentação e um perigo permanente para a pessoa humana individualmente e para a sociedade bem como para a igreja. Sim, a qualquer momento podemos tornar-nos entusiastas, Por quê? Em última análise, porque o entusiasta está presente em nós, talvez dormindo, mas capaz de ser acordado a qualquer momento por poderes destrutivos que se querem apoderar de nós.⁷⁴

Para a nossa abordagem não nos interessa entrar na discussão acerca da “natureza” do entusiasmo em si e sua concepção histórica. Interessam-nos, antes, as declarações que foram feitas a partir do embate acerca do Espírito Santo. Essas afirmações de Lutero num teor muito combativo são parte da construção e articulação da sua pneumatologia.

Atendo-nos a esse contexto, dois personagens destacam-se nessa discussão, a saber, Andreas B. Karlstadt e Thomas Müntzer. Nossa pesquisa irá concentrar o foco na a luta de Lutero com ambos os personagens, e a influência para o desenvolvimento da sua pneumatologia.

2.2.1 A discussão com Andreas (Bodenstein von) Karlstadt (1480-1541)

Karlstadt e Lutero conheciam-se relativamente bem. Eram colegas de trabalho na Universidade de Wittenberg, onde Karlstadt era reconhecido professor catedrático. Juntos, Lutero e Karlstadt estavam no debate de Leipzig que teve início em 1519. Este debate teve grande importância para o desenvolvimento teológico de Lutero, quando afirmou que “sua única autoridade em questões de fé era a Escritura.”⁷⁵

A atividade pública de Lutero se deu na proposição de uma reforma para a Igreja de sua época, sendo que, a partir das suas pregações, escritos e aulas em Wittenberg, propôs mudanças bem concretas. Quanto às reformas práticas, ambos, Lutero e Karlstadt estavam de acordo.

⁷³ FISCHER, 1981, p. 49-69, à p. 53.

⁷⁴ FISCHER, 1981, p. 49-69, à p. 57.

⁷⁵ LINDBERG, 2001, p. 109.

A controvérsia com Karlstadt tomou proporções maiores entre os anos 1521 e 1524,⁷⁶ na medida em que se tratava da fundamentação teológica das reformas na Igreja,⁷⁷ sendo, a partir de então, acusado e combatido enquanto entusiasta por Lutero.

Já em 1520, Karlstadt publica um “panfleto” intitulado „*Missive von der aller hochsten tugent gelassenheit*“ (“Carta aberta sobre a mais alta virtude da serenidade”)⁷⁸. Neste “panfleto” pode-se perceber a ênfase de Karlstadt, quando “enfetizava a renovação interior em contraste com a aceitação exterior, a regeneração acima da justificação, a obediência ao Cristo ‘em nós’.”⁷⁹ Esta perspectiva defendida por Karlstadt foi a que levou às controvérsias e embates com Lutero.

Em 1522, quando Lutero sai do exílio da Wartburg e retorna para Wittenberg, suas pregações voltam-se enfaticamente contra a postura de Karlstadt, afirmando que este, de forma violenta, transformava a mensagem das Escrituras em lei.⁸⁰

É importante destacarmos aqui que estamos tratando de concepções teológicas divergentes, a saber, que, para Karlstadt, a concepção do testemunho interno do Espírito Santo tinha destaque acentuado.⁸¹ Assim sendo, o problema, segundo Lutero, era de que Karlstadt não aceitara a sequência: a palavra externa antecede a interna. Dessa forma, toda a ênfase é colocada na experiência humana, ou seja, na subjetividade humana de modo que qualquer pessoa poderia receber o Espírito de forma direta, sem mediação alguma.

No escrito “Contra os profetas celestiais, acerca das imagens e sacramento” (1525), podemos observar a posição de Lutero que se dá de forma clara:

[...] Rm. 10: ‘A fé vem pela prédica’. Este Evangelho é inimigo do diabo e ele não irá suportá-lo. De modo que, por não tê-lo detido por violência nem pela espada, ele se empenha agora com astúcia (como sempre o fez) e com falsos profetas. Por isso, leitor cristão, te peço, atenta para o seguinte: eu quero, se assim Deus o permitir, descobrir o diabo nestes profetas, para que possas apanhá-lo. Isto que escrevo redunde, pois, para o teu bem e não para o meu. A questão é a seguinte: Tendo Deus manifestado seu santo Evangelho, ele age conosco de dois modos: de modo externo, por um lado, e de modo interno por outro lado. Externamente ele age conosco através da palavra falada do Evangelho e através do sinal concreto, ou seja, Batismo e Sacramento [Eucaristia]. Interiormente ele age conosco através do Espírito Santo, da fé com outros dons. Entretanto, isto tudo de tal forma, seguindo a ordem de que as partes externas devem preceder as internas, que as sucedem e vem por meio delas. De tal modo ele assim o decidiu, que a nenhuma pessoa dá a parte interna senão por meio das externas. Pois, a ninguém ele quer dar o Espírito ou a fé

⁷⁶ LIENHARD, Marc. *Martim Lutero: tempo, vida, mensagem*. São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 124.

⁷⁷ LINDBERG, 2001. p. 168.

⁷⁸ LINDBERG, 2001, p. 120.

⁷⁹ LINDBERG, 2001, p. 119.

⁸⁰ LINDBERG, 2001, p. 123.

⁸¹ LINDBERG, 2001, p. 168.

sem a palavra e o sinal externos, conforme ele ordenou.⁸²

Nessas palavras de Lutero, podemos verificar a ênfase no sentido de preservar o elemento externo na ação de Deus. Dessa forma, Lutero enfatiza que o Espírito se dá na vida do crente através de meios concretos, e, com isso, procura afirmar que o Evangelho não está à disposição para interpretações e avaliações subjetivas.

Para Fischer, é justamente essa entrega do Evangelho à subjetividade humana que consiste na entrega do Evangelho ao entusiasmo. Em vez de buscar a renovação, a concepção entusiasta causa divisão entre crentes e ateus, propagando assim, o ódio e a violência.

Quem garante que aquele professor realmente é o Espírito de cima e não o espírito de baixo? Pode-se afirmar ter o Espírito Santo, enquanto na verdade se manifesta apenas o espírito do próprio homem, talvez, seu subconsciente, seu arbítrio ou seu egoísmo. Para Lutero a fé serve essencialmente para esta vida nesta terra. Por isso Deus o Espírito Santo usa coisas desta vida desta terra. Não tem medo delas. Ao contrário, valoriza-as, porque no meio destas coisas levamos nossa vida. Junta-se, quando e onde quiser. à palavra escrita da Sagrada Escritura, à palavra pregada do Evangelho, e, juntamente com a palavra, à água do batismo, ao pão e ao vinho da Santa Ceia para lidar conosco: ‘Deus a ninguém dá o seu Espírito ou a graça, a não ser por intermédio da palavra exterior precedente... Por isso devemos e temos que perseverar nisso que Deus não quer tratar com nós homens de outra maneira senão mediante a sua palavra externa e pelos sacramentos.’⁸³

O teólogo estadunidense Ronald Sider se convence de que “Karlstadt estava preso num canto entre o radical Müntzer e o complexo Lutero, cujo medo conservador da desordem social era no mínimo tão grande quando seu desejo de mudanças religiosas.”⁸⁴ Ainda no mesmo escrito “Contra os profetas celestiais, acerca das imagens e sacramento” (1525), Lutero exorta Karlstadt, quando afirma:

O quê então? Ouve a Palavra, a Palavra, a Palavra, mesmo que teu espírito é mentiroso, a Palavra o faz, mesmo que Cristo tenha sido dado e crucificado mil

⁸² „Röm. 10.: Der glaube kompt durch die predigt‘. Diesem Euangelio ist der teuffel feynd und wills nicht leyden, Und weil er bisher nichts dawider vermöcht hat mit gewalt noch schwerd, greyfft ers nu an mit list (wie er allezeyt gthan hat) und mit falschen propheten. Und bitte dich, Christlicher leser, wöllest drauff sehen, Ich will dyr ob Gott will, Es geschicht doch dyr und nicht myr zu gut, was ich schreybe, Und die sache gehet also zu:

So nu Gott seyn heiliges Euangelion hat auslassen gehen, handelt er mit uns auff zweyerley weyse. Eyn mal usserlich, das ander mal ynnerlich. Eusserlich handelt er mit uns durchs mündliche wort des Euangelij und durch leypliche zeychen, alls do ist Tauffe und Sacrament. Ynnerlich handelt er mit und durch den heyligen geyst und glauben sampt andern gaben. Aber das alles, der massen und der ordnung, das die eusserlichen stucke sollen und müssen vorgehen. Und die ynnerlichen hernach und durch die eusserlichen komen, also das ers beschlossen hat keinem menschen die ynnerlichen stuck zu geben on durch die eusserlichen stucke. Denn er will niemant den geyst noch geben on das eusserliche wort und zeychen, so er dazu eyngesetzt hat.“
Tradução nossa. WA 18, 37-214, à p. 136.

⁸³ FISCHER, 1981, p. 49-69, à p. 68. (grifos do autor)

⁸⁴ SIDER, Ronald J. *apud* LINDBERG, 1998, p. 166.

vezes por nós, tudo seria em vão, se a Palavra de Deus não viesse e nos distribuísse e presenteasse e falasse, isto é teu, toma-o e o tens.⁸⁵

Esta foi, de forma objetiva, a luta de Lutero. Podemos ver também a marca dos poucos anos da atuação de Karlstadt. Sabe-se que mais tarde, por volta de 1529 ele foi à procura de trabalho para o sul, em Estrasburgo, Basileia e Zurique, onde se tornou diácono e capelão num hospital, com o auxílio de Zwínglio, colaborando, então, publicamente com a Reforma de Zurique em 1530. Mesmo assim, suas discussões com os reformadores de Wittenberg tiveram continuidade. Karlstadt morreu em 24 de dezembro de 1541 vítima da peste,⁸⁶ tendo influenciado o pensamento teológico de luteranos, anabatistas, espiritualistas e reformadores suíços.⁸⁷

2.2.2 A discussão com Thomas Müntzer (1489-1525)

Ainda mais grave foi o embate entre Lutero e Müntzer⁸⁸. Müntzer levou às últimas consequências a concepção da revelação direta do Espírito Santo no crente. Talvez por influência do próprio Karlstadt, Müntzer se aprofundou nos estudos do místico católico, Johann Tauler. Estes estudos fizeram com que Müntzer enfatizasse o ouvir humano para o interior. A palavra de Deus deveria ser ouvida a partir da própria boca de Deus e não por meio de livros, ou seja, nem mesmo por meio das Escrituras Sagradas.⁸⁹ Dessa forma, Müntzer entendia que a Bíblia serve para separar crentes de ateus, pois nela se expressa a lei de forma pura.⁹⁰

No ano de 1521 acontece a ruptura entre Müntzer e Lutero. No seu manifesto de Praga, Müntzer afirma: “Pois quem quer que não sinta o Espírito de Cristo dentro de si, ou

⁸⁵ WA 18, 37-214, à p. 202s. „Was denn? Das wort, das wort, das wort, hoerestu du lügen geyst auch, das wort thuts, Denn ob Christus tausentmal fur uns gegeben und gecreuzigt wuerde, were es alles umb sonst, wenn nicht das wort Gottes keme, und teylets aus und schencket myrs und spreche, das soll deyn seyn, nym hyn und habe dyrs.“ Tradução nossa.

⁸⁶ Também a peste nas suas variadas formas foi causadora de leituras milenaristas e previsões do final dos tempos. Cf. DREHER, Martin N. *De Luder a Lutero: uma biografia*. São Leopoldo: Sinodal, 2014. p. 65.

⁸⁷ LINDBERG, 2001, p. 172. Sobre a temática do embate entre Lutero e os entusiastas, vale conferir a pesquisa de Cláudio Böning, que aponta para a influência mística de Lutero no contato com Karlstadt e Müntzer. BONING, Claudio. *'O mundo está cheio de Deus!': a mística na teologia de Martinho Lutero*. Dissertação (Mestrado em Teologia). São Leopoldo: Faculdades EST, 2013. p. 23-30.

⁸⁸ Müntzer teve por formação os títulos de bacharel e mestre em Humanidades, e também bacharel em Escritura.

⁸⁹ LINDBERG, 2001, p. 178.

⁹⁰ LINDBERG, 2001, p. 179.

não esteja bem certo de possuí-lo, não é um membro de Cristo, mas do diabo.”⁹¹ Noutro momento afirma:

Onde porém, a semente cai sobre o chão fértil, isto quer dizer nos corações que estão cheios do temor do Senhor, torna-se então o papel e o pergaminho onde Deus escreve, não com tinta mas com seu dedo vivo; esses corações são a verdadeira Sagrada Escritura que, então, é testemunhada bem pela Bíblia visível. E também não existe um testemunho mais seguro, que comprove a veracidade da Bíblia, do que a Palavra viva de Deus, na qual o Pai prenuncia o Filho no coração do homem.⁹²

Podemos, dessa forma, verificar que a fé de Müntzer estava apenas pautada pela experiência. Revela-se novamente a ênfase na interioridade e o desprezo da matéria, do exterior. Müntzer chega a afirmar que cristãos deveriam afastar o mal com o uso de armas, o que se concretizou no fato da destruição da capela de Mallerbach por uma liga militar, atentado orquestrado pelo próprio Müntzer.⁹³ Com este fato podemos perceber a violência que se fazia fruto da concepção teológica de Müntzer. De forma enfática, Lutero opõe-se a Müntzer e afirma:

Se, porém, alegam (como, aliás, costumam fazer com belos discursos) que o Espírito os estaria constringendo a pôr isso em prática e usar a violência, eu respondo o seguinte: Primeiro, deve ser um espírito mau, que não pode provar seus argumentos a não ser com demolição de igrejas e conventos e cremação de santos. Isso é coisa que só os piores patifes do mundo poderiam fazer, especialmente onde se sentissem seguros e não encontrassem resistência.⁹⁴

Na sequência, afirma que esta concepção está baseada somente na subjetividade humana e sua interioridade, ou seja, a teologia que se articula a partir dessa concepção é uma teologia que se pauta pelas obras, conforme aponta o reformador:

Portanto, nós conhecemos este espírito da mentira e suas intenções: ele quer invalidar as Escrituras e a palavra oral de Deus, extinguir os sacramentos do Batismo e da Santa Ceia. Quer levar-nos a um espírito no qual devemos tentar a Deus com obras próprias e livre vontade, e assumir suas obras, estabelecendo-lhe oportunidade, lugar e medida para agir conosco. Pois revelam tamanho atrevimento em seus escritos a ponto de escreverem com palavras impressas contra o Evangelho segundo Marcos [...] como se S. Marcos tivesse escrito coisas erradas sobre o Batismo.⁹⁵

⁹¹ MÜNTZER *apud* LINDBERG, 2001, p. 183.

⁹² MÜNTZER, Tomás. Manifesto de Praga. In: DE BONI, Luis Alberto. *Escritos seletos de Martinho Lutero, Muentzer e João Calvino*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 175-184, à p. 178.

⁹³ LINDBERG, 2001, p. 185.

⁹⁴ LUTERO, Martinho. Carta aos Príncipes da Saxônia sobre o Espírito Revoltoso [1525]. *OSel*. vol. 6, p. 284-299, 1996, à p. 290.

⁹⁵ LUTERO, [1525], p. 294.

Com isso, Lutero aponta para o Espírito do Cristo que se dá na Palavra e Sacramentos. Procura dessa forma, assegurar a graça de Deus atuante pelo Espírito, com objetivo único de evitar a concepção das “próprias obras”. Nesse sentido, retomamos Brandt que cita Lutero e reafirma: “[...] A fé provém da mensagem ouvida, [...]. Pois o espírito sopra onde ele quer, não onde nós o queremos”⁹⁶ Ou seja, Lutero aponta para a soberania do Espírito de forma que não é possível aprisioná-lo. O Espírito age onde e quando lhe aprouver.

Lutero chega a afirmar que a única forma onde o Espírito Santo atua de forma livre, é na oração, no entanto, na oração ligada à Palavra. Não se pode desconectar a oração da Palavra, por isso, sempre de novo Lutero procurava afirmar que a pessoa deveria pensar e meditar sobre a Palavra, bem como, sobre a oração do Pai Nosso.

Na interpretação de Dreher, Müntzer é um místico e apocalíptico, sendo sua teologia catastrófica para quem quis ajudar. Seu esquema teológico partia da conversão interna que levava à conversão externa. Assim sendo, a graça não era conceito teológico central na teologia de Müntzer, mas antes, a luta contra o pecado – interior e exterior – e isto era o Evangelho na concepção de Müntzer. Por isso, Müntzer pregou o juízo, de forma que esqueceu do anúncio da graça de Deus. Não foi nenhum profeta, mesmo assim, “Müntzer descobriu que o senhorio de Deus não pode ser concebido sem a libertação interna e externa no povo.”⁹⁷ Lutero, por sua vez, prezava pela palavra,⁹⁸ que, segundo ele, quando puramente anunciada, renova a fé da pessoa crente.⁹⁹ Em maio de 1525 na batalha de Frankenhausen, Müntzer fora capturado, torturado e decapitado, data que também declarou o fim da guerra dos camponeses.

Em suma: para Lutero, os entusiastas não ensinaram como o Espírito Santo chega até nós, ao contrário, ensinaram como o ser humano pode chegar ao Espírito. A partir deste ponto podemos entender as divergências na ênfase e compreensão da ação por meios externos, sendo esses a Palavra e os sacramentos. Pois a Palavra e os sacramentos são a “ponte

⁹⁶ LUTERO *apud* BRANDT, 1985, p. 28.

⁹⁷ DREHER, Martin N. O profeta Thomas Muentzer: Thomas Muentzer, um profeta? *Estudos Teológicos*, vol. 22, n. 3, p. 195-214, 1982, à p. 214.

⁹⁸ Pelo embate com os entusiastas, “[...] Suas condições também mudaram sob conseqüente realização da teologia da Palavra de Deus - onde Deus recebe através da ampla e fundamentada teologia do Espírito Santo novas características, que dificilmente são apreciadas suficientemente em seu significado até hoje.”; “[...] Seine auch unter veränderten Bedingungen konsequent durchgehaltene Wort-Gottes-Theologie bekommt durch diese breit entworfene und begründete Theologie des Heiligen Geistes ganz neue Züge, die in ihrer Bedeutung bis heute kaum ausreichend gewürdigt sind.” Cf. ASENDORF, Ulrich. *Heiliger Geist und Rechtfertigung*. Goettingen: V&R unipress, 2004. p. 266.

⁹⁹ LIENHARD, 1998, p. 134.

condutora” pelos quais o Espírito chega sobre o ser humano, sendo o caminho unicamente¹⁰⁰ descendente.¹⁰¹ O Espírito para Lutero é o Espírito que procede do Pai e do Filho.¹⁰² Sua obra é nos conduzir para o Pai e o Filho, o que não pode acontecer, senão por meios externos. Nestes meios encontramos o Cristo da cruz que está presente [presença real¹⁰³ – na Ceia se dá a autodoação da natureza humana de Cristo] e torna a fé viva e atuante.

Na sequência nos ocuparemos em articular esses critérios teológicos de forma mais detalhada em Lutero, acerca do seu entendimento da ação do Espírito Santo no ser humano.

2.3 O relacionamento entre Palavra, Fé e Espírito

Deus vem ao mundo e traz à humanidade a salvação por meio do Cristo, que continua com os crentes, e os crentes com Ele por meio do Evangelho, testemunho tanto do Antigo quanto do Novo Testamento. Nas palavras de Lutero é “*was Christum treibet*”, aquilo que promove a Cristo.¹⁰⁴

Tanto a palavra que consta escrita, (nas Escrituras) quanto a palavra falada, (culto, pregação) são palavras externas, e assim formam uma espécie de comunicação mística entre o Espírito de Deus e o espírito do crente. Ou seja, da mesma forma como Cristo se tornou humano, assim ele vem à humanidade por meios humanos, ou seja, pela palavra externa e pela palavra interna. Althaus resume Lutero e aponta “1) O Espírito não fala sem a palavra; 2) o Espírito fala através da e na palavra.”¹⁰⁵

O que nos interessa neste momento é a pergunta a respeito do relacionamento entre a palavra externa, da qual falamos anteriormente, e da palavra interna, a qual Deus revela ao crente no coração. A respeito, Lutero afirma que ambas estão conectadas e interligadas conforme aponta no posicionamento a Erasmo de Roterdã:

[...] Mas Deus sozinho, por meio de seu Espírito, opera em nós tanto o mérito quanto o prêmio; contudo, indica e dá a conhecer ambos ao mundo todo por meio de sua palavra externa, de sorte que também junto aos ímpios, aos incrédulos e aos ignorantes se anunciam sua potência e glória e nossa impotência e ignomínia, ainda

¹⁰⁰ “A Palavra de Deus vem a mim sem qualquer preparo ou ajuda de minha parte.” Cf. LUTHER, Martin. Sermon auf den andern Osterfeiertag [6. April 1523], *apud* ALTHAUS, Paul. *A teologia de Martinho Lutero*. Canoas, RS: ULBRA, Porto Alegre, RS: Concórdia, 2008. p. 57; WA 12,497.

¹⁰¹ Aqui temos a diferença entre uma compreensão teocêntrica – evangélica e antropocêntrica – nomista.

¹⁰² Dessa forma, Lutero fundamenta a ação do Espírito – a partir do contexto trinitário.

¹⁰³ ASENDORF, 2004, p. 279.

¹⁰⁴ MUELLER, 2005, p. 53.

¹⁰⁵ ALTHAUS, 2008, p. 52.

que apenas os piedosos percebam isso em seu coração e somente os fiéis o compreendam, ao passo que os restantes o desprezam.¹⁰⁶

Assim sendo, podemos constatar que, para Lutero o Espírito não fala sem a palavra, fala justamente na palavra e através dela. Isto significa que Deus não dá a sua palavra ao crente de forma direta, mas sim, por meios externos:

[...] Diremos que foi desta maneira que agradou a Deus conceder o Espírito: não sem a palavra, mas por meio da palavra, a fim de que nos tenha como seus cooperadores [Cf. 1 Co 3.9] contanto que proclamamos exteriormente o que apenas ele mesmo inspira interiormente onde quer que lhe aprouve – coisas que, apesar disso, poderia fazer sem a palavra, porém não quer [...].¹⁰⁷

Dado isto, podemos também constatar nestas palavras uma afirmação contra os entusiastas, e não por último, em relação ao próprio papado.¹⁰⁸ Dessa forma, já vamos também nos encaminhando para o próximo ponto onde iremos tratar da fé do crente, que vem somente pela obra do Espírito Santo – que atua pela palavra externa, e, por isso, justifica-se a importância da palavra de Deus.¹⁰⁹

Caso o Espírito estivesse livre da palavra, isto significaria a admissão de outro caminho para a salvação, fora do Evangelho, mas o fato de que o Espírito age por meio da palavra, quer enfatizar e deixar claro uma vida ligada à de Jesus Cristo e significa a comunicação de Deus em lei e evangelho, já o contrário pode significar uma infinidade de coisas.¹¹⁰

É também preciso afirmar que a palavra não é algo exterior, no entanto, permanece enquanto tal. Muito pelo contrário, a palavra penetra no coração do crente, mas chega ao coração através da palavra, trazendo Cristo consigo. A essa interdependência, novamente Lutero pretende afirmar que não é possível receber o Espírito sem receber a palavra de Deus, sendo que assim Deus fala ao coração humano. A tarefa da pessoa que prega é garantir a proclamação da tensão entre lei e evangelho.¹¹¹

¹⁰⁶ OSel. 4, p. 11-216, à p. 113.

¹⁰⁷ OSel. 4, p. 11-216, à p. 112.

¹⁰⁸ “E nessas partes, que dizem respeito à palavra falada, externa, é preciso permanecer com firmeza nisso: que Deus a ninguém dá o seu Espírito ou graça a não ser por intermédio da palavra exterior precedente com ela. Assim nos protegemos dos entusiastas, isto é, dos espíritos que se jactam de terem o Espírito sem a palavra e antes dela, e que depois julgam interpretam e esticam a Escritura ou a palavra oral a seu talento.” Cf. LUTERO, Martinho. Os artigos de Esmalcalde [1537]. In: *Livro de Concórdia*, 2006. p. 336.

¹⁰⁹ MUELLER, 2005, p. 58-60.

¹¹⁰ ALTHAUS, 2008, p. 53.

¹¹¹ ALTHAUS, 2008, p. 55.

Como já apontamos anteriormente, tudo isso Lutero vinha enfatizando na sua controvérsia com os entusiastas, no entanto, estava claro para o reformador que todo falar de Deus vai sempre ser um falar espiritual no sentido de tocar o coração. Por isso a espiritualidade interna está ligada à palavra externa.

Lutero sabia que o Espírito pode trabalhar “sem meios”, mas dava ênfase na palavra para evitar as técnicas entusiastas de preparo da alma para receber o Espírito de modo a insistir sempre que “Deus vem a mim sem qualquer preparo ou ajuda de minha parte.”¹¹² Foi dessa forma que o reformador procurava preservar o fato de que o Espírito possui plena liberdade e ao mesmo tempo está Deus amarrado a si na palavra.¹¹³

Portanto, Lutero estava convencido do fato de que o crente não comunica a Cristo senão por meio da palavra, Escritura. É a palavra bíblica que toca o coração do ser humano a fim de que “possa andar em novidade de vida” (Rm 6.4). Dessa forma, a palavra de Deus nunca retorna vazia, mas aponta para o Cristo da cruz.¹¹⁴

Portanto, a pergunta pela obra e ação do Espírito está clara: Palavra - pela Palavra o Espírito age no ser humano. No entanto, permanece a pergunta pelo relacionamento entre Espírito e Palavra. Estariam intimamente ligadas da forma que, onde está a palavra ali está o Espírito? Ou pode a palavra ser sem o Espírito e o Espírito agir sem a palavra? Uma vez isto, queremos também esclarecer o que Lutero entende por palavra e como se dá este relacionamento.

2.4 O Espírito e a Palavra

O fato de Lutero encontrar a palavra nas Escrituras Sagradas não é preciso evidenciar, de modo que o reformador segue apenas a tradição da igreja. Todavia, pouco está dito qual sua “visão de palavra”.¹¹⁵ Para Lutero, a compreensão e manutenção da dialética: letra – espírito, e, lei – evangelho, é fundamental quando se trata da Palavra, já que, como um todo, Lutero visava à palavra com seu pensar teológico,¹¹⁶ desenvolvido na forma de dois princípios hermenêuticos.

¹¹² LUTERO *apud* SCHWARZ, Hans; JENSON, Robert W. Os meios da graça. In: BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. *Dogmática Cristã*. v. 2. São Leopoldo: Sinodal; IEPG, 1995. p. 259-394, à p. 273.

¹¹³ SCHWARZ; JENSON, 1995, p. 272.

¹¹⁴ WATSON, Philip S. *Deixa Deus ser Deus*: uma interpretação da teologia de Martinho Lutero. Canoas: ULBRA, 2005. p. 234; BAYER, 2007, p. 187.

¹¹⁵ PRENTER, 1954, p. 107.

¹¹⁶ EBELING, Gerhard. *O pensamento de Lutero*: uma introdução. São Leopoldo: Sinodal, 1988. p. 33.

2.4.1 Letra e Espírito

Para Lutero, o crente não deveria se contentar apenas com a letra e a palavra ouvida, mas antes procurar escutar o próprio Espírito Santo. Assim sendo, não é exatamente a palavra externa que concede a ação interna. A palavra enquanto letra anunciada é instrumento do Espírito que escreve palavras vivas no coração humano (*viva vox Evangelii*).¹¹⁷ Aquilo, pois, que a voz expressa de forma falada (*vocaliter*) é compreendido de forma vivencial (*vitaliter*) pelo coração humano, sendo o Espírito aquele que está oculto na própria letra.¹¹⁸

Dessa forma, devemos compreender que a letra é antes a lei que representa a ira de Deus e o Espírito é a boa nova que revela a graça divina. Assim, o Espírito Santo é a presença que torna viva (*viva vox*)¹¹⁹ a palavra, ao contrário da letra morta. Para Ebeling, a compreensão das Escrituras tem a ver com a ideia de progressão constante, e dessa forma a letra morta se torna Espírito vivo e atuante no crente.

Com essa dialética na sua teologia, Lutero está novamente no contexto da tradição. Este foi o pensamento do apóstolo Paulo, quando lemos “a letra mata, mas o Espírito vivifica” (2 Co 3.6). Referência que pode ser considerada critério hermenêutico para o apóstolo, bem como, para Agostinho.¹²⁰ Com isso, o reformador procura estabelecer critérios para a interpretação do texto bíblico, sendo que, Jesus Cristo torna-se princípio na interpretação, visando à fé que o aceita.¹²¹

A compreensão de Lutero é que o Espírito é orientado pelo Cristo da cruz, pela relação existente entre a palavra e a fé humana, conforme aponta,

Quem reconheceria que aquele que visivelmente é humilhado, tentado, condenado e morto, internamente é, ao mesmo tempo, sobremodo enaltecido, consolado, aceito e vivificado, não fosse o Espírito ensiná-lo pela fé? E quem admitiria que aquele que visivelmente é enaltecido, honrado, fortificado e vivificado, internamente é rejeitado, desprezado, enfraquecido e morto de maneira tão miserável, se a sabedoria do Espírito não lhe ensinasse isto?¹²²

¹¹⁷ BUCHRUCKER, Armin-Ernst. *Wort, Kirche und Abendmahl bei Luther*. Bremen: Stelten & Co., 1972, p. 29ss.

¹¹⁸ EBELING, 1988, p. 78; HEIMANN, Leopoldo (Org.) *Lutero, o teólogo*. Canoas, RS: ULBRA, 2004, p. 67.

¹¹⁹ BAYER, 2007, p. 55.

¹²⁰ ASENDORF, 2004, p. 394ss.

¹²¹ PRENTNER, 1954, p. 108.

¹²² LUTERO, *apud* EBELING, 1988, p. 83.

É justamente por isso que o teólogo Oswald Bayer afirma que viver no Espírito significa viver pela fé,¹²³ sendo que Espírito e fé são a mesma coisa. Assim, confirma-se a compreensão do Espírito que é ligado ao Cristo e então nasce a relação entre palavra e fé.¹²⁴

Vale retomar que no embate com Karlstadt e Müntzer, Lutero se confronta com a ideia de “[...] Espírito que, no sentido ontológico, simplesmente é explorado antiteticamente contra a corporalidade e que por isso, ao contrário do que poderia indicar uma impressão superficial...”¹²⁵. Em decorrência desse embate, o reformador de Wittenberg rejeitou a compreensão da possibilidade de uma recepção mística do Espírito por parte do crente antes da palavra externa, e também rejeitou a concepção de que o Espírito precede a palavra externa. Para Lutero, Deus age “[...] pelo exterior que deve e necessita preceder. O que é interior vem depois, através do exterior.”¹²⁶ Dessa forma, entende-se que Deus não quer dar o Espírito e a fé sem a palavra.¹²⁷

Lutero procura enfatizar que a vinda da fé acontece por meio das letras, pelo sentido simples das palavras – opondo-se à alegoria, pois a palavra é clara e dá a certeza da fé ao crente, sendo que a função da letra é servir o Espírito e a fé. Existe, no entanto, uma relação entre o Espírito vivo e a letra da Escritura, e nisto consiste a autoridade do Deus vivo. Foi essa simultaneidade que Lutero teve em mente ao pensar a relação entre Espírito e letra.¹²⁸

2.4.2 *Lei e Evangelho*

Lutero buscava conceituar na sua construção teológica termos que o preocupavam. A noção dialética na sua teologia foi se formando de forma gradativa. Pensou a relação entre letra e Espírito na reflexão combativa em relação ao entusiasmo, e explorada na sua preleção dos Salmos, enfatizando sempre a primazia da palavra externa. No entanto, outra questão começara a preocupar, a saber, como deveria a Escritura ser interpretada para que atingisse o crente e se tornasse viva no crente? Nesse sentido, qual seria a tarefa do Espírito Santo e da fé?

¹²³ Observe-se nesse sentido a obra de BAYER, Oswald. *Viver pela fé: justificação e santificação*. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

¹²⁴ MUELLER, 2004, p. 66.

¹²⁵ EBELING, 1988, p. 85.

¹²⁶ “Aber das alles, der Massen und der ordnung, das die eusserliche, stufe sollen und müssen vorgehen. Und die innerlichen hernach und durch die eusserlichen komen, also das ers beischlossen hat seine menschen die innerliche stuf zu geben on durch die eusserliche stufe.” WA 18, 136 (tradução nossa)

¹²⁷ BRAATEN, 1995, p. 167.

¹²⁸ BAYER, 2007, p. 57.

Aqui o reformador não se prendeu a sua primeira reflexão no que concerne à letra e ao Espírito, mas foi além, compreendendo a Escritura como lei (que exige) e Evangelho (que promete e oferece), amadurecendo¹²⁹ sua compreensão com relação aos questionamentos acima,¹³⁰ de forma que, tanto lei quanto evangelho são faces da mesma origem divina.¹³¹ Lutero afirma que “quase toda a Bíblia e o entendimento de toda a teologia dependem da correta compreensão de lei e evangelho”¹³², como elemento necessário para o raciocínio teológico e compreensão.

Dessa forma, convém notar que, o que Lutero busca, não é uma distinção ou uma posição, onde um pode ser substituído pelo outro, mas uma interconexão¹³³ a exemplo de um trecho de prédica do ano de 1532 sobre o texto de Gl 3.23-29, onde afirma:

A opinião de São Paulo é esta: que no cristianismo deve ser ensinada e captada, tanto pelos pregadores, como pelos ouvintes, uma diferença clara, a saber, a diferença entre lei e evangelho, entre as obras e a fé. Ele ordena isso também a Timóteo quando o exorta a separar corretamente a palavra da verdade [2 Tm 2.15]. Porque fazer essa diferenciação entre lei e evangelho é a arte suprema no cristianismo, que todos os que se gloriam ou adotam o nome de “cristão” deveriam saber e dominar. Porque se essa parte ficar faltando, não se poderá reconhecer a diferença entre um cristão e um pagão ou um judeu – de suma importância é, portanto, essa diferenciação.¹³⁴

Para o reformador, a dialética busca refletir de que forma Deus vai ao encontro do ser humano, de forma que este possa crer e agir de forma livre. Em relação ao equivocado pensamento antinomista,¹³⁵ o qual afirmava que, por ser evangelho, a mensagem não teria relação com a lei – portanto, fazendo a distinção – Lutero opunha-se,¹³⁶ defendendo a lei por causa da pureza do evangelho. Não se trata de uma distinção entre o bem e o mal, mas antes

¹²⁹ O ensino acerca da dialética entre Lei e Evangelho é uma nova formulação cunhada na Reforma por Lutero retomando Agostinho na sua formulação acerca da Lei e Graça. O próprio Agostinho afirma na obra “De Spiritu et Littera” – “Das Gesetz ist also gegeben, auf dass die Gnade gesucht werde; die Gnade ist gegeben, auf dass das Gesetz erfüllt werde”, AGOSTINHO *apud* LOHSE, Bernhard. *Luthers Theologie in ihrer historischen Entwicklung und in ihrem systematischen Zusammenhang*. Goettingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1995, p. 285.

¹³⁰ EBELING, 1988, p. 87.

¹³¹ WEGNER, Uwe. A dialética entre lei e evangelho à luz do Novo Testamento: inferências éticas e homiléticas. *Estudos Teológicos*, v. 45, n. 2, p. 141-165, 2005, à p. 142.

¹³² LUTERO *apud* EBELING, 1988, p. 88; Também cf. LOHSE, 1995, p. 284: „Nahezudie gesamte Schrift und die Erkenntnis der ganzen Theologie hängt an ser rechten Erkenntnis von Gesetz und Evangelium.“ (tradução nossa).

¹³³ Lutero afirma na primeira disputa antinomista que lei e Evangelho estão “miteinander verbunden”. Cf. LOHSE, 1995, p. 287.

¹³⁴ LUTERO *apud* BAYER, 2007, p. 43.

¹³⁵ Cf. OSeI. 4, 376-438.

¹³⁶ LOHSE, 1995, p. 200-203

fazer a correta relação para que se possa manter a dialética existente,¹³⁷ já que, Cristo também pregou a lei.¹³⁸

É, sobretudo, importante notar que Lutero entende a lei como uma grandeza universal, sendo dada e confirmada por Deus para que a vida em sociedade seja possível de forma respeitosa e fraterna. Para isso, Lutero defendeu essencialmente dois motivos¹³⁹ para que essas leis fossem promulgadas por Deus, que são:

1) Uso político e civil – implica na pregação da lei para que a sociedade possa conviver entre si de forma civilizada, sendo os pilares da sociedade a família, a propriedade, a escola e a igreja - ao mesmo tempo o ofício desempenhado pelas pessoas na sociedade.¹⁴⁰

2) Uso teológico – afirmando a lei enquanto vontade de Deus, e portanto, é preciso cumpri-la; no entanto, constantemente o ser humano depara-se com o descumprimento da lei (Rm 7. 15ss.). Assim Lutero defende uma dupla posição teológica da lei, a saber, que o ser humano deixa de cumprir a lei - o que coloca-o sob a condenação e juízo – sendo que o ser humano é acusado pecador diante de Deus; além dessa, existe uma segunda função em decorrência da primeira que possui a função de levar o crente a Cristo – para a justificação por fé – revelando, pois, o pecado, mas oferecendo a graça e misericórdia divina pelo evangelho.¹⁴¹

Já o evangelho para Lutero é, conforme afirmamos, o perdão e o acolhimento. Wegner afirma que “Deus oferece o evangelho para libertar-nos das consequências a que leva o pecado, ou seja, da ira e punição divinas.”¹⁴² Vale lembrar que o evangelho enquanto justificação e perdão dos pecados perpassa as Escrituras,¹⁴³ revelando o agir de Deus desde os princípios até os nossos dias, tanto no AT quanto no NT.

Em suma: a lei é exigência a ser cumprida; o evangelho é graça e aponta para a misericórdia, é palavra dinâmica, acontecimento.¹⁴⁴ É na pregação que essa relação se plenifica, sendo tarefa do Espírito Santo a sensibilização do crente (pela lei), mas também a condução para o arrependimento¹⁴⁵ (pelo evangelho) – assim dá-se o anúncio da palavra por

¹³⁷ EBELING, 1988, p. 92-93.

¹³⁸ ALTHAUS, 2008, p.278.

¹³⁹ Lutero afirmava o duplo uso da lei, “duplex usus legis”; mais tarde, emprega-se o “triplex usus legis” conforme consta em: Fórmula de Concórdia. In: *Livro de Concórdia*, 2006, p. 497-683, à p. 604ss.

¹⁴⁰ Cf. WEGNER, 2005, p. 144.

¹⁴¹ WEGNER, 2005, p. 145.

¹⁴² WEGNER, 2005, p. 146.

¹⁴³ LOHSE, 1995, p. 284.

¹⁴⁴ BRAKEMEIER, Gottfried. *A autoridade da Bíblia: controvérsias – significado – fundamento*. 2. ed. – São Leopoldo, RS: Sinodal, Centro de Estudos Bíblicos, 2003. p. 40-41.

¹⁴⁵ Lutero fala acerca do evangelho “retórico” – onde, por um lado, o crente ouve a voz dura que joga ao inferno; por outro lado, ouve a voz que encoraja e perdoa. Cf. ALTHAUS, 2008, p.279.

meio do Espírito Santo.¹⁴⁶ Cabe ainda mencionar que o mais importante é o uso teológico da lei, pois o Evangelho é ao mesmo tempo a lei e a sua proclamação. A fé inclui o conhecimento por antecedência do pecado. Que Deus não justifica por obras, mas somente pela fé não significa que a lei é dispensável para os crentes, no entanto, a lei não é caminho para salvação.¹⁴⁷ Mesmo assim a lei mantém-se na Palavra de Deus, porquanto o cristão ainda é pecador,¹⁴⁸ contudo “o evangelho transcende a lei; a lei nunca transcende o evangelho.”¹⁴⁹

2.5 A fé

Não vamos considerar todos os aspectos da fé nessa seção, mas queremos antes, refletir o conteúdo da fé. Em que sentido e quanto a salvação depende dela, e, para isso, precisamos considerar a Palavra e seu desenvolvimento na forma de Lei e Evangelho. Também é preciso apontar para o significado da fé no Cristo¹⁵⁰ que somente pode ser compreendida se apontarmos atentamente à justificação – e também para a pessoa e obra de Jesus Cristo.

2.5.1 A fé e a Palavra de Deus

Ao falar da fé a partir de Lutero, faz-se necessário falar da palavra de Deus. Por isso podemos justificar toda nossa reflexão que até aqui nos trouxe. A palavra é aquela que chama o crente à fé e faz operar a fé nele. Justamente por causa da natureza da fé e da palavra que ambas estão inter-relacionadas.¹⁵¹

No entendimento de Lutero, a fé não se dá por esforços próprios, nem se dá por condições psicológicas ou uma espécie de “pensamento positivo”. A fé dá-se no relacionamento humano, na base da confiança [e da convivência]¹⁵², ela existe como resposta

¹⁴⁶ WEGNER, 2005, p. 147.

¹⁴⁷ Lutero afirma na disputa antinomista ”portanto, a lei não é abolida para sempre, mas continuará a ser - como estar satisfeito com os condenados, como cumprida no Santíssimo.” „deshalb wird das Gesetz in Ewigkeit nicht aufgehoben, sondern es wird bleiben – als zu erfüllendes bei den Verdammten, als erfülltes bei den Seligen.“

Cf. LUTERO *apud* LOHSE, 1995, p. 294.

¹⁴⁸ LOHSE, 1995, p. 291.

¹⁴⁹ ALTHAUS, 2008, p.282.

¹⁵⁰ No escrito “Da Liberdade Cristã” (1520) [„Von der Freiheit eines Christenmenschen“ (1520)], WA 7,24 Lutero formula: „glaubstu, so hastu, glaubstu nit, so hastu nit”. Trad. “se crês, tens, se não crês, não tens.”

¹⁵¹ ALTHAUS, 2008, p.59.

¹⁵² Rudolf von Sinner, teólogo suíço, radicado no Brasil, argumenta numa de suas obras, quando trata de questões ecumênicas, que o princípio da confiança se dá a partir da fé comum entre as pessoas, possibilitada pelo “Christus praesens” – fazendo referência à Dietrich Ritschl. Assim podemos afirmar que “fé” não é

à palavra de Deus. A palavra é a promessa¹⁵³, ou seja, palavra do evangelho, a lei não é objeto da fé, no sentido do evangelho, mas a lei está escrita¹⁵⁴ no coração humano, já a fé é alimentada pela palavra de Deus, sendo assim a palavra objeto da fé.¹⁵⁵ Podemos também aqui fazer referência ao Catecismo Maior, onde Lutero escreve que a “fé e Deus pertencem juntos”¹⁵⁶.

No relacionamento entre Deus e ser humano, a prioridade absoluta é de Deus, pelo fato da fé humana não criar a palavra, mas apenas recebe, ouve, sente, experimenta. A graça divina é oferecida por Deus por meio da palavra, esta é, pois, recebida e agarrada pela fé, sendo que sem a fé a palavra não é real para o crente. Conforme Althaus, “fé é o caminho no qual, mesmo em meio a essa vida terrena, nós transcendemos e vivemos em Deus na plenitude da salvação.”¹⁵⁷

Para Lutero, a fé não é resultado de qualquer esforço humano, antes é pura graça de Deus, conforme aponta:

Fé não é um conhecimento humano e sonho que algumas pessoas chamam de fé... quando ouvem o Evangelho, elas andam ocupadas para, pelos próprios poderes, criarem uma idéia [sic] de fé em seus corações, e dizem: cremos! Julgam então que isso é a verdadeira fé. Mas, por ser imaginação e idéia [sic] humana, nunca a profundidade do coração será alcançada, disso nada resultará e não seguirá nenhuma mudança.¹⁵⁸

Diante desse pensamento podemos afirmar que a fé não pode ser “feita” pelo crente, ela não pode ser uma intenção humana, e, caso assim o fosse, não resistirá nas horas difíceis da vida humana. Sendo assim, quem opera a fé é Deus, que pela ação poderosa de Deus vence todo mal. Esta fé é, portanto, criada por Deus pela palavra.

Outro aspecto importante é que, a própria palavra convence o crente de sua veracidade, pois ela é autoridade, ou seja, o próprio Deus é autoridade na palavra. Essa é a grande diferença entre a fé, enquanto produção humana e a fé que vem do Espírito Santo, por isso, a fé depende somente da palavra. Esta, pois, chega até o crente por meio do testemunho

“coisa de outro mundo”, mas é graça divina, profundamente existencial, cultivada no relacionamento humano. É também por meio da convivência que gera confiança que o Cristo torna-se “Christus praesens”, ou seja, é em meio à convivência humana, que gera confiança que o Espírito do “Christus praesens” age. Cf. SINNER, Rudolf von. *Confiança e convivência: reflexões éticas e ecumênicas*. São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 20ss.

¹⁵³ *Promissio*, cf. WA 7,52

¹⁵⁴ AGOSTINHO, 1984, p. 15.

¹⁵⁵ ALTHAUS, 2008, p.60.

¹⁵⁶ LUTERO, Martinho. Catecismo Maior, In: *Livro de Concórdia*, 2006, p. 385-496, à p. 399.

¹⁵⁷ ALTHAUS, 2008, p. 62.

¹⁵⁸ LUTERO *apud* ALTHAUS, 2008, p. 63.

da igreja. Central é, para Lutero, o fato de que a fé é gerada a partir do momento que o ser humano é convencido internamente pela viva voz de Deus.¹⁵⁹

Também Lutero falou da fé sob diferentes ênfases e aspectos, por exemplo, critica a Bíblia por razões específicas e ao mesmo tempo a aceita como livro infalível, inspirado pelo Espírito Santo. Esta não é somente a palavra que fala por meio da Lei e do Evangelho, mas também fala de outros assuntos, do modo que todos os relatos contidos na Bíblia são palavra, dada pelo Espírito Santo. No entanto, a fé que tem por objetivo a Bíblia é a fé criada pelo ser humano, já a fé enquanto cria da palavra é dom, dádiva.¹⁶⁰

2.5.2 *A fé e a experiência*

Discutimos até o momento acerca da fé que vem ao crente pela palavra de Deus. Esse não é o objeto do qual trata a experiência, mas aquilo que pode ser apreendido pela fé na palavra. Para fins ilustrativos, Lutero cita constantemente a palavra de Hebreus 11. 1 “A fé é a certeza das coisas que se esperam, a convicção de fatos que não se vêem [sic]”¹⁶¹ Dessa forma, Lutero buscava apontar para a fé e o Deus que permanece oculto, como uma realidade só. Ainda a respeito, afirma:

Por conseguinte, para que haja lugar para a fé, é necessário que todas as coisas que se creem [sic] sejam absconditas. Ora, não podem estar mais remotamente absconditas do que se estão sob o contrário do que se tem à vista, se percebe e experimenta.¹⁶²

Assim sendo, podemos afirmar que a fé terá a experiência como algo que se contrapõe a ela, mas que faz parte do relacionamento entre o crente e Deus.¹⁶³ O reformador descreveu essa contraposição, referindo-se assim às tribulações enfrentadas por seres humanos, para assim reafirmar a palavra como critério e centralidade, ao contrário das próprias emoções e sentimentos do crente, tribulações estas idênticas às que o próprio Cristo assume na cruz.¹⁶⁴

As dúvidas mais cruéis acometem o ser humano pelo fato de que a palavra de Deus vem ao ser humano na forma de Lei e Evangelho, ao mesmo tempo, é necessário afirmar que

¹⁵⁹ BAYER, 1997, p. 45.

¹⁶⁰ ALTHAUS, 2008, p. 67ss.

¹⁶¹ Cf. BAYER, 1997, p. 202; OSel 4, p. 11-216 à p. 47; LOEWENICH, Walther von. *A Teologia da Cruz de Lutero*. São Leopoldo: Sinodal, 1988. p. 86.

¹⁶² OSel. 4, p. 11-216, à p. 47.

¹⁶³ LOEWENICH, 1988, p. 90.

¹⁶⁴ LOEWENICH, 1988, p. 113ss.

é nessa tensão que a fé subsiste. O convite dá-se para que o crente se desprenda dos seus sentimentos e se volte para o Evangelho, pois é ali que Deus acolhe os pecadores, de modo que Lutero chega a afirmar: “O cristão é um herói que luta constantemente com coisas impossíveis.”¹⁶⁵

A fé é, sobretudo, uma entrega confiante para a palavra de Deus, a qual o ser humano experimenta enquanto crente e por ela é cativado. Para isso, Lutero faz a distinção entre a fé falsa e a fé verdadeira, afirmando que a fé verdadeira difere da fé que o ser humano cria para si mesmo. O reformador usou expressões para o momento da experiência, afirmando que a palavra satisfaz e torna cativo o coração.¹⁶⁶

Todavia, a fé experimenta a vida, mas fé e experiência são coisas diferentes, pois a fé crê em oposição à experiência, e sente que a partir do momento que crê, recebe experiência. Ou seja, o crente ouve a palavra da cruz e então experimenta o poder salvador no seu próprio coração.¹⁶⁷

Para Lutero, a fé não busca a experiência, mas antes significa um movimento de entrega à palavra. Ela está limitada à razão e mente, ou seja, ao que o crente capta por meios externos. Fé e experiência estão em última análise, em luta “assim inicia uma batalha na qual a experiência luta contra o Espírito e a fé luta contra a experiência”¹⁶⁸, de modo que somente na eternidade a fé e a razão cessam seu conflito e a fé conduz o crente através do pecado e morte, contrário à razão.¹⁶⁹

Essa tensão permanece por toda vida, mesmo que em intensidades diferentes, da forma que a fé busca terreno da experiência e será resolvida só no novo céu e na nova terra, e o que permanece é a fé no Deus misericordioso e compassivo para com seus filhos e filhas. A partir de Lutero nos é possível verificar diferentes aspectos da fé, que se dá enquanto confiança, conteúdo, postura, no entanto, em última análise, a fé que se torna concreta na experiência é o amor.¹⁷⁰

¹⁶⁵ LUTERO *apud* ALTHAUS, 2008, p.75.

¹⁶⁶ Cf. nota 143.

¹⁶⁷ ALTHAUS, 2008, p. 77.

¹⁶⁸ ALTHAUS, 2008, p. 79.

¹⁶⁹ ALTHAUS, 2008, p. 79.

¹⁷⁰ LOEWENICH, 1988, p. 90.

2.6 O Espírito e os sacramentos

Neste ponto, queremos reforçar a ação do Espírito Santo que para Lutero é mediada pela palavra externa. Dessa forma, queremos apontar para a compreensão de Lutero acerca dos sacramentos, apontando para o Catecismo Maior como pano de fundo da reflexão.

Nossa intenção é num primeiro momento, e de forma objetiva, esclarecer a palavra “sacramentos”¹⁷¹. Sabemos que sempre de novo existem iniciativas para a (re)definição do termo, especialmente no âmbito protestante.¹⁷² Etimologicamente o termo sacramento provém do latim *sacer* “santo” ou *sacrare* “consagrar a divindade”. O termo latino *sacramentum* significa “consagração religiosa” e aponta para o “testemunho da graça de Deus”.¹⁷³

Deus, portanto, encontra o crente em sua palavra, sendo que o crente aceita a palavra em fé. Dessa forma, Deus lida com os seres humanos, entre a promessa e a fé.¹⁷⁴

2.6.1 Sacramento e Evangelho

Também para Lutero o sacramento significa a combinação entre a palavra da promessa e a fé. Nesse sentido, pode-se afirmar que o sinal em si ainda não pode ser considerado sacramento, sendo que o sinal “*elementum*” deve ser instituído por Deus e combinado com uma promessa “*verbum*”.¹⁷⁵ Assim sendo, o sacramento depende da palavra e da promessa. Por isso, conforme Lutero, onde falta a promessa não se pode falar em sacramento. Assim, de forma restrita podemos falar somente em dois ou três sacramentos.¹⁷⁶

Decisivo é, conforme a palavra, a “*promissio et fides*”¹⁷⁷. Ou seja, o sacramento não é nada sem a palavra, o que Lutero explica no Catecismo Menor: “A água, em verdade, não as

¹⁷¹ O termo é inexistente na Bíblia. O termo “sacramento” a Igreja toma emprestado a partir do termo neotestamentário mistério (no grego μυστήριον). A definição do termo foi sendo articulada ao longo da história da Igreja.

¹⁷² Cf. BUCHRUCKER, Armin-Ernst. *Wort, Kirche und Abendmahl bei Luther*. Bremen: Stelten & CO, 1972; HEMPELMANN, Reinhard. *Sakrament als Ort des Vermittlung des Heils: Sakramententheologie im evangelisch-katholischen Dialog*. Goettingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1992. p. 101-106. Em resumo, “Sacramento enquanto celebração do único Sacramento da Igreja: Jesus Cristo”.

¹⁷³ O termo em alemão é “Gnadenbezeugung Gottes” cf. KLUGE, Friedrich: *Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache*, bearbeitet von Elmar Seebold, Berlin, 1989, p. 614.

¹⁷⁴ BAYER, 2007, p. 33ss.

¹⁷⁵ “na medida em que é ordenado por Deus ou por Jesus Cristo e o fato de que ele está conectado e provido de uma promessa divina de salvação” “– dadurch, dass es von Gott bzw. Von Jesus Christus *eingezest, angeordnet* oder *befohlen* ist und dadurch, dass es mit einer *göttlichen Heilsverheissung* verbunden und ausgestattet ist,” HÄRLE, Wilfried: *Dogmatik*. Berlin: de Gruyter, 2012. p. 555.

¹⁷⁶ HÄRLE, 2012, p. 556-557.

¹⁷⁷ Cf. nota 151.

faz, mas a palavra de Deus que está unida à água...”¹⁷⁸ e “o comer e o beber, em verdade, não as podem efetuar, mas sim as palavras ‘dadas em favor de vós’ e ‘para a remissão dos pecados’”¹⁷⁹. Assim Lutero reconheceu os sacramentos, como graça que traz o perdão dos pecados e a salvação.

O sacramento dá para o crente a garantia da promessa de Deus para o fortalecimento da fé, conforme aponta o próprio Lutero: “Todos os sacramentos foram instituídos para nutrir a fé”.¹⁸⁰ Também o sacramento é único, no sentido de que possui conteúdo físico. É ato físico, feito para o nosso corpo, do qual participamos também. Esse caráter físico do sacramento significa que o sacramento contém algo que nutre a fé e pode ser apropriado pelo coração humano.¹⁸¹

2.6.2 *Sacramento e fé*

Compreender os sacramentos enquanto sinal da promessa, oferecida na palavra por meio do Espírito Santo constitui um relacionamento indissolúvel entre sacramento e fé. Lutero buscava enfatizar que a forma sacramental da palavra está presente para a fé e depende da fé, pois de nada contribui para a salvação humana sem a presença da fé. Da mesma forma que a própria palavra, assim o sacramento é a autodoação de Deus à pessoa. Nesse sentido, “as obras de Deus, entretanto, são salvadoras e necessárias para a salvação, e não excluem a fé, senão que a exigem, pois que sem a fé não poderiam ser apreendidas”.¹⁸²

O Concílio de Trento (1545-1563) se opôs a esse tipo de doutrina dos sacramentos, especialmente sob o aspecto de que em circunstâncias seriam dispensáveis à salvação. Lutero, contudo, afirma que não faz o desejo pelo batismo uma condição para a salvação, mas antes a fé no evangelho. Foi essa posição que Lutero manteve na sua polêmica com Roma, o que o levou a uma segunda frente nessa discussão em relação aos entusiastas.

Foi por isso que Lutero precisou acentuar outros pontos em relação aos sacramentos, pelo fato dos entusiastas darem pouco valor à palavra externa, e mais valor à palavra interna, da mesma forma como desprezavam os “sinais externos” dos sacramentos. Desvalorizavam a teologia de Lutero quando este afirmava que somente a fé salva. Lutero concedeu ênfase ao

¹⁷⁸ LUTERO, Martinho. *Catecismo Menor*, In: *Livro de Concórdia*, 2006, p. 361-384, à p. 376.

¹⁷⁹ LUTERO, Martinho. *Catecismo Menor*, In: *Livro de Concórdia*, 2006, p. 361-384, à p. 379.

¹⁸⁰ LUTERO *apud* ALTHAUS, 2008, p.364.

¹⁸¹ BAYER, 2007, p. 129ss.

¹⁸² LUTERO, Martinho. *Catecismo Maior*, In: *Livro de Concórdia*, 2006, p. 385-496, à p. 479.

fato de que Deus instituiu e ordenou os sacramentos¹⁸³ e que o próprio Deus quer realizar em nós através destas “ordenanças externas”, pois, todo evangelho é uma proclamação externa que não pode ser separada da fé,¹⁸⁴ conforme aponta:

Mas quanto a nossos sabichões, os novos espíritos, alegrem que somente a fé salva, nada contribuindo para isto as obras e coisas externas, respondemos que, na verdade, em nós, nada o faz senão a fé, conforme ainda ouviremos mais adiante. Esses guias de cegos não querem ver, porém, que a fé precisa ter algo em que creia, isto é, algo a que se apegue e em que se firme e se baseie. Assim, a fé se apegue à água, crendo que é o batismo, em que há pura salvação e vida. Não pela água, como ficou dito suficientemente, mas porque está unido à palavra e ordem de Deus e por lhe estar aderido o seu nome. Agora, se creio isso, em que outra coisa creio senão em Deus, como aquele que deu e implantou sua palavra no batismo e nos propõe essa coisa externa, em que nos fosse possível apreender tal tesouro?

Agora, essa gente é tão insensata que separa uma coisa da outra, a fé e a coisa a que a fé adere e com a qual está ligada, muito embora seja algo de externo. Na verdade, deve e, necessariamente, tem de ser de natureza externa, para que se possa captá-la e compreendê-la com os sentidos e a fim de que, mediante isso, se possa levá-la ao coração. Pois o evangelho todo é pregação externa, oral. Em suma, tudo quanto Deus em nós faz e opera, ele o quer através de tal ordenação externa.¹⁸⁵

Com relação a esta orientação de Lutero, podemos afirmar que o Espírito Santo opera por meio dos sacramentos. Na palavra atua o Espírito santificador de Deus, sendo que o olhar não se volta somente para o crente de forma individual, mas antes, para o santificador e a palavra, conforme consta no Catecismo Maior formulado por Lutero no terceiro artigo:

Aprende, pois, a compreender este artigo de maneira mais clara. Se perguntarem: Que queres dizer com as palavras “Creio no Espírito Santo”? podes responder: “Creio que o Espírito Santo me santifica, como o seu nome indica”. Mas com que ele o faz ou qual é sua maneira e seu meio para tanto? Resposta: “Por intermédio da igreja cristã, da remissão dos pecados, da ressurreição da carne e da vida eterna”. Pois, em primeiro lugar, ele tem uma congregação peculiar no mundo, congregação esta que é a mãe que gera e carrega a cada cristão mediante a palavra de Deus, que ele revela e prega. Ilumina e incende os corações, para que a entendam, aceitem, a ela se prendam e nela permaneçam. [...] Pois onde não se prega de Cristo, aí não há Espírito Santo, que cria, chama e congrega a Igreja cristã...¹⁸⁶

¹⁸³ Cf. ALTHAUS, 2008, p. 63.

¹⁸⁴ ALTHAUS, 2008, p.368-369.

¹⁸⁵ LUTERO, Martinho. Catecismo Maior, In: *Livro de Concórdia*, 2006, p. 385-496, à p. 478.

¹⁸⁶ LUTERO, Martinho. Catecismo Maior, In: *Livro de Concórdia*, 2006, p. 385-496, à p. 452-53.

2.7 Considerações finais

Em suma, podemos afirmar, a partir de Lutero, que, viver no Espírito significa viver na fé, ou seja, no mesmo ser humano existem duas dimensões, seja Adão e o Cristo, bem como, o ser humano exterior e o interior – carne e espírito.

O Espírito de Cristo é propagador da obra que Cristo iniciou, e que continua levando o crente ao confronto com o Cristo vivo, que torna a vida, morte e ressurreição, realidade salvífica.

O centro de nossa reflexão foi a correlação do Espírito Santo de Cristo no ser humano, considerando o contexto que levou o reformador a tal concepção. A pneumatologia de Lutero é a resposta para a tendência entusiasta desde a Guerra dos Camponeses até a discussão em torno da compreensão de Ceia. Destaca-se também em Lutero a tentativa de negar a eclesiologia romana. O avanço teológico de Lutero se dá de forma intencional pela descoberta da justificação por graça mediante a fé – voltado para a ação condutora do Espírito Santo. A fé no Cristo é mediada pelo Espírito Santo, ou seja, sem o Espírito Santo o crente perde suas bases no Cristo.

Veremos a seguir como se dá este relacionamento entre ser humano crente e Espírito a partir de Calvino.

3. O ESPÍRITO SANTO NO ENTENDIMENTO DE CALVINO

[...] Para aí tende esse sagrado matrimônio por meio do qual somos feitos carne de sua carne e ossos de seus ossos (Ef 5.30), ou antes, uma só coisa com Ele. Somente pelo Espírito une-se conosco. Pela graça e pelo poder do mesmo Espírito, somos feitos membros seus, para que nos contenha debaixo de si, e para que o possuamos reciprocamente.¹⁸⁷

3.1 Considerações preliminares

Calvino é concebido reformador de segunda geração. Nasceu na França em 1509. Nessa época, Lutero e Zwínglio já estavam em plena atividade. Lutero, conferencista na Universidade de Erfurt, e Zwínglio atuava em atividades pastorais na cidade de Glarus.

Quando Calvino torna-se protestante, no início dos anos 1530, passa a herdar uma tradição e teologia em curso, já relativamente bem definida e embasada, por conta dos debates e controvérsias que somavam quase duas décadas.¹⁸⁸

Lutero, no auge da sua atuação estava confiante do êxito que teria com relação ao que se propunha. Acreditava que o papado cairia, e que o imperador convocaria um conselho reformador, e que conseguiria converter judeus e turcos para o cristianismo.¹⁸⁹

Já no final da década de 20, Lutero vai se convencendo do contrário, ou seja, o esperado não acontece: encontra-se excomungado da Igreja Católica e os turcos e judeus não haviam demonstrado interesse em relação às tentativas de evangelização. Muitos que no início da Reforma haviam se juntado a Lutero, já não mais comungavam com as ideias do “papa de Wittenberg”, conforme apontava Müntzer em tom negativo.¹⁹⁰

Havia ainda muita incerteza no ar. Lutero ficara conhecido na Europa com a ampla distribuição de suas *Noventa e Cinco Teses*, não sem a ajuda de muitos humanistas. No entanto, havia quem não estivesse de acordo com Lutero: Erasmo, os entusiastas, espiritualistas, anabatistas, sacramentalistas – grupos os quais Lutero denominava de “Schwärmer”, pois se caracterizavam, como um confuso e estressante enxame de abelhas ao redor de uma colmeia.¹⁹¹

Atentando à época, é possível verificar que Zwínglio já havia falecido, Erasmo encontrava-se muito doente, e ao mesmo tempo a igreja romana ressurgia aos poucos. Porém,

¹⁸⁷ Inst. III, 1,4.

¹⁸⁸ GEORGE, 1993, p. 165.

¹⁸⁹ Cf. GEORGE, 1993, p. 165.

¹⁹⁰ GEORGE, 1993, p. 166.

¹⁹¹ GEORGE, 1993, p. 166.

surge um novo ator – João Calvino – quem torna-se líder de um novo movimento e consequentemente de uma nova teologia. Mesmo que não tenham se encontrado pessoalmente, Calvino nunca chegou a se declarar independente em termos teológicos, de Lutero, antes, denominava-se um fiel seguidor,¹⁹² ao contrário de Zwínglio. Apenas nos últimos anos de vida de Lutero, Calvino teria tido problemas com sua teimosia em alguns aspectos teológicos.¹⁹³

Calvino terminou em agosto de 1535 um Catecismo Evangélico para os franceses reformados, sendo que este se encontra disponível na forma impressa em março de 1536. Ao lado da escrita do Catecismo, que ele denominou mais tarde de “Instituição da Religião Cristã” [*Institutio christianae religionis*], Calvino ocupa-se com o estudo da Bíblia, das obras de Martin Lutero, Filipe Melanchthon, Martin Bucer, e, também com os escolásticos.¹⁹⁴ Tomou a base da Reforma de Lutero, a saber, os quatro “solos”, e os esclareceu com bastante profundidade teológica, adaptando-os ao seu contexto em Genebra.¹⁹⁵ Pautou-se a partir de 1537 numa nova organização eclesial, na qual não buscava, contudo, criar uma “comunidade dos eleitos”, opondo-se dessa forma à concepção anabatista da época.¹⁹⁶

Assim como Lutero, também Calvino foi por vezes bastante polêmico: exemplo disso foi quando foi conivente com a prisão de Miguel de Serveto, que foi queimado vivo em 1553 por não ter desenvolvido uma cristologia trinitária, sendo então, acusado de heresia por ordem do Concílio Protestante de Genebra.

Calvino acreditava e defendia piamente a dupla predestinação, de forma que Deus destina uns para a salvação e outros não.¹⁹⁷ Conforme o teólogo Timothy George, também os desprezadores mais modernos de Calvino não poupavam palavras ao apontá-lo como “sombrio” e que “nada nele fala ao coração”.¹⁹⁸ Em última análise, podemos afirmar que Calvino foi o que Lutero afirmara que todo ser humano de fato é: simultaneamente justo e pecador.

¹⁹² HÄGGLUND, Bengt. *História da Teologia*. 8. ed. Porto Alegre: Concórdia, 2014. p. 208

¹⁹³ “Para Calvino, Lutero era um excelente servo de Cristo, a quem todos têm muito a agradecer; era dever de todos repreender Lutero por suas deficiências, pois senão não iria manter espaço suficiente para desenvolver seu gênio. „Für Calvin blieb Luther ein herausragender Diener Christi, dem alle viel zu verdanken haben; es sei die Pflicht aller, Luther für seine Unzulänglichkeiten so zu rügen, dass er noch genügend Raum zur Entfaltung seiner geniale Begabung behalten würde.“ Cf. HERMINJARD, 1966 *apud* SELDERHUIS, Herman. Calvin und Wittenberg In: SELDERHUIS, Herman J., (Hg.) *Calvin Handbuch*. Mohr Siebeck, Tübingen, 2008. p. 57-63, à p. 59.

¹⁹⁴ PLASGER, Georg. *Johannes Calvins Theologie – Eine Einführung*. Vandenhoeck & Ruprecht, Göttingen, 2009, p. 12.

¹⁹⁵ GEORGE, 1993, p. 166.

¹⁹⁶ PLASGER, 2009, p. 12.

¹⁹⁷ PLASGER, 2009, cf. p. 89-96

¹⁹⁸ GEORGE, 1993, p. 167.

De 1523 a 1541, a vida prepara Calvino para ser um grande reformador. Foi um teólogo bastante contextualizado e muito atento à conjuntura política, religiosa e social de sua época. Todos os temas que desenvolve são temas bastante próximos à sua espiritualidade pessoal. Para Calvino, fé é o dom único do Espírito Santo, ou seja, um dom para às pessoas que, permaneceriam na descrença, recebem a fé pela graça.¹⁹⁹

Para essa abordagem acerca da ação do Espírito Santo no crente, iremos nos pautar especialmente no terceiro volume das Institutas de Calvino. Este é um belo tratado acerca da vida cristã, no qual Calvino desenvolveu de forma sucessiva diversos tópicos que na sua interpretação estão diretamente relacionados à vida do crente.

Mesmo que o Espírito Santo esteja bem presente e desempenhe função importante no pensamento teológico de Calvino,²⁰⁰ de antemão afirmamos que não há argumentos que nos levem a classificar seu pensamento teológico para dentro de um campo espiritualista, não bíblico, ou então, místico (no sentido negativo). Calvino é, antes, alguém fortemente trinitário nas suas construções teológicas.²⁰¹

Cabe também salientar que todas as articulações teológicas conduzidas por Calvino tem por base a ideia de que o Espírito procede de Cristo e não é possível desconectar um do outro, conforme aponta:

[...] Mais adiante, porque Deus Pai, por causa do seu Filho, nos concede o Espírito, e mesmo depositou nele toda a plenitude, para que fosse ministro e dispensador de sua liberalidade, ora é chamado Espírito do Pai, ora Espírito do Filho.²⁰²

A obra do Espírito Santo perpassa toda sua teologia,²⁰³ de forma que não é possível abordar todos os aspectos neste trabalho. Em quatro grandes temas o Espírito Santo desempenha importante função, os quais também podem ser notados da mesma forma em Lutero: na concepção de Palavra, nos Sacramentos, acerca da criação e na vida cristã. O Espírito Santo é, portanto, fundamental e indispensável na teologia de Calvino. No entanto, nos ocuparemos novamente com a questão levantada inicialmente, do relacionamento entre espírito humano e Espírito Santo, no que tange à vida cristã.

Para Calvino, a vida do ser humano é possibilitada do início ao fim por meio da graça de Deus, e, dessa forma, o ser humano experimenta a força e o poder do Espírito Santo.

¹⁹⁹ Inst. III, 1,4. p. 20;

²⁰⁰ “Fuer Calvin hänge jedes Begreifen Gottes von der Handlung des Heiligen Geistes ab”. Cf. HESSELINK, I. John. Heiliger Geist. In.: SELDERHUIS, 2008. p. 295-306, à p. 296.

²⁰¹ HESSELINK, I. John. Heiliger Geist. In.: SELDERHUIS, 2008. p. 295-306, à p. 296.

²⁰² Inst, III 1, 2, p.18.

²⁰³ FREUDENBERG, Matthias. *Reformierte Theologie*. Eine Einführung. Neukirchen-Vluyn, 2011. p. 211.

Essa concepção aponta para os temas “fé” e “regeneração”, na sequencia para a penitência, enquanto um processo contínuo de justificação e santificação do crente.

3.2 A mais nobre obra do Espírito Santo: a fé²⁰⁴

No terceiro livro das Institutas, Calvino esclarece a ação objetiva de Cristo para a apropriação subjetiva por parte do ser humano, de forma que o título do primeiro capítulo é “As coisas que dissemos acerca de Cristo são-nos úteis pela ação misteriosa do Espírito”, onde aponta para a relação entre o Espírito Santo e a soteriologia.²⁰⁵

A obra do Espírito Santo é a ligação entre ser humano e o Cristo, em que Cristo presenteia com a fé. Somente na fé os benefícios de Cristo para o crente podem ser reconhecidos. Dessa forma, na fé o ser humano crê que a ação do Espírito Santo é mais poderosa do que as tentações.²⁰⁶

Calvino percebe que ele mesmo confere na sua teologia certa centralidade para a ação do Espírito Santo, algo que retoma várias vezes e enfatiza: o Espírito Santo gera a fé, conforme escreve:

No entanto, como é a mais importante de suas obras, à fé se refere a maior parte de tudo quanto ocorre a cada passo na Escritura para descrever seu poder e operação: porque somente pela fé nos guia à luz do Evangelho.²⁰⁷

Ao mesmo tempo, não limita a ação do Espírito Santo, o que se torna bastante visível na medida em que vai “construindo” suas Institutas. Sem adentrarmos no tema da predestinação e da eleição, podemos afirmar que para Calvino está claro que o ser humano não pode, por si mesmo encontrar um caminho para Deus.²⁰⁸

Igualmente, Calvino afirma que o ser humano é pecador e necessita da justificação, e que não pode obtê-la por si mesmo. Por isso, o próprio Deus por meio do Espírito Santo concede sua justiça para o ser humano. Assim sendo, a fé não é uma escolha humana, mas um

²⁰⁴ Calvino dedicou um breve capítulo à fé na versão do ano de 1536 das Institutas. Até 1559 desenvolveu um longo capítulo com 43 partes. Nisto podemos verificar a grande dedicação e luta de Calvino em preservar o mais essencial: o Evangelho! Cf. GEORGE, 1993, p. 223.

²⁰⁵ Para este capítulo vale observar o trabalho doutoral do sul coreano, Myung-Sun Moon, intitulado: „Das Wirken des Heiligen Geistes zur Stiftung der Gemeinschaft mit Jesus Christus.“ (Eine Untersuchung zu Johannes Calvins Pneumatologie nach der Institutio von 1536 und der Institutio von 1559). O trabalho encontra-se disponível de forma online no website da biblioteca da Universidade de Heidelberg/Alemanha: <<http://archiv.ub.uni-heidelberg.de/volltextserver/8154/>>

²⁰⁶ PLASGER, 2009, p. 79.

²⁰⁷ Inst. III 1.04, p. 20

²⁰⁸ PLASGER, 2009, p. 80.

presente do Espírito Santo, tema que Calvino aborda quando fala da “ação misteriosa do Espírito”.²⁰⁹

Esta ação misteriosa do Espírito Santo, e, portanto, não verificável, traz consigo a complexidade do tema, de forma que todas as definições da fé não totalmente compreensíveis. Estamos, portanto, lidando antes com aproximações ao tema, do que com definições.²¹⁰

O que acontece quando o Espírito Santo vem ao ser humano? Conforme já dito anteriormente, o Espírito “conecta” o ser humano com Cristo, conforme consta “o Espírito Santo é o vínculo com que Cristo nos ata a Ele firmemente.”²¹¹ Nesse sentido, tanto Calvino quanto Lutero apontam para uma “maravilhosa troca alegre”²¹² (*fröhlicher Wechsel*), porque acontece a autodoação de Cristo para o ser humano. Essa comunhão com Cristo é possível ao ser humano apenas de forma livre e não mágica. A fé é para Calvino apenas uma espécie de “semente” e aponta para a ressurreição, onde revelará toda sua glória e poder. No entanto, já aqui e agora a fé leva a transformações, sendo que leva o crente à regeneração e transforma em nova criação.²¹³

3.2.1 A fé é conhecimento e confiança – inclui mente e coração

É possível verificar que Calvino busca defender que a fé é também conhecimento. No entanto, de forma imediata fala que o aspecto do conhecimento da fé não se refere no sentido de definir o objeto da fé.

[...] Quando chamamos a fé “conhecimento”, não entendemos com isso a compreensão tal qual costuma haver daquelas coisas que estão ao alcance do juízo humano. Porque lhe é de tal forma superior que é preciso a mente do homem exceder-se e superar-se para chegar a ela. E, quando a atinge, tampouco compreende o que sente; mas enquanto está persuadida daquilo que não chega a captar, entende muito mais com a certeza dessa persuasão do que se percebesse alguma coisa humana de acordo com sua capacidade.²¹⁴

Dessa forma, podemos afirmar o aspecto do “conhecimento” da fé, porque o Espírito Santo testemunha algo para o crente, o que não é mensurável com o conhecimento humano. Acontece que o Espírito de Deus confere ao espírito humano aquilo que Cristo tem conquistado, nisto crê o ser humano, e disto não está dissociada a mente humana, antes, sente-

²⁰⁹ Inst. III 1.01, p. 17.

²¹⁰ PLASGER, 2009, p. 81.

²¹¹ Inst. III 1.01, p. 18.

²¹² Cf. ALTMANN, Walter. *Lutero e libertação*. São Paulo: Ática, 1994. p. 65.

²¹³ Cf. CALVIN, Johannes. *Genfer Katechismus (1545)*, *apud* PLASGER, 2009. p. 81; GEORGE, 1993, p. 223.

²¹⁴ Inst. III 2.14, p. 37.

se tocada. Aliás, para Calvino o ser humano como um todo é tocado pelo Espírito Santo, não somente a mente.²¹⁵

Para que a sua reflexão não conduza para aspectos intelectuais da fé, Calvino busca reforçar a ideia de que o Espírito Santo também atinge o coração, conforme escreve: “a saber que o próprio assentimento pertence ao coração, mais do que ao cérebro, e ao afeto, mais do que à inteligência.”²¹⁶, bem como:

[...] Portanto, chegaremos a uma definição precisa de fé se dissermos que é o conhecimento firme e certo da benevolência divina para conosco, fundado sobre a verdade da promessa gratuita feita em Cristo pelo Espírito Santo, revelada a nossa mente e selada em nosso coração.²¹⁷

Aponta também para o fato de que a tarefa do Espírito Santo não é algo simples: “pois, a incredulidade está tão profundamente arraigada em nosso coração, e somos tão propensos a ela.”²¹⁸. Por isso, a confiança no Cristo não é algo que se dá por si só, mas por meio do Espírito. O Espírito age para que o ser humano não seja conquistado apenas na sua exterioridade, mas também na sua interioridade, de forma que possa chegar a Deus de consciência tranquila. Essa confiança leva o crente a sentir paz e alegria, ou seja, leva à “maravilhosa troca alegre”.

É preciso afirmar também que ao lado do “conhecimento” da fé e do agir do Espírito Santo, o ser humano é levado para a experiência da tentação:

[...] algo muito diferente experimentam os fiéis, que não somente são tentados – o que lhes acontece com frequência – pela inquietação para receber a graça de Deus para com eles, mas são por vezes tomados de sobressalto por gravíssimos terrores, tal é a veemência das tentações em perverter suas mentes.²¹⁹

Por ter de considerar a tentação, Calvino aponta para uma dialética da força e fraqueza da fé. Por um lado, a fé é forte para transformar a vida e o coração humano pelo Espírito Santo, por outro lado, a fé é também fraca e imperfeita, conforme escreve:

Quando diz [apóstolo Paulo] que nosso conhecimento é limitado, assim como é limitado nosso profetizar’ e que ‘vemos como num espelho, num enigma (1 Co 13, 9.12) indica quão pequena é a porçãozinha dessa sabedoria divina que verdadeiramente nos é dada na presente vida.

²¹⁵ PLASGER, 2009. p. 81.

²¹⁶ Inst. III 2.8, p. 30.

²¹⁷ Inst. III 2.7, p. 29.

²¹⁸ Inst. III 2.15, p. 37.

²¹⁹ Inst. III 2.17, p. 39.

Dessa forma, para Calvino, não é a força ou a fraqueza da fé que é importante, antes, o decisivo é a qualidade da fé.²²⁰ Isto significa que o Espírito Santo concede ao ser humano a “segurança” de que Jesus Cristo justifica e reconcilia com Deus, o que demonstra ser quase que um paradoxo. Por um lado é importante o ser humano se autocompreender enquanto pecador, ao mesmo tempo o pecado não é parte da identidade humana. Muito antes o pecado está perdoado e o ser humano justificado pelo Cristo ressuscitado.

Cabe salientar que durante a Reforma, o teólogo luterano Andreas Osiander (1498-1552) fez uso dessa perspectiva de Calvino (e de outros) para afirmar que o ser humano se justifica pela fé infusa em virtude dos méritos de Cristo,²²¹ doutrina que foi objeto de muita polêmica.²²²

Para Calvino, portanto, é Deus que se doa ao ser humano e o vê apenas enquanto justificado por Cristo, sem que este tenha se transformado. Fundamental é que o ser humano torna-se nova criatura, de forma que o Espírito Santo habita no ser humano e o leva para Cristo.²²³ “[...] Portanto, assim como não podemos chegar a Cristo de forma alguma, a menos que levados pelo Espírito de Deus, do mesmo modo, quando atraídos por Ele somos transportados, mente e espírito, acima de nossa própria inteligência.”²²⁴

Assim sendo, o Espírito Santo presenteia ao ser humano o conhecimento de que Cristo é verdadeira Palavra de Deus, sendo o que as Escrituras testemunham. Também aqui Calvino tem em mente que o incrédulo pode ser uma ameaça para a fé dos crentes, por isso, a Palavra é proteção da fé.²²⁵

Em suma: o Espírito Santo presenteia o conhecimento para que o ser humano possa acreditar na veracidade das Escrituras. As Escrituras, por sua vez, apontam para Deus, que dá a fé por meio do Espírito Santo.

Igualmente o Espírito Santo concede ao ser humano o conhecimento de que Jesus Cristo rege, seja no mundo, na Igreja, na vida humana etc. Fato que aponta para um aspecto confortante da fé, diante da fraqueza da fé, que por vezes não passa de uma “gota” (*Tröpflein*

²²⁰ Cf. PLASGER, 2009, p. 84. „A qualidade da fé é o conhecimento e a confiança nos benefícios de Deus“, „Die Qualität des Glaubens ist die Erkenntnis der und das Vertrauen auf die Wohltaten Christi“.

²²¹ PLASGER, 2009, p. 84; BUSCH, Eberhard. *Gotteserkenntnis und Menschlichkeit*. Einsichten in die Theologie Johannes Calvins. Theologischer Verlag Zürich: Zürich, 2005. p. 33

²²² “[...] Osiandro acreditava que nossa justificação não pode ser obtida através da obra expiatória de Cristo realizada há centenas de anos atrás. Deve, antes, relacionar-se com Cristo que habitou dentro de nós, isto é, com a natureza divina que nos é outorgada através da aceitação do Evangelho. O que Osiandro não aceitava, em outras palavras, era um conceito de imputação extremado.” Cf. HÄGGLUND, 2014, p. 219.

²²³ Cf. FREUDENBERG, 2011, p. 216.

²²⁴ Inst. III 2.34, p. 58.

²²⁵ PLASGER, 2009, p. 85.

Glaube)²²⁶. Isto significa que também o ser humano possui uma responsabilidade – e então Calvino conta com um crescimento na fé, conforme escreve:

Ademais, quanto mais avançamos – como nos convém avançar continuamente -, como se tivéssemos feito progressos, mais vamos nos aproximando de vê-lo com maior propriedade e certeza, e o próprio ato de continuar torna-o para nós mais familiar.²²⁷

É dessa forma que acontece o relacionamento entre o espírito humano e o Espírito Santo. Por isso também o Espírito Santo não concede totalmente a segurança na justificação, e sim a confiança da santificação. Aliás, também em Calvino não é possível desconectar a justificação da santificação, pois o Espírito Santo incorpora o ser humano no Cristo, pela fé.²²⁸

Em suma: para Calvino o Espírito Santo é como um canal por meio do qual nos é dado tudo o que Cristo é e nos tem a oferecer.²²⁹ Sem o Espírito Santo a redenção de Cristo torna-se inútil ao ser humano, ou seja, conforme Van't Spijker, “Cristo *extra nos* (fora de nós) torna-se por meio do Espírito, Cristo *in nobis* (em nós).”²³⁰

Aspecto que também é possível verificar no Catecismo de Genebra (1545) de Calvino, que o Espírito permite a participação humana na redenção de Jesus Cristo, ao retomar as palavras de 1 Pe 1,19 “mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo”.

Eu penso, que enquanto o Espírito de Deus age nos nossos corações, ele age de forma que possamos sentir a força de Cristo. (Rm 5,5). Pois, quando recebemos os benefícios de Cristo por meio do nosso entendimento, isto acontece pela iluminação do Espírito Santo; na convicção de que será selado em nossos corações. Em suma, ele dá por si só um lugar em nós. (Ef 1.13). Ele renova e nos torna novas criaturas (Tt 3.5). Portanto, todos os nossos dons nos são oferecidos por Cristo [mas] nós os recebemos por meio da força do Espírito.²³¹

²²⁶ Inst. III 2.19, p. 42.

²²⁷ Inst. III 2.19, p. 42.

²²⁸ Inst. III 2.19, p. 42.

²²⁹ Inst. IV .17.12, p. 776.

²³⁰ HESSELINK, I. John. Heiliger Geist. In.: SELDERHUIS, 2008. p. 295-306, à 300. „Christus *extra nos* [ausserhalb von uns] wird durch den Geist Christus *in nobis* [in uns]“.

²³¹ „Ich meine, das der Geist Gottes, Während er in unseren Herzen wirkt, so wirkt, dass wir die Kraft Christi fühlen (Rom 5,5). Denn wenn wir die Wohltaten Christi mit dem Verstand empfangen, geschieht dies durch die Erleuchtung des Heiligen Geistes; durch seine Überzeugung werden sie in unseren Herzen versiegelt. Kurz, er alleine gibt ihnen einen Platz in uns (Eph 1.13). Er erneuert uns und macht uns zu neuen Wesen (Tit 3.5). Daher werden uns alle unsere Gaben durch Christus angeboten, [aber] wir empfangen sie durch die Kraft des Geistes.“ Tradução nossa. CALVIN, Johannes. Genfer Katechismus (1545) *apud* HESSELINK, I. John. Heiliger Geist. In: SELDERHUIS, 2008. p. 295-306, à p. 301.

3.2.2 A fé - um caminho para o céu?

Quando se trata da justificação, Calvino enfatiza que a fé é apenas uma ferramenta, pela qual Cristo, por meio do Espírito Santo aproxima o ser humano a Ele.²³² Dessa forma, aponta não tanto para a fé enquanto tal, mas para aquilo que o Espírito Santo faz com a fé, a saber, que o ser humano torna-se conformidade com Cristo (*Christusförmig*), conforme escreve: “por certo é assim: que de modo algum convém Cristo separar-se de nós, ou nós, dele; mas é preciso segurar firmemente com as duas mãos aquela união com que nos juntou a Ele.”²³³

Assim sendo, Calvino aponta para a ideia da fé que alcança o ser humano no presente e, que, antes é Deus o sujeito da ação que transforma o ser humano pecador em nova criatura pela fé. Isto acontece por meio do Espírito Santo que busca o ser humano para dentro da ação salvadora de Deus – dessa forma, o ser humano participa da história de Deus no mundo. Por meio da fé o ser humano torna-se justo por intermédio de Cristo. Também por meio da fé o ser humano não somente pode como deve viver a lei, de forma que a santificação é um dom e uma tarefa ao mesmo tempo.

Podemos considerar que a subjetividade humana não está de fato excluída nesse processo, muito antes, o ser humano torna-se nova criatura por meio da fé. Em suma: o ser humano reconhece sua humanidade na medida em que reconhece e crê em Deus, ou seja, na fé o Espírito Santo eleva o ser humano para Cristo, de forma que a fé pode ser expressa numa espécie de união mística entre o crente e Cristo, conforme aponta:

Portanto, ergue-se no plano mais alto a conjunção da cabeça e dos membros, a habitação de Cristo em nosso coração, e finalmente a união mística que se realiza, para que Cristo, feito nosso, faça-nos partícipes dos bens de que está dotado. Não o olhamos de fora e de longe, para que sua justiça nos seja imputada; mas, porque somos revestidos dele e estamos inseridos em seu corpo enfim, houve por bem fazer-nos uma só coisa consigo. Por isso nos gloriamos de ter parte com Ele em sua justiça.²³⁴

Vale lembrar ainda que Calvino, (seguindo Lutero) aponta para a cruz como sendo o lugar fundamental para a justificação do ser humano. O Cristo ressuscitado chama o ser humano pelo Espírito Santo para sua justiça – e assim torna-o discípulo.²³⁵ Portanto, o ser

²³² Inst. III 11.07, p. 198-199.

²³³ Inst. III 02.24, p. 47.

²³⁴ Inst. III, 11.10, p. 201-202.

²³⁵ Cf. GEORGE, 1993, p. 223-226 (sobre a fé).

humano pode, em mente e coração, reconhecer e crer que é nova criatura, mesmo que o pecado acometa a fé – por isso, é preciso também confiar na fé.

3.3 O caminho para a justificação/santificação: a regeneração

Para pensarmos adiante a obra do Cristo ressuscitado no ser humano, precisamos também dedicar devida atenção para outros aspectos e termos que nos possibilitam a compreensão da regeneração. Estamos nos referindo em conexão a conceitos como “eleição”, “chamado”, “novo nascimento”, “iluminação”, “conversão”, “arrependimento”, “justificação”, “santificação”, entre outros. Assim sendo, nossa abordagem não poderá seguir sem antes nos ocuparmos com uma definição para o uso da palavra “regeneração”.

É possível observar na teologia calvinista diversas posições a respeito do conceito de regeneração. Mesmo que essas posições são possíveis, queremos deixar claro em que sentido abordaremos o conceito de regeneração no nosso trabalho.

Uma interpretação aponta para o sentido de descrever a transformação que a regeneração provoca na consciência do ser humano, que, por meio dela é aliviado do sentimento de culpa, e vem a ter o sentimento da “maravilhosa troca alegre” (*fröhlicher Wechsel*), em conformidade com a Fórmula de Concórdia.²³⁶

Existem, pois, dois focos para a palavra “regeneração”. Um deles é usado num sentido mais limitado, para explicar que é o ato pelo qual o próprio Deus transporta o ser humano da morte para a vida. Considerando este aspecto, podemos afirmar o ponto de partida da regeneração: o novo nascimento/renascimento (*Wiedergeburt*)²³⁷.

No sentido mais amplo, a “regeneração” denota uma mudança radical, iniciada pela graça no ser humano e termina na morte para o pecado e nascimento para a glória.²³⁸ Na presente abordagem, nosso foco será para o aspecto mais limitado, do novo nascimento (*Wiedergeburt*) concedido por Cristo pelo Espírito Santo na fé.²³⁹

Em tese, para falarmos acerca da obra do Espírito Santo no ser humano, poderíamos focar diretamente para a dialética da justificação/santificação. No entanto, nosso contexto

²³⁶ FÓRMULA de Concórdia. Declaração Sólida In: *Livro de Concórdia*, 2006, p. 497-683, à p. 592.10.

²³⁷ BERKHOF, 1988, p.77.

²³⁸ Observe-se também: KUYPER, Abraham. *A obra do Espírito Santo: o Espírito Santo em ação na igreja e no indivíduo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010. p. 312-313.

²³⁹ Há também argumentos que levavam teólogos a interpretar a regeneração num sentido em que ela inclusive precede a fé. Essa concepção é possível constatar em abordagens de cunho neocalvinista.

exige de nós uma direção que aponta para uma unidade das obras, ou seja, para o próprio Jesus Cristo enquanto centro de onde parte nossa reflexão.²⁴⁰

Na construção teológica de Lutero, a justificação somente pela fé fora conceito de significado e importância central, seguido pela tradição luterana e discutido até a atualidade.²⁴¹ Na tradição reformada, conforme aponta o teólogo Hendrikus Berkhof, a “regeneração” foi o conceito teológico mais debatido, sendo abordado por Friedrich Schleiermacher e mais tarde pelo neocalvinista Abraham Kuyper.²⁴² O referido tema ocupa até a atualidade bastante centralidade nas dogmáticas de cunho reformado. Apenas o teólogo Karl Barth procura empregar maior ênfase para o “chamado em Cristo” enquanto aspecto central na sua dogmática.

Para Calvino, ser humano torna-se filho de Deus, pois, não é nascido por vontade humana, e sim, pela vontade do próprio Deus, conforme consta em passagens do Novo Testamento como em João 1.13: “os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.” Nessa e em outras passagens podemos verificar o Espírito Santo enquanto Deus vivo, que tem por objetivo alcançar sua criação.²⁴³

É possível afirmar que o ser humano participa de forma ativa no processo de regeneração? Calvino se refere à conformidade com Cristo (*Christusförmig*) enquanto objetivo do Espírito Santo para a vida humana. A saber, o ser humano é morto no pecado; mas pelo Espírito é possível a comunhão com o Cristo ressuscitado. Dessa forma, o objetivo humano é que seja glorificado junto com Cristo: “Ora, se somos filhos, somos também herdeiros e herdeiras de Deus, e co-herdeiros com Cristo; se com ele sofremos, também com ele seremos glorificados” (Rm 8.17).

A regeneração responde, dessa forma, a um claro questionamento acerca da origem, ou seja, a passagem do ser humano da morte para a vida, onde o ser humano é tornado “nova criatura” com Cristo – o que é obra exclusivamente do Espírito Santo,²⁴⁴ em conformidade com as palavras do apóstolo Paulo: “Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas.” (Ef. 2.10).

Importante é destacarmos que, quando o ser humano é regenerado, ele se “comporta” apenas de forma passiva; não pode contribuir o mínimo para a sua regeneração,²⁴⁵ de forma

²⁴⁰ BERKHOF, 1988, p.76.

²⁴¹ Apenas a título de exemplo podemos nos referir novamente aos textos de: BAYER, 1997; SCHMIDT, 1982.

²⁴² Cf. KUYPER, 2010, p. 312-353.

²⁴³ BERKHOF, 1988, p.77.

²⁴⁴ BERKHOF, 1988, p.78.

²⁴⁵ BERKHOF, 1988, p.78.

que precisa esperar por um milagre que venha do alto. Berkhof aponta, “Todas as formas de sinergismo, de contribuição para a salvação estão excluídas.”²⁴⁶

Contudo, a pergunta pela relação entre a obra do Espírito Santo e a obra do ser humano não é de hoje. Podemos ainda mencionar a discussão de Lutero e Erasmo de Roterdã²⁴⁷, bem como, a polêmica arminiana envolvendo até os Cânones de Dort.²⁴⁸ Assim sendo, queremos apontar para a obra do Espírito Santo que conduz à regeneração: a penitência.

Para Calvino, o Espírito é quem conduz o ser humano ao Cristo.²⁴⁹ A comunhão com Cristo pode apenas ocorrer se possibilitada pela comunhão com o Espírito Santo, e a comunhão com o Espírito Santo é um aspecto importante no próprio reconhecimento do Espírito, pois o ser humano experimenta a ação do Espírito quando recebe o convite à regeneração. Para nascer de novo o ser humano necessita ser conduzido ao Cristo.²⁵⁰ De igual forma, somente pelo Espírito Santo o ser humano chega a crer em Cristo.²⁵¹

Dessa forma, a fé é também um importante aspecto na obtenção da graça de Deus, e o ser humano, após ter recebido a fé pelo Espírito Santo, passa a viver como cristão na comunidade com Cristo (1 João 3.24).

Importante ainda mencionar que, para Calvino, na condução do Espírito para a regeneração, o ser humano é batizado pelo fogo do Espírito Santo, conforme escreve:

Logo, como já dissemos, se na pessoa de Cristo se encontra a salvação perfeita, do mesmo modo, para que nos façamos partícipes dele, nos batiza “no Espírito Santo e no fogo” (Lc 3,16), iluminando-nos na fé de seu Evangelho e regenerando-nos de tal maneira que sejamos novas criaturas até que, uma vez limpos das imundícias profanas, consagra-nos a Deus, como templos santos.²⁵²

Nesse sentido, conforme Calvino, o ser humano não pode apenas por si mesmo procurar o Cristo salvador, mas somente por meio da direção do Espírito. Por isso é impossível estar em comunhão com Cristo sem o convite e condução do Espírito Santo. Por isso, o Espírito Santo lidera a procura por Cristo e o convite para fazer parte da comunidade/comunhão com Jesus Cristo.

²⁴⁶ “[...] Alle Arten des Synergismus, der Mitwirkung am Heil, sind ausgeschlossen.” Cf. BERKHOF, 1988, p. 78.

²⁴⁷ LUTERO, Martinho. Da Vontade Cativa. In: *Obras Seleccionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, v. 4, 1993. p. 11-216.

²⁴⁸ HÄGGLUND, 2014, p. 213-214.

²⁴⁹ Cf. Inst. III 2.34, p. 58.

²⁵⁰ Cf. Inst. III 2.34, p. 58.

²⁵¹ Cf. Inst. III 1.4, p. 20-21.

²⁵² Inst. III .4, p. 21.

3.3.1 A obra do Espírito Santo na regeneração: penitência

Quando conduzido a Jesus Cristo pelo Espírito Santo, o ser humano faz penitência, pois, para Calvino, a penitência é tema importante que parte do Evangelho.²⁵³ Conforme Calvino, a penitência:

[...] consiste em duas partes: a mortificação e a vivificação. Interpretam a mortificação como uma dor, um terror da alma, concebido do reconhecimento do pecado e da percepção do julgamento de Deus. [...] A vivificação interpretam-na como uma consolação que nasce da fé, isto é, quando o homem, prostrado pela consciência do pecado e abatido pelo temor de Deus, olhando em seguida para a bondade divina, para a misericórdia, a graça e salvação que Deus lhe oferece por intermédio de Cristo, levanta-se, respira, recobra o ânimo e como que volta da morte para a vida. Por certo essas duas palavras, se constar somente a interpretação correta, exprimem de maneira bem conveniente a força da penitência.²⁵⁴

Assim sendo, Calvino entende que pela mortificação, o ser humano percebe o pecado e a ira de Deus. A vivificação acontece quando o ser humano experimenta a graça do perdão dos pecados e a regeneração (novo nascimento). Na mortificação acontece a separação do ser humano de Deus, ao contrário da vivificação que reestabelece a comunhão com Deus e Jesus Cristo.

Na sequência, Calvino explica a penitência intimamente relacionada à fé, e define que:

[...] é a verdadeira conversão de nossa vida a Deus, a qual procede de um sincero e sério temor de Deus, e que consiste na mortificação de nossa carne e do homem velho e na vivificação do Espírito. [...] Porque sua única pretensão era que, confundidos pelos seus pecados e espicaçados pelo temor do julgamento divino, os homens se prostrassem e se humilhassem perante aquele contra quem haviam delinquido, e, com verdadeiro arrependimento, retornassem ao caminho reto.²⁵⁵

A mortificação da carne e a vivificação do Espírito somam num processo para que o ser humano torne-se parte do corpo de Cristo. Nesse sentido, a penitência é o convite do Espírito Santo para a comunhão com Cristo. Para Calvino a penitência é, em última análise, um “novo nascimento” (regeneração). O “novo nascimento” pode ser entendido como uma primeira penitência, no entanto, o primeiro ato de penitência e as demais penitências serão importantes para a continuidade do ser humano na comunhão com Cristo.²⁵⁶ Dessa forma, nos

²⁵³ Cf. PITKIN, Barbara. Glaube und Rechtfertigung. In: SELDERHUIS, 2008. p. 284-294, à p. 294.

²⁵⁴ Inst. III 3.03, p. 70.

²⁵⁵ Inst. III 3.05, p. 72.

²⁵⁶ BERKHOF, 1988. p.76-77.

aproximamos da relação entre justificação e santificação enquanto parte desse processo que conduz ao Cristo.

3.4 Justificação e Santificação

A doutrina da justificação foi tema central não somente para Lutero, mas também para Calvino. Calvino ocupou-se, da mesma forma do que Lutero com o tema da justificação, seja nas Institutas ou nos seus comentários bíblicos – de Romanos, especialmente.

Na edição de 1559 das Institutas, Calvino procura dar maior ênfase para a condição pecadora do ser humano, e justamente pela sua condição de pecador o ser humano não pode ser justificado por obras.²⁵⁷

A partir dessa formulação é possível verificar semelhanças em relação a Lutero, no aspecto forense da justificação em Calvino, pois, o ser humano pecador é declarado justo e não realmente justificado. Mesmo que o ser humano experimente a “união mística com Cristo”, a justiça de Cristo lhe é apenas imputada.²⁵⁸

[...] será justificado pela fé aquele que, excluído da justiça das obras, compreende a justiça de Cristo por meio da fé, e, vestido com ela, apresenta-se ante o olhar do Pai não como pecador, mas como justo. Assim, nossa interpretação é que a justificação é simplesmente a aceitação pela qual Deus nos recebe na graça e nos considera justos. E dizemos que ela consiste na remissão dos pecados e na imputação da justiça de Cristo.²⁵⁹

Assim sendo, para Calvino, a regeneração pela fé consiste em penitência (constante), que envolve a “mortificação da carne e a vivificação do espírito”. Ou seja, na morte de Cristo a velha natureza do ser humano também é crucificada, e na ressurreição de Cristo é também o ser humano renovado segundo a imagem de Deus.²⁶⁰ Em resumo, podemos afirmar que a santificação é um caminho (*Lebensweges*)²⁶¹, pelo qual o ser humano crente progride para a salvação.

Esse caminho da vida é cuidado com a justificação e santificação – enquanto obra do Espírito Santo – e não é possível desconectar os dois temas. Portanto, Calvino observa e aponta para uma “dupla graça” (*duplex gratia*) para abarcar essa realidade, de forma que

²⁵⁷ PITKIN, Barbara. Glaube und Rechtfertigung. In: SELDERHUIS, 2008. p. 284-294, à p. 290.

²⁵⁸ PITKIN, 2008. In: SELDERHUIS, 2008, p. 284-294, à p. 291.

²⁵⁹ Inst. III 11.02, p. 193.

²⁶⁰ Cf. Inst. III 3.08-10, p. 74-77.

²⁶¹ BERKHOF, 1988, p. 81.

justificação e santificação estão também relacionadas com o novo nascimento (regeneração).²⁶²

3.4.1 *Justificação*

De forma objetiva poderemos afirmar que para Calvino a justificação significa, antes de tudo, o gracioso perdão dos pecados e a atribuição da justiça de Cristo. Mesmo que o crente esteja ligado a Cristo pela fé, este é apenas reconciliado com Deus porque o pecado lhe é perdoado e não somado. Calvino escreve:

[...] Pois, com respeito ao princípio da justificação, não existe disputa entre nós e os escolásticos mais sãos neste ponto: que o pecador, liberado da condenação gratuitamente, obtém a justiça pela remissão dos pecados. Mas não quanto a outro ponto: eles, sob o nome de “justificação”, compreendem a renovação ou regeneração com a qual somos reformados pelo Espírito de Deus para obedecermos à sua Lei. Em segundo lugar, eles pensam que um homem, quando foi uma vez regenerado e reconciliado com Deus pela fé de Cristo, este tal é agradável a Deus e considerado justo por causa do mérito de suas obras. Mas o Senhor diz o contrário [...].²⁶³

Quanto ao início da justificação, Calvino afirma que é pela fé que o ser humano se torna livre do pecado e da ira de Deus, sendo assim, torna-se justo apenas pelo perdão dos pecados e não por meio de obras.²⁶⁴ Assim sendo, podemos afirmar que a justificação não é apenas o início do processo que aponta para a mudança da alma humana. Justificação pela fé indica que a justiça de Cristo é dada para o ser humano, conforme consta:

Conclui-se, aqui e lá, que só pela intercessão da justiça de Cristo obtemos ser justificados diante de Deus. Isso vale como se disséssemos que o homem não é justo em si, mas porque a justiça de Cristo lhe é comunicada por imputação, o que é digno de ser considerado atentamente. Porque se desvanece aquele gracejo segundo o qual o homem é justificado pela fé porque recebe por ela o Espírito de Deus, com o qual se torna justo, o que é tão contrário à doutrina acima [justificação pelas obras] que nunca poderá estar de acordo com ela.²⁶⁵

Nesse sentido, podemos considerar que diante de Deus a justiça humana ou as obras tornam-se absolutamente sem valor. É pela comunhão com Cristo que o crente recebe a dupla

²⁶² BERKHOF, 1988, p.82.

²⁶³ Inst. III 14. 11, p. 239-240.

²⁶⁴ PITKIN, 2008. In: SELDERHUIS, 2008. p. 284-294, à p. 292.

²⁶⁵ Inst. III 11. 23, p. 215.

graça (*duplex gratia*)²⁶⁶ da justificação e regeneração, pois é pelo Espírito Santo que o crente torna-se nascido de novo.

Em suma, para Calvino a justificação não é apenas um processo, ou meramente o início de um processo que leva para uma mudança da alma humana quando esta aceita a Deus. Justificação pela fé traz antes a justiça de Cristo ao ser humano.

3.4.2 Santificação

Na comunhão do ser humano com Cristo não lhe são apenas perdoados os pecados. Antes, os crentes são também santificados. Assim sendo, a santificação possui dois aspectos, sendo que, por um lado, o próprio Deus pode ser verificado como sujeito da ação santificadora pelo Espírito Santo, e o mesmo tempo, o ser humano é chamado para a responsabilidade a viver uma vida santa enquanto discípulo de Jesus Cristo.²⁶⁷

É importante também considerar que na teologia de Calvino, a ação justificadora de Deus é acompanhada pela santificação. Com a santificação, Calvino procura descrever a vida cristã, na qual o ser humano é regenerado. Deus está em Jesus Cristo pelo Espírito Santo presente na vida das pessoas que creem na sua lei e que Deus não abandona – mas santifica.²⁶⁸

Quem é, afinal, o sujeito da santificação? A pergunta é simples, mas a resposta requer atenção. Por um lado, Deus é o sujeito que santifica pelo Espírito Santo, por outro lado, o ser humano deve procurar corresponder à ação de Deus. Assim sendo, ambos, Deus e ser humano devem ser vistos de forma conjunta.²⁶⁹

Existem, no entanto, alguns desafios os quais Calvino teve de enfrentar, e em meio aos desafios foi construindo sua doutrina da santificação. Primeiro, a teologia católica da época entendia a prática da justiça enquanto um meio pelo qual o ser humano se justifica diante de Deus. Na ótica de Calvino, bem como de Lutero, não era possível que pelas obras o ser humano pudesse melhorar sua relação com Deus. Essa compreensão, conforme Calvino é muito simples diante da graça de Deus, que não necessita de contribuição por parte do ser humano.

Segundo, havia a chamada seita dos Libertinos. Estes partiam do pressuposto de que Deus vive no Cristo verdadeiro e dele teria tomado posse. A consequência disso é que os

²⁶⁶ BERKHOF, 1988. p. 82. (*Erwählung und menschliche Verantwortlichkeit*/Eleição e responsabilidade humana.)

²⁶⁷ PLASGER, 2009. p. 97.

²⁶⁸ PLASGER, 2009. p. 97.

²⁶⁹ PLASGER, 2009. p. 98.

mandamentos perdem seu sentido, pois então, o crente viveria guiado apenas pelo onipresente Espírito de Deus. Calvino enxerga, sobretudo, o problema da concepção de que o cuidado de Deus leva apenas a um determinismo, onde Deus agiria em toda realidade excluindo o ser humano de qualquer responsabilidade.²⁷⁰ Este pensamento, conforme Calvino, não possuía sustentação bíblica, pois o próprio Deus enviou a lei para que os ser humano a seguisse, caso contrário, Deus seria apenas um ídolo, pois se ele faria tudo, também seria responsável pelo pecado humano – mas a ação de Deus é antes, bondosa e misericordiosa.

O terceiro desafio é a compreensão de lei por Lutero. Calvino seguia Lutero em muitos aspectos, inclusive na doutrina da justificação por graça e fé, central para Lutero. Mesmo que não tão predominante na teologia de Calvino, este aspecto estava alinhado à doutrina de Lutero. No entanto, Calvino não consegue concordar que Lutero aboliu a lei, presente no Antigo e Novo Testamento, e que a fé por si só produz as boas obras. Nesse sentido, Calvino chega à conclusão que Lutero não dá a devida atenção para a santificação que conduz a vida do crente. Ou seja, por um lado, indica que a lei de Deus não estaria sendo levada a sério, e, por outro lado, o ser humano não é considerado neste processo de justificação/santificação.²⁷¹

Apontamos, contudo, para três desafios que deixaram Calvino frente a uma tarefa teológica bastante complexa, pois, Calvino busca, por um lado, sustentar teologicamente a vida humana, sem cair na justificação por obras; por outro lado, não queria afirmar que o ser humano possa contribuir ou ter algum mérito na salvação; também procura sustentar que Deus está presente na vida humana pelo Espírito Santo, sem entender Deus de forma determinista.²⁷²

Assim sendo, Calvino procura uma saída para a complexa tarefa teológica, e busca, portanto, enfatizar a comunhão que o crente tem com Cristo, porque o próprio Cristo se doa na comunhão, o que também já verificamos no início do capítulo acerca da fé – pelo Espírito Santo, Cristo presenteia o crente com o dom da fé – no mesmo contato acontece a autodoação de Cristo, conforme Calvino escreve:

Após ter Cristo nos unido ao agir interno do Espírito Santo e nos recebido no seu corpo, ele revelou ainda uma segunda ação do Espírito Santo pela qual nos torna ricos em dons do Espírito. Para que nós, portanto, permaneçamos firmes na esperança e paciência, para que sóbrios e moderados mantenhamos os prazeres mundanos, para que trabalhemos de forma diligente a domar as paixões da carne, para que o morrer pela justiça e piedade permaneçam firmes e vivas em nós, para

²⁷⁰ MÜHLING, Andreas. Calvinus und die Eidgenossenschaft. In.: SELDERHUIS, 2008. p. 64-73, à p. 68.

²⁷¹ PLASGER, 2009, p. 99.

²⁷² Na Confissão de Westminster, contudo, podemos verificar ênfase no determinismo, conforme o capítulo três, intitulado “Dos Eternos Decretos de Deus”.

que sejamos ansiosos pela oração, para que os nossos pensamentos na vida eterna ascendam, digo eu, pela segunda comunhão, na qual Cristo vive em nós não de forma ociosa, antes nos mostra a força do Espírito pelos dons.²⁷³

A partir desta afirmação de Calvino podemos dizer que a santificação somente é possível na medida em que acontece a comunhão com Cristo. Cristo compartilha o Espírito Santo conforme 1 Pedro “investigando, atentamente, qual a ocasião ou quais as circunstâncias oportunas, indicadas pelo Espírito de Cristo, que neles estava, ao dar de antemão testemunho sobre os sofrimentos referentes a Cristo e sobre as glórias que os seguiriam.” (1Pe 1.11).

Santificação é, pois, para Calvino, aquilo que vem de Deus e o seu agir para com o crente. Significa que o crente se encontra e compreende enquanto seguidor de Cristo, que transfere a santificação, conforme escreve:

[...] Concluimos disso que não tivesse um motivo próprio, o que ele afirma claramente ao dizer “por eles me santifico” (Jo 17.19). E assim atesta que não adquire nada para si aquele que transfere para os outros o fruto de sua santidade. E por certo isto merece máxima observância: que Cristo, para se consagrar completamente à nossa salvação, de certo modo se esqueceu de Si.²⁷⁴

Da mesma forma como outros reformadores, Calvino entende que o ser humano pelo pecado tenha perdido a sua semelhança no sentido de Genesis 1.26-27. Cristo é quem retoma a “semelhança” para o crente e por meio de seu agir santificador e justificador ele leva o crente para a “imagem e semelhança” de Deus. Este ciclo, conforme Calvino, apenas se completa com vinda de Jesus Cristo.²⁷⁵

Dessa forma, Calvino esclarece a forma como a criação e a redenção são temas conectados. Por meio de Jesus Cristo que foi obediente até a cruz, o crente é envolvido. A aceitação da fé e o reconhecimento da reconciliação ou então da justificação é uma ação santificadora de Deus e inseparável da fé e justificação. Cristo, portanto, presenteia a comunhão aos crentes e pelo Espírito Santo presenteia a fé santificadora.²⁷⁶

²⁷³ CALVIN, 1555 *apud* PLASGER, 2009. p. 99. ”Denn nachdem Christus uns durch das innerliche Wirken des Geistes mit sich verbunden und in seinen Leib aufgenommen hat, macht er noch eine zweite Wirkung des Geistes offenbar, indem er uns reich macht an Geistesgaben. Dass wir also stark sind im Hoffen und Dulden, dass wir nüchtern und mässig uns der weltlichen Lüste erhalten, dass wir uns eifrig mühen, die Leidenschaften des Fleisches zu bändigen, dass das Sterben nach Gerechtigkeit und Frömmigkeit kräftig in uns lebt, dass wir eifrig sind zum Gebet, dass uns der Gedanke ans ewige Leben aufwärtszieht, das fließt, sage ich, aus dieser zweiten Gemeinschaft, indem Christus, um nicht müßig in uns zu wohnen, die Kraft seines Geistes in deutlichen Gaben zeigt.“

²⁷⁴ Inst. II 17.06, p. 507.

²⁷⁵ PLASGER, 2009, p. 100.

²⁷⁶ PLASGER, 2009, p. 101.

3.4.3 Aspectos da santificação a considerar

Queremos aqui nos perguntar de forma concreta pela santificação em Calvino. Voltemo-nos às Institutas:

Num primeiro ponto, poderíamos afirmar que o autoconhecimento do ser humano o faz reconhecer o seu pecado e nesse processo se dá a ação santificadora. Importante destacarmos que essa ação não acontece apenas uma vez, ou de forma pontual. Ao mesmo tempo, Calvino toma cuidado para que não seja algo como uma sucessão que acontece de forma metódica, como foi por vezes pensada no pietismo.²⁷⁷ Calvino entendia esse processo, muito antes, como um processo de negação do pecado e consequentemente contra a alienação do ser humano perante Deus – é nesse processo que o cristão pratica a santificação, conforme aponta:

Portanto, enquanto habitarmos no cárcere de nosso corpo, devemos lutar continuamente contra os vícios de nossa natureza corrompida, e inclusive contra nossa alma natural. [...] a vida do homem cristão é um perpétuo esforço e um exercício para mortificar a carne, até que, morta por completo, o Espírito de Deus obtenha o reino em nós.²⁷⁸

O pecado é, portanto, uma interferência na relação entre Deus e o crente. Diante desta constatação, o ser humano percebe que no processo de santificação encontra-se de mãos vazias diante de Deus e não tem o que oferecer. Dessa forma, Calvino não desconecta a confissão de pecados, conforme escreve:

Toda a vida do cristão deve ser uma meditação e um exercício de piedade, porque estamos chamados à santificação (Ef. 1,4; 1 Ts 4, 3.7). O ofício da Lei consiste em advertir-nos de nosso dever e incitar-nos a viver em santidade e inocência.²⁷⁹

O segundo ponto que temos a destacar na presente abordagem trata acerca da concepção de Calvino de que o ser humano deve viver na e conforme a justiça de Deus. Ou seja, trata-se de ouvir a vontade e a voz de Deus. Para isso existe a lei, que o ser humano pode encontrar no próprio Deus. No entanto, também Calvino, em conformidade com Lutero, afirma que a lei não tem caráter condenatório: “[...] A primeira é que a consciência dos fiéis,

²⁷⁷ PLASGER, 2009, p. 101.

²⁷⁸ Inst. III 04.20, p. 88.

²⁷⁹ Inst. III 19.2, p. 295.

quando tratam de buscar confiança de sua justificação diante de Deus, levante-se por cima da lei e esqueça-se de toda justiça legal.”²⁸⁰

Dessa forma, podemos afirmar que a lei serve para ajudar o ser humano na santificação. Contudo, este não é um tema periférico para Calvino, pois a vida cristã subsiste justamente nessa relação, que parte da vontade de Deus, mas que o ser humano ouve, e pela lei concorda com Deus.²⁸¹

O que nos resta enquanto dúvida refere-se à forma como Calvino entendia a lei: como e para quais ocasiões afinal, aplica-se a lei? Podemos então constatar que o reformador aponta para a liberdade evangélica, pois, também na concepção de Calvino o caráter da lei não é a opressão, mas ela é apenas um “auxílio” e não o caminho da santificação em si. No entanto, é preciso apontar também para o perigo do abuso humano da lei. Calvino afirma,

São muitos também os que erram quanto a isso porque, como se sua liberdade não pudesse estar incólume e salva se os homens não fossem testemunhas dela, fazem uso dessa liberdade de modo indistinto e imprudente.²⁸²

Com isso, o reformador procura apontar para uma espécie de “ética da situação”, de forma que o ser humano precisa considerar quanto e a que tipo de situação a lei (mandamentos) se aplica.²⁸³

Em terceiro lugar, podemos abordar a imperfeição humana frente à lei, conforme podemos verificar:

Eu não exijo que os costumes do cristão aspirem a nada senão ao Evangelho absoluto, o que, entretanto, é desejável e necessário que se tente. Mas não exijo uma perfeição evangélica tão severa que não reconheça como cristão aquele que não houver atingido. [...] Miremos em nosso objetivo com sincera simplicidade e aspiremos a essa meta, sem nos adular a nós mesmos com lisonja nem condescender com nossos vícios, mas nos esforçando sempre na tentativa de nos tornarmos melhores, até que alcancemos a bondade que realmente buscamos e perseguimos por toda vida.²⁸⁴

Assim sendo, para Calvino também é importante que os mandamentos e a santificação não tenham um apelo moral ao ser humano, e que o ser humano apenas se esforce para cumpri-los. O ser humano depende unicamente do cuidado e auxílio de Deus – e a

²⁸⁰ Inst. III 19.2, p. 295.

²⁸¹ PLASGER, 2009. p. 101.

²⁸² Inst. III 19.10, p. 301.

²⁸³ PLASGER, 2009. p. 102.

²⁸⁴ Inst. III 06.5, p. 156-157.

resposta se dá no respeito aos mandamentos. Calvino, pois, aponta novamente para o Espírito Santo,

[...] Admitimos que Deus, quando nos reconcilia consigo pela intercessão da justiça de Cristo, considera justos aqueles a quem deu a remissão gratuita dos pecados; com essa misericórdia, está simultaneamente este outro benefício dele, que pelo Espírito Santo habita em nós, em virtude da qual a concupiscência de nossa carne é a cada dia mais mortificada, e nós somos santificados; quer dizer, somos consagrados ao Senhor para verdadeira pureza de nossa vida, tendo nosso coração reformado para servir à Lei de Deus.²⁸⁵

Portanto, temos aqui um duplo sentido, sendo que, por um lado, o ser humano precisa seguir os mandamentos e respeitá-los. E, por outro lado, têm o cuidado de Deus, pois o coração humano não consegue a partir de si amar a justiça.²⁸⁶

Num quarto momento, podemos verificar que a ação santificadora tem o próprio Deus em vista e o ser humano enquanto sujeito, conforme Calvino:

A fim de entender isso melhor, como, segundo já o provamos, toda nossa esperança e todo nosso bem de tal maneira se apoiam em Deus que não podemos prosperar, nem nós nem coisa alguma de quantas há em nós, se Ele não o bendisser, é necessário que continuamente nos encomendemos a Ele, nós mesmos e tudo o que há em nós. Assim, tudo o que propomos, falamos e fazemos, tudo no-lo proponhamos, falemos e façamos sob a sua mão e vontade e com a esperança de que Ele nos há de ajudar e assistir.²⁸⁷

Assim sendo, pela oração, o ser humano recebe todos os benefícios de Deus, e pede para que Deus santifique o seu caminho, de forma que a santificação se dá para intercessão do próprio Cristo.

É por isso que Calvino aponta para o duplo aspecto da justificação que envolve a santificação. Por um lado, Cristo justifica os seus pelo perdão dos pecados. No entanto, as obras do crente não são puras o suficiente para que exijam a justificação. Cristo justifica o crente no processo de santificação, mesmo sem que o ser humano tenha conseguido fazer boas obras. Justamente por isso que Calvino assinala para os mandamentos – de forma que o crente deve segui-los com confiança, contudo, é Deus quem santifica.²⁸⁸

²⁸⁵ Inst. III 14.9, p. 238.

²⁸⁶ PLASGER, 2009. p. 101.

²⁸⁷ Inst. III 20.28, p. 345.

²⁸⁸ PLASGER, 2009. p. 104-105.

3.4.4 A relação entre Justificação e Santificação

A graça da justificação que já se deu ao ser humano no novo nascimento (*Wiedergeburt*) é também necessária para o crente durante a vivência da fé. Para Calvino, os justificados deveriam meditar na verdadeira santidade.²⁸⁹ Viver a santificação, significa para Calvino a comunhão com Cristo, e dessa forma, o Espírito Santo regenera o crente por meio do sangue de Jesus Cristo, conforme aponta:

Porque Paulo diz que somos purificados e lavados de nossa sujeira pelo sangue de Cristo, quando o Espírito realiza essa purificação em nós (1Co 6.1). E Pedro, querendo dizer o mesmo, declara que a santificação do Espírito nos vale para a obediência e para a aspersão do sangue de Cristo (1Pe 1.2). Se somos aspergidos pelo Espírito com o sangue de Cristo para a purificação, não pensemos que antes dessa aspersão somos senão o que é um pecador em Cristo.²⁹⁰

É dessa forma que se dá a comunhão dos crentes com o Triúno Deus: a comunhão com Deus, com Jesus Cristo e com o Espírito. O fruto da comunhão com Cristo desempenha papel importante na santificação, quando o crente depois da regeneração vive a justificação pelo Espírito Santo.²⁹¹ A justificação no novo nascimento não significa o fim do esforço pela santificação, mas antes, o início do caminho da santificação, conforme escreve:

[..] Admitimos que Deus, quando nos reconcilia consigo pela intercessão da justiça de Cristo, considera justos aqueles a quem deu a remissão gratuita dos pecados; com essa misericórdia, está simultaneamente este outro benefício dele, que pelo Espírito Santo habita em nós, em virtude da qual a concupiscência de nossa carne é a cada dia mais mortificada, e nós somos santificados, quer dizer, somos consagrados ao Senhor para a verdadeira pureza da nossa vida, tendo nosso coração reformado para servir a Lei de Deus.²⁹²

Com isso, Calvino procura afirmar que mesmo que o ser humano viva em comunhão com Jesus Cristo pelo Espírito Santo, ainda assim o ser humano é imperfeito. Dessa forma o ser humano se diferencia de Deus, porque ele sempre vive na imperfeição, enquanto Deus é a perfeição. Especialmente as injustiças e a desunião fazem parte da imperfeição humana. Portanto, para que a vida do crente permaneça em comunhão com Cristo, este estará sempre dependente da graça de Deus.

²⁸⁹ Cf. Inst. III 14.1, p. 231.

²⁹⁰ Inst. III 14.6, p. 236.

²⁹¹ BERKHOF, 1988, p.83.

²⁹² Inst. III 14.9, p. 239.

[...] Assim, os fiéis não tem outra justiça possível até o fim da vida senão aquela que ali descreve. Porque Cristo permanece para sempre como Mediador, para reconciliar-nos com o Pai, e a eficácia e a virtude de sua morte é perpétua, a saber, a ablução, a satisfação, a expiação e a obediência perfeita que ele teve em virtude da qual todas as nossas iniquidades foram ocultadas.²⁹³

3.4.5 *As boas obras enquanto “fruto” do Espírito Santo*

No capítulo quatorze do terceiro volume das Institutas, Calvino fala acerca da correta atitude do crente em relação ao mérito humano:

Duas são as pestes que mais devem ser arrancadas de nosso espírito: uma, que ponham a confiança da justiça em nossas obras; outra, que lhes atribuam glória. A cada passo, a Escritura nos priva de toda confiança em nossas justicas, ao dizer que todas elas fedem perante Deus, a menos que tirem seu bom odor da inocência de Cristo; de nada são capazes, senão de provocar o castigo de Deus, a menos que se apoiem em sua misericórdia. Assim, a Escritura não nos deixa senão implorar a clemência de nosso juiz para alcançar a misericórdia [...].²⁹⁴

Calvino afirma que a justiça humana fede perante Deus, se este não buscar o bom odor perante Cristo. E esse odor o crente pode apenas buscar através da comunhão com Cristo. Se o crente deposita sua confiança apenas na justiça humana, poderíamos assim concluir que o ser humano não é nascido de novo pela graça de Deus, mas sim, pelas próprias obras. Por isso, Calvino afirma que o crente pode obter essa certeza apenas quando não é movido por suas próprias obras, mas antes, confia na justiça de Deus.²⁹⁵

Cristo é, pois, a única garantia do crente, e recebe a graça da justificação apenas por meio da fé,²⁹⁶ conforme aponta:

[...] perante o julgamento de Deus não havemos de apoiar-nos na confiança de nenhum tipo de obra, e que de nenhum modo devemos nos gloriar delas. Além disso, a harmonia entre ambas as coisas está em que os santos, quando se trata de estabelecer e fundamentar sua salvação sem consideração alguma de suas obras, fixam os olhos exclusivamente na bondade de Deus. E não somente se voltam para ela, acima de todas as coisas, como princípio de sua bem-aventurança, mas repousam em seu cumprimento.²⁹⁷

É por isso que a regeneração e justificação do crente é fruto do Espírito Santo, e não fruto de seu próprio trabalho. É também possível afirmarmos as boas obras enquanto “fruto”

²⁹³ Inst. III 14.11, p. 240.

²⁹⁴ Inst. III 14.16, p. 244.

²⁹⁵ Cf. Inst. III 14.16, p. 244;

²⁹⁶ Cf. Inst. III 14.17, p. 244-245;

²⁹⁷ Inst. III 14.18, p. 246.

da graça de Deus. O crente faz boas obras justamente por ser filho e filha de Deus, sendo que para Calvino as boas obras são nada mais do que um presente.²⁹⁸

Da mesma forma, Calvino aponta para dois motivos pelos quais as boas obras do crente não podem vangloriá-lo perante Deus, “[...] porque, se tem algumas boas obras, não vê nelas nada que seja seu; e porque mesmo o que há de bom está como que enterrado pelo grande número de seus pecados.”²⁹⁹

Portanto, Deus presenteia o crente com a graça pelo Espírito Santo para que este possa praticar boas obras. Sob esta perspectiva as boas obras são dom do Espírito Santo. Os regenerados podem perfeitamente praticar boas obras, desde que sua vida seja conduzida em comunhão com Cristo pelo Espírito Santo. As boas obras são um sinal de que o crente está em comunhão com Cristo pelo Espírito Santo.

3.5 A vida santificada

Já afirmamos anteriormente que da mesma forma como a santificação acontece na regeneração, assim ela também ocorre depois dela por meio da graça de Deus – que atua no processo de santificação. É depois da regeneração que o crente vive uma vida santificada. Conforme Calvino, após a regeneração os crentes são “liberados da servidão do pecado [...] como se já estivessem de posse de inteira liberdade, sem experimentar moléstia alguma causada por sua carne.”³⁰⁰ Ainda assim, Calvino entende que o pecado continua a morar no ser humano,³⁰¹ contudo, a graça de Deus coloca o ser humano na luta contra o pecado para que aconteça a santificação – que é obra do Espírito Santo no crente.

Para Calvino, o Espírito Santo não é apenas o Espírito da santificação, mas o Espírito do Cristo. O crente está em comunhão com Cristo quando está em comunhão com o Espírito Santo: “deve-se considerar que Cristo veio promovido do Espírito Santo de um modo peculiar, isto é, para afastar-nos do mundo e abrigar-nos na esperança da herança eterna. Por isso é chamado de ‘espírito da santificação’...”³⁰². Portanto, sem comunhão com Cristo por meio do Espírito Santo não há graça de Deus – viabilizada pelo Espírito Santo.

Conforme o terceiro volume das Institutas, para Calvino a participação do crente na santificação do Cristo não é nada mais do que a comunhão com Cristo, como consta no

²⁹⁸ Cf. Inst. III 14.20, p. 247-248.

²⁹⁹ Inst. III 14.20, p. 248.

³⁰⁰ Inst. III 3.10, p. 76.

³⁰¹ Inst. III 3.10, p. 76.

³⁰² Inst. III 1.2, p. 18.

evangelho de João: “E a favor deles eu me santifico a mim mesmo, para que eles também sejam santificados na verdade” (João 17.19). Dessa forma, Calvino aponta que a santificação é o sinal de que o crente está em comunhão com Cristo.

Podemos afirmar então que o crente não foi regenerado por méritos próprios, mas antes pela graça de Deus. Aquilo que o crente recebeu durante a regeneração, isto sim, é pura graça da participação do crente com Cristo, conforme aponta:

Porque elas não somente significam que a faculdade de conseguir justiça e de adquirir a salvação nos vem pela fé em Cristo, mas que nos são dadas nele. Assim, tão logo somos incorporados pela fé a Cristo, por ele somos feitos filhos de Deus, herdeiros do reino dos céus, partícipes da justiça, possuidores da vida, e, para melhor refutar suas mentiras, não somente alcançamos a oportunidade de merecer, mas todos os méritos de Cristo, pois todos nos são comunicados.³⁰³

Jesus Cristo é o doador de toda bondade que vem de Deus para o crente. Todos os benefícios da santificação são dados por meio da comunhão do crente com Cristo. Portanto, aquilo que Cristo já fez o crente recebe na comunhão com Ele.

O crente pode ter a comunhão com Cristo, na medida em que a tem com o Espírito Santo. Quando o Espírito habita no coração humano, isto não é nada mais do que o próprio Cristo que habita o seu coração.³⁰⁴

Portanto, é enquanto membro do Corpo de Cristo que o crente permanece em santificação, e a vida santificada é possibilitada ao crente por meio da graça e força do Espírito Santo: “E, para melhor despertar-nos, mostra-nos de que forma Deus Pai nos reconciliou consigo em seu Cristo, como gravou nele imagem à qual quer que nos conformemos (Rm. 6,18).”³⁰⁵

3.6 Considerações finais

Podemos considerar que existem duas dimensões na relação entre ser humano, e Deus, conforme Calvino. Por um lado existe o confronto entre Deus e ser humano, por outro a comunhão entre Deus e ser humano. Nessa dialética que se constrói o pensamento teológico de Calvino. A dialética podemos ver de forma clara quando Calvino fala 1) a vontade de Deus é a comunhão com o ser humano; 2) Depois da queda, o ser humano rompeu relação com

³⁰³ Inst. III 15.6, p. 255-256.

³⁰⁴ Cf. Inst. II 9.3, p. 89. “[...] Pois a Lei do Senhor é letra morta e mata os que leem sem a graça de Cristo; soa somente aos ouvidos, sem tocar o coração. Mas, se é eficazmente impressa nos corações pelo Espírito, exhibe o Cristo e é Palavra de vida, convertendo as almas, emprestando sabedoria aos pequenos, etc.”

³⁰⁵ Inst. III 6.3, p. 155.

Deus. E assim podemos detectar a grande função do Espírito Santo que vem para atualizar a graça e o perdão de Deus para com o ser humano – que recebe, por sua vez, o Cristo da cruz na sua vida.

A vontade de Deus é a regeneração por meio da obra de Jesus Cristo pela qual o ser humano retoma sua comunhão com Deus. Justamente por que o ser humano não pode por si chegar à regeneração, o Espírito Santo é enviado por Deus para fazer o convite à comunhão com Deus. Assim, podemos também concluir que na medida em que a regeneração e comunhão com Cristo aparecem na teologia de Calvino, ali o Espírito Santo desempenha papel fundamental e decisivo. Igualmente quando o ser humano se reconhece enquanto pecador diante de Deus, ele então, recebe pelo Espírito Santo a libertação e perdão dos pecados.

Na doutrina da justificação e santificação, Calvino aponta para a justiça e a santificação dados para os seres humanos, injustos e pecadores. Mesmo diante da imperfeição o ser humano é regenerado por Deus, e após o novo nascimento recebe pelo Espírito Santo a graça de Deus. Importante ainda e último aspecto que queremos destacar, é que, na união com Cristo, Calvino aponta para os crentes enquanto membros do corpo de Cristo, diferenciando-os, assim, do próprio Cristo. Portanto, Calvino justapõe o ser humano e Deus na sua teologia afastando o perigo do entusiasmo e da ameaça da mística. Assim, o Espírito Santo continua agindo na vida do crente, tanto na justificação/santificação como após a união do crente com Cristo, até o momento em que, de fato, o ser humano se tornará um com Cristo na salvação.

CONCLUSÃO

Nossa intenção não é “fechar” os pensamentos até aqui apresentados. Apresentaremos na sequência alguns pontos conclusivos que apontam para descobertas feitas a partir da pesquisa em Lutero e Calvino, e, ao mesmo tempo, queremos motivar para novos questionamentos.

No primeiro capítulo observamos o Espírito Santo enquanto desafio. É possível perceber que as manifestações do espírito que suscitam a partir dos movimentos: carismático e pentecostal, constituem uma verdadeira ameaça para a nossa “pneumatologia acadêmica”. Os aspectos que arrolamos no primeiro capítulo causam insegurança inclusive para a existência de Igrejas. Procuramos, nesse sentido, não absolutizar nenhuma posição, antes, abordar com sensibilidade a realidade subjetiva do relacionamento entre espírito humano e Espírito Santo, e ainda, na avaliação da experiência humana. Assim sendo, procuramos encaminhar a discussão do primeiro capítulo para um evento único, a saber, o próprio Cristo enquanto norma para avaliação.

Talvez a pneumatologia seja exatamente o local em que seja possível inserir a experiência pessoal, em que irrompe o subjetivo, o existencial, o vivencial. Ao mesmo tempo, ela precisa analisar de forma crítica seus conteúdos para que seja possível distinguir o que de fato é ação do Espírito Santo e o que não passa de meras palavras ou expressão apenas humana. Retomando escritos da Reforma, foi em Lutero e Calvino que encontramos perspectivas para entendermos de que forma age do Espírito Santo no ser humano e em que medida há algum tipo de sinergia nesse sentido. De viés mais ortodoxo, em que a fé é pautada pela razão, apresenta-se Lutero; de viés mais prático, preocupado com a estruturação da Igreja e de certa forma, preocupado com a práxis da fé, apresenta-se Calvino.

No segundo capítulo apresentamos a influência para a pneumatologia de Lutero a partir do embate com o entusiasmo. Não há espaço para a especulação na teologia de Lutero, e não há espaço para a percepção dualista do ser humano, onde há uma parte superior e uma inferior. A partir de Lutero o Espírito Santo recebe uma posição clara, como sendo o próprio Cristo. O Espírito faz Cristo vir até o crente. Assim sendo, podemos concluir com Lutero que:

1. O Espírito Santo não depende de quaisquer contribuição humana, pois o ser humano é incapaz de tomar qualquer iniciativa. Sempre a ação primeira é de Deus! Portanto, a viabilidade humana está radicalmente excluída; a ação do Espírito Santo é um “inclinarse” de Deus em favor do ser humano, em outras palavras, é o presentear da fé.
2. A fé provocada pelo Espírito Santo de Deus pode ser considerada a certeza da salvação por parte do crente.

Por fim, o Espírito Santo age pela Palavra e Sacramentos onde o crente tem a possibilidade diária do “afogar o velho Adão e renascer em Cristo”. Em suma: pelo Espírito Deus faz pelo crente aquilo que ele não é capaz de fazer por si mesmo.

No terceiro capítulo verificamos a partir de Calvino o relacionamento do Espírito Santo com o crente que resulta na “união com Cristo”. Também para Calvino o Espírito Santo é quem conduz o crente ao Cristo. Calvino dá ênfase maior para a santificação do crente, e afirma que a santificação é o sinal da comunhão do crente com Cristo. Pela graça de Deus o ser humano é regenerado e tem o coração habitado pelo Espírito Santo, o que é nada mais do que a presença do Cristo na vida do crente. A concepção pneumatológica de Calvino aponta para os temas “fé” e “regeneração”, na sequência para a penitência, enquanto um processo contínuo de justificação e santificação do crente. Em suma: o agir do Espírito no crente é um processo que inicia no nascimento e encerra na morte. Durante a vida do ser humano, Deus por meio do Espírito age com paciência no processo de santificação. Também as boas obras são um sinal de que o crente está em comunhão com Jesus Cristo por meio do Espírito Santo.

Portanto, podemos concluir que mesmo com diferenças, trata-se de duas perspectivas em que a ação primeira é de Deus em direção ao crente, com destaque para a Palavra e a comunhão com Cristo. O Evangelho anuncia o perdão e a graça - é dessa forma que Deus nos oferece a sua resposta, por meio do Espírito Santo.

REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- ALTHAUS, Paul. *A teologia de Martinho Lutero*. Canoas, RS: ULBRA, Porto Alegre, RS: Concórdia, 2008.
- ALTMANN, Walter. *Evangelização: Reflexão a partir de Lutero e no contexto ecumênico protestante mundial*. Estudos Teológicos, São Leopoldo, 1976, v.01, p. 18-29.
- ALTMANN, Walter. *Lutero e libertação*. São Paulo: Ática, 1994.
- ALVES, Rubem. *Dogmatismo e tolerância*. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.
- ASENDORF, Ulrich. *Heiliger Geist und Rechtfertigung*. Goettingen: V&R unipress GmbH, 1.Aufl., 2004.
- AULÉN, Gustav. *A fé cristã*. São Paulo: Aste, 2002.
- BAYER, Oswald. *A teologia de Martim Lutero: uma atualização*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- BAYER, Oswald. *Viver pela fé: justificação e santificação*. São Leopoldo: Sinodal, 1997.
- BERKHOF, Hendrikus. *Theologie des Heiligen Geistes*. Neukirchener Verlag, Neukirchen-Vluyn, 1988.
- BONING, Claudio. *'O mundo está cheio de Deus!': a mística na teologia de Martinho Lutero*. PPG – Faculdades EST: São Leopoldo, RS, 2013, p. 23-30. (Dissertação de mestrado)
- BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. (Eds.). *Dogmática Cristã*. São Leopoldo: Sinodal. v.1, 1995.
- BRAATEN, Carl E; JENSON, Robert W. (ed.). *Dogmática Cristã*. São Leopoldo: Sinodal, 1995. v. 2.
- BRAKEMEIER, Gottfried. *A autoridade da Bíblia: controvérsias – significado – fundamento*. 2. Ed. – São Leopoldo, RS: Sinodal, Centro de Estudos Bíblicos, 2003.
- BRAKEMEIER, Gottfried. *O Espírito Santo e a Igreja luterana*. In: Estudos Teológicos, São Leopoldo, v.40, n.2 , p. 05-10, ago. 2000.
- BRAKEMEIER, Gottfried. *O ser humano em busca de identidade: contribuições para uma antropologia teológica*. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo: Paulus, 2002.
- BRANDT, Hermann. *Espiritualidade: Vivência da graça*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2006.
- BRANDT, Hermann. *O Espírito Santo*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1985.

BRECHT, Martin. *Martin Luther: Sein Weg zur Reformation. 1483-1521*. Stuttgart: Calwer Verlag, 1981.

BUCHRUCKER, Armin-Ernst. *Wort, Kirche und Abendmahl bei Luther*. Bremen: Verlag Stelten & CO, 1972.

BUSCH, Eberhard. *Gotteserkenntnis und Menschlichkeit*. Einsichten in die Theologie Johannes Calvins. Theologischer Verlag Zürich: Zürich, 2005.

CALVIN, Johannes. *Unterricht in der christlichen Religion*. Nach der letzten Ausg. von 1559 übers. und bearb. von Otto Weber. Im Auftr. des Reformierten Bundes bearb. und neu hrsg. von Matthias Freudenberg. 2. ed. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 2009.

CALVINO, João. *A instituição da religião cristã*. São Paulo: UNESP, 2009. Tomo I e II

COMBLIN, José. *A força da palavra*. Petrópolis: Vozes, 1986.

COMBLIN, José. *O Espírito Santo no mundo*. São Paulo: Paulus, 2010.

DREHER, Martin N. O profeta Thomas Muentzer: Thomas Muentzer, um profeta? *Estudos Teológicos*, Vol./No. 22/3, 1982, p. 195-214.

DREHER, Martin N. *De Luder a Lutero: uma biografia*. São Leopoldo: Sinodal, 2014.

DREHER, Martin N. (Org.) *Reflexões em torno de Lutero*. São Leopoldo: Sinodal, 1984. v. 2.

EBELING, Gerhard. *O pensamento de Lutero: uma introdução*. São Leopoldo: Sinodal, 1988.

FISCHER, Joachim. Lutero e Müntzer. *Estudos Teológicos*, v. 29, p. 7-15, 1989.

FISCHER, Joachim. O homem – um entusiasta? A atualidade do tema Lutero e os entusiastas. In: DREHER, Martin N. (org.). *Reflexões em torno de Lutero*. São Leopoldo: Faculdade de Teologia, 1981. v.1, p. 49-69.

FISCHER, Joachim. *Reforma: renovação da Igreja pelo evangelho*. São Leopoldo: EST, Sinodal, 2006.

FREUDENBERG, Matthias. *Reformierte Theologie*. Eine Einführung. Neukirchen-Vluyn, 2011.

GEORGE, Timothy. *Teologia dos Reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1993.

GUNNEWEG, Antonius H. J. *Hermenêutica do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, Escola Superior de Teologia, 2003.

GUTIÉRREZ, Benjamim F.; CAMPOS, Leonildo Silveira. *Na força do espírito: um desafio às igrejas históricas*. São Paulo: Associação Evangélica Literária Pendão Real, São Bernardo do Campo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1996.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação: perspectivas*. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

HÄGGLUND, Bengt. *História da Teologia*. 8. ed. Porto Alegre: Concórdia, 2014.

HÄRLE, Wilfried: *Dogmatik*. Walter de Gruyter GmbH & Co, KG, 2012.

HELMER, Christine. *Lutero: um teólogo para tempos modernos*. São Leopoldo, RS: Sinodal, Faculdades EST, 2013.

HEMPELMANN, Reinhard. *Sakrament als Ort des Vermittlung des Heils: Sakramententheologie im evangelisch-katholischen Dialog*. Goettingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1992.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL.; ALTMANN, Walter; BOCK, Carlos Gilberto; HASENACK, Johannes Friedrich. *Batismo: diálogo com o Movimento Carismático na IECLB*. Porto Alegre: IECLB, 2006. (Documentos da Presidência II)

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Censo demográfico 2010*. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: 2010.

JENSEN, Richard A. *O toque do espírito: a luta de um homem para compreender a sua experiência com o Espírito Santo*. São Leopoldo: Sinodal, 1985.

JENSON, Robert W. (Ed.). *Dogmática Cristã*. v. 2. São Leopoldo: Sinodal, 1995. p. 259-394.

KAUFMANN, Thomas. *Martin Luther*. C. H. Beck, München, 2006.

KILPP, Nelson. O Batismo e a Ceia do Senhor na tradição luterana e no diálogo presente. *Estudos Teológicos*, Vol./No. 38/1, 1998, p. 15-33.

KLUGE, Friedrich: *Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache*, bearbeitet von Elmar Seebold, Berlin, 1989.

KUYPER, Abraham. *A obra do Espírito Santo: o Espírito Santo em ação na igreja e no indivíduo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

LAU, Franz. *Lutero*. São Leopoldo: Sinodal, 1974.

LINDBERG, Carter. *Reformas na Europa*. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

LIENHARD, Marc. *Martim Lutero: tempo, vida, mensagem*. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

LIVRO DE CONCÓRDIA: as Confissões da Igreja Evangélica Luterana. Editado por Darci Drehmer, tradução e notas de Arnaldo Schüler. 6. ed. Porto Alegre: Concórdia, São Leopoldo: Sinodal, Canoas: Editora da Ulbra, 2006.

LOEWENICH, Walter von. *A teologia da cruz de Lutero*. São Leopoldo: Sinodal, 1988.

LOHSE, Bernhard. *A fé cristã através dos tempos*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1981.

LOHSE, Bernhard. *Luthers Theologie in ihrer historischen Entwicklung und in ihrem systematischen Zusammenhang*. Goettingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1995.

LUTERO, Martinho. Carta aos Príncipes da Saxônia sobre o Espírito Revoltoso. In: _____. *Obras Seleccionadas*. Ética: Fundamentos da Ética Política – Governo – Guerra dos Camponeses – Guerra contra os Turcos – Paz Social. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia, 1995a. v. 6.

_____. Da Vontade Cativa. In: *Obras Seleccionadas*. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia, v. 4, 1993. p. 11-216.

_____. Lutero e os antinomistas. In: *Obras Seleccionadas*. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia, v. 4, 1993. p. 376-438.

_____. De servo arbítrio [1525]. In _____, *Obras seleccionadas: Debates e controvérsias II*. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia, 1996. v. 4.

_____. Um sermão sobre o venerabilíssimo sacramento do santo e verdadeiro corpo de Cristo e sobre as irmandades, do Doutor Martinho Lutero, Agostiniano. In: LUTERO, Martinho. *Obras Seleccionadas*. Os primórdios. Escritos de 1517 a 1519. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia, 2004a. v. 1, p. 425-444.

_____. Carta aos Príncipes da Saxônia sobre o Espírito Revoltoso. In: _____. *Obras Seleccionadas*. Ética: Fundamentos da Ética Política – Governo – Guerra dos Camponeses – Guerra contra os Turcos – Paz Social. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia, 1995a. v. 6, p. 286-299.

_____. *Catecismo Maior do Dr. Martinho Lutero*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2012.

_____. *D. Martin LUTHERs Werke: kritische Gesamtausgabe*. Weimer, 1914. 50 Band. p. 654-661.

_____. *D. Martin LUTHERs Werke: kritische Gesamtausgabe*. Weimer, 1939. 57. Band. p. 97-238.

_____. Da Santa Ceia de Cristo – Confissão. In: _____. *Obras Seleccionadas*. Debates e Controvérsias, II. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia, 1993. v.4, p. 217-375.

_____. Do Cativeiro Babilônico da Igreja: Um Prelúdio de Martinho Lutero. In: _____. *Obras Seleccionadas*. O Programa da Reforma: Escritos de 1520. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia, 2000a. v.2, p. 253-257.

_____. Dos Concílios e da Igreja. In: *Obras seleccionadas: Debates e Controvérsias, I*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1992a. v.3, p. 300-432.

_____. O debate de Heidelberg. In: *Obras selecionadas: Os primórdios – escritos de 1517 a 1519*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2004c. v.1, p. 35-54.

_____. Tratado de Martinho Lutero sobre a Liberdade Cristã. In: _____. *Obras Selecionadas*. O programa da Reforma – Escritos de 1520. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia, 2000b. v. 2, p. 435-460.

_____. Um sermão sobre a Contemplação do Santo Sofrimento de Cristo. In: _____. *Obras Selecionadas*. Os primórdios. Escritos de 1517 a 1519. v. 1. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia, 2004d. v.1, p. 249-256.

_____. Uma singela forma de orar, para um bom amigo. 1535. In: _____. *Obras Selecionadas*. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia, 1995b. v. 5, p. 132-148.

_____. Von der Widertauffe an zween Pfarherrn. Ein brieff Mart. Luther. In: _____. *D. Martin LUTHERs Werke: kritische Gesamtausgabe*. Weimer, 1909. 26 Band. p. 137-174.

_____. Wider die himmlischen Propheten, von Bildern und Sakrament, 2. Teil. In: _____. *D. Martin LUTHERs Werke: kritische Gesamtausgabe*. Weimer, 1908. 18 Band. p. 126-214.

MEYER, Harding. O Espírito Santo e a renovação da Igreja. *Estudos Teológicos*, Vol./No. 5/4, 1965. p. 169-179.

MUELLER, Enio R. [et alii]. *Lutero, o teólogo*. Canoas, RS: ULBRA, 2004.

MUELLER, Enio R. *Teologia Cristã: em poucas palavras*. São Paulo: Teológica; São Leopoldo, RS: Escola Superior de Teologia, 2005.

MÜNTZER, Tomás. Manifesto de Praga. In: DE BONI, Luis Alberto. *Escritos seletos de Martinho Lutero, Muentzer e João Calvino*. Petrópolis: Vozes, 2000. p.175-184.

OTTO, Rudolf. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. São Leopoldo: Sinodal, EST, Petrópolis: Vozes, 2007.

PASSOS, João Décio. (Org.). *Movimentos do Espírito: matrizes afinidades e territórios pentecostais*. São Paulo: Paulinas, 2006.

PASSOS, João Décio. *Como a religião se organiza: tipos e processos*. São Paulo: Paulinas, 2006.

PEDDE, Valdir. Apontamentos sobre o surgimento do Movimento Carismático (Movimentos de Renovação Espiritual) na IECLB. *Estudos Teológicos*, v.42, n.3, p. 29-51, 2002.

PLASGER, Georg. *Johannes Calvins Theologie – Eine Einführung*. Vandenhoeck & Ruprecht, Göttingen, 2009.

PRENTER, Regin. *Spiritus creator: studien zu Luthers Theologie*. Muenchen: Chr. Kaiser Verlag, 1954.

SCHEIBLE, Heinz. *Melanchthon: uma biografia*. São Leopoldo: Sinodal, 2013.

SCHMIDT, Kurt Dietrich. A doutrina de Lutero acerca do Espírito Santo. In: SCHMIDT, Kurt Dietrich. *A presença de Deus na história*. São Leopoldo: Sinodal, p. 77-95, 1982.

SELDERHUIS, Herman J., (Hg.) *Calvin Handbuch*. Mohr Siebeck, Tübingen, 2008.

SINNER, Rudolf von. *Confiança e convivência: reflexões éticas e ecumênicas*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

STRECK, Gisela I. W; LAUX, Núbia M (Orgs.). *Manual de normas para trabalhos científicos: baseado nas normas da ABNT*. 2 ed. rev. e atual. São Leopoldo: EST/ISM, 2009.

STROHL, Henri. . *O pensamento da Reforma*. São Paulo: ASTE, 2004.

TILLICH, Paul. *Dinâmica da fé*. São Leopoldo: Sinodal, 1974.

TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. 6. ed. revista São Leopoldo: Sinodal, 2005.

ZILLES, Urbano. *O problema do conhecimento de Deus*. 2. ed. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 1997.

WACHHOLZ, Wilhelm. *História e teologia da Reforma: Introdução*. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

WACHHOLZ, Wilhelm. O progresso do Espírito: O céu como alvo e o inferno como consequência. O paradigma trinitário em Agostinho, Fiore, Conte e Hegel no diálogo com o pensamento de Lutero. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 47, n. 2, p. 05-26, 2007.

WATSON, Philip S. *Deixa Deus ser Deus: uma interpretação da teologia de Martinho Lutero*. Canoas: ULBRA, 2005. p. 234; BAYER, 2007.

WEGNER, Uwe. A dialética entre lei e evangelho à luz do Novo Testamento: inferências éticas e homiléticas. *Estudos Teológicos*, v. 45, n. 2 , 2005. p. 141-165.

WELKER, Michael. *O Espírito de Deus: teologia do Espírito Santo*. Trad. Uwe Wegner. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

WESTHELE, Vítor. *O Deus escandaloso: o uso e abuso da cruz*. São Leopoldo: Sinodal/EST. 2008.

WULFHORST, Ingo. *Discernindo os espíritos: o desafio do espiritismo e da religiosidade Afro-Brasileira*. São Leopoldo: Sinodal, 1989.

WULFHORST, Ingo. *Espiritismo e fé cristã: onde está a diferença?* São Leopoldo: Sinodal, 1995.

WULFHORST, Ingo; BOBSIN, Oneide; RIETH, Ricardo Willy; WEGNER, Uwe. FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL Departamento de Teologia e Estudos. *Espiritualismo/espiritismo: desafios para a Igreja na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, Genebra: Federação Luterana Mundial, 2004.

Sites

BARTZ, Alessandro. *Transito religioso no Brasil: mudanças e tendências contemporâneas*. In.: SINNER, Rudolf Eduard von; REBLIN, Iuri Andréas. (Orgs.) *Religião e sociedade: desafios contemporâneos: Anais do I Congresso Internacional da Faculdades EST, 10 a 14 de Setembro de 2012, São Leopoldo, RS. São Leopoldo, RS: Faculdades EST, 2012. p.258-273. Disponível em: <<http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/viewFile/27/21>> (Acesso em fevereiro de 2015)*

FRESTON, Paul. *Protestantismo e catolicismo na América Latina: desafios da democracia e do pluralismo religioso*. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3791&secao=358> (Acesso em fevereiro de 2015) >

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo de 2010. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2170&view=noticia>> (Acesso em 13 de março de 2015)

MOON, Myung-Sun. *Das Wirken des Heiligen Geistes zur Stiftung der Gemeinschaft mit Jesus Christus* : (Eine Untersuchung zu Johannes Calvins Pneumatologie nach der Institutio von 1536 und der Institutio von 1559). Disponível em: <<http://archiv.ub.uni-heidelberg.de/volltextserver/8154/>>